DT471
.B84

-CAMINHO-D-AFRICA
PARTIAL TITLE

THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

DT471
.B84

This book is due at the LOUIS R. WILSON LIBRARY on the last date stamped under "Date Due." If not on hold it may be renewed by bringing it to the library.

DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.
Form No. 513			

150

BRITO CAMACHO

A caminho d'Africa

IN HOC SIGNO VINCES

1923
Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

K

A caminho d'Africa

Composto e impresso na Imprensa
✤ ✤ *de Manuel Lucas Torres* ✤ ✤
R. Diario de Noticias, 59 e 61, Lisboa

BRITO CAMACHO

DT471
.B34

A
Caminho d'Africa

1923
Livraria Editora
GUIMARÃES & C.ª
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

LIBRARY
UNIVERSITY OF NORTH CAROLINA

3

De Lisboa ao Funchal

Quantos anos vão passados!

O *Funchal*, ancorado a meio do rio, tinham-me dito na Agencia que largaria ás duas horas. Soprava da barra um vento forte, que enrugava a superficie das aguas, formando ondas, podendo dizer-se, com desculpavel exagero, que a vaga era alterosa.

Nuvens em massa deslocavam-se na lentidão de giboias fartas, abrindo no ceu largas clareiras atravez das quaes, lá muito em cima, os olhos se prendiam a trechos da abobada celeste, dum azul de turqueza. O Saragoçano era então quem dava a chuva e o bom tempo, o verdadeiro *Deus super omnia* dos almanaques borda-d'agua. Tinha ele dito que um desabrido temporal bateria o oceano, naquele dia, entre as costas da Peninsula e a ilha da Madeira, e tudo se dispunha para o não deixar por mentiroso.

— Quer bote patrão ?

Já tinha a bordo a bagagem, um bahú com roupa, dos meus tempos de estudante, um caixote com livros, obras de medicina, que eram a ferramenta do

47

14605 90

2-21-75

oficio, e algumas obras de literatura, que eram o indispensavel farnel para uma demora grande, dois ou trez anos, no arquipelago açoriano.

Saltei para o bote, ajustando a passagem por cinco tostões.

Saudosos tempos!

Hoje o barqueiro ter-me-hia pedido cinco mil-reis, e se eu não tratasse com ele de chapeu na mão, era capaz de me pregar com um remo na cabeça.

Comandava o *Funchal* um velho marinheiro, o Andrade, a quem eu tinha sido apresentado, na vespera.

— Teremos boa viagem, comandante?

— Por certo... Um bocadinho mexida quando passarmos a barra.

Tomei ares de viajante, substituido o chapeu por um bonet, e puz-me a olhar Lisboa como se nunca a tivesse visto, ou como se tivesse o presentimento de que não tornaria a vel-a. Não ficam os Açores no fim do mundo, a uma distancia infinita do continente; mas gastam-se alguns dias para lá chegar, e quem embarca pela primeira vez, tendo de passar algumas noites a bordo, não se furta a uma vaga impressão de mysterio, em que entra a curiosidade e o receio.

Parecia-me que a cidade tinha agora um aspecto mais interessante no amontoado das suas casarias; que as suas colinas tinham um contôrno mais geometrico, de linhas mais graciosas, e que as torres das suas igrejas, recortando-se numa atmosfera de minima transparencia, desenhavam silhuetas que tinham a leveza de sombras n'um *écran* cinematografico. O que eu pretendo, o que eu desejo, é fixar tudo na retina, como numa chapa fotografica, que depois revelarei, com a nitidez mais perfeita, nas horas tristes da saudade, o dôce amargo dos infelizes, na frase admiravel do poeta.

Passeio a vista por todos os pontos da cidade, demorando-a, naturalmente, num ou outro que me interessa mais, figurando os que não posso ver, em termos que ao pôr-se o navio em marcha eu tenho Lisboa dentro dos olhos, orvalhando-a de lagrimas.

Se haverá desgraçados que nunca choram!

Vai o barco descendo o rio lentamente e aos solavancos, e eu sinto os olhos presos á cidade, no seu conjuncto, e nunca ela me pareceu tão bela, tão deliciosamente encantadora. Quasi tenho a impressão da linda mulher que se amou muito e se não gosou bastante, só fazendo reparo na magia dos seus encantos depois de a termos perdido... Lamento por ti, disse a freira de Beja, os infinitos prazeres que perdeste.

Desvio os olhos para o outro lado, e deixando-os correr pela terra fóra, parece-me que consigo vêr lá muito longe, na modesta casa em que nasci, a santa mulher que chorará até que eu volte, nem sequer estancando as lagrimas quando receber as minhas noticias, porque elas lhe reaviverão a saudade.

Levava inteirinho, dentro do peito, o coração, apenas tocado de amores efemeros, e comtudo sentia-o dolorido, a bater com força, numa ataxia comocional, tendo ás vezes a impressão de que ia parar de cansado.

Já longe, em pleno mar revolto, não me desarranco da ponte, ao lado do comandante, e quando a terra me desaparece por completo, sumidos os pincaros mais altos de Sintra, corro a meter-me no camarote, para chorar á vontade. — Era a primeira viagem que fazia por mar, e embora me destinasse a terras portuguesas, parecia-me que ia para o desconhecido, trilhando um caminho semeado de perigos, povoado de misterios!

Vão passados tantos anos!

*

Na Agencia disseram-me que o navio largaria ao meio dia em ponto, e eu quero estar a bordo muito antes dessa hora.

Sinto vontade de dizer adeus a todas as pessoas que encontro, mesmo ás que não conheço, e não é sem comoção que me despeço dos indiferentes que me desejam bôa viagem e o melhor exito para a missão de que tomei encargo.

A's onze horas o vasto caes a que vapor está atracado regorgita de pessoas que ali vieram despedir-se de alguem, um amigo ou um parente; mas eu doume a ilusão de que todos ali se encontram para se despedirem de mim, e todos apertaria contra o peito, ao mesmo tempo, se para tanto me chegasse o tamanho dos braços.

A entrada a bordo é defeza a quem não segue viagem, excepto á gente de serviço, e no caes a desordem é completa. A' medida que se aproxima a hora de largar, adensa-se a multidão junto á ponte, de tal modo que os viajantes retardados servem se dos cotovelos como de alavancas — com licença! com licença! — no receio de ouvirem gritar de bordo — larga!

Quereria apertar todas as mãos amigas que se me estendem, lançar-me em todos os braços que se me abrem, beijar as pequeninas bocas que me sorriem, dos pequeninos amigos que eu tenho, e que são dos maiores amigos que conto. Enchem-se-me os olhos de lagrimas, que não reprimo, e de que não me envergonho, porque elas afirmam que ainda se não esgotou por completo aquela abundancia de afectos com que me dotou a Natureza, e que os baldões da sorte, somando-se á maldade das pessoas, tem vindo a desfalcar ao longo duma existencia para a qual — ai de mim! — já não ha dôres ineditas.

Eu sei lá a sorte que me espera!

Vou, pela vez primeira, transpôr o equador da terra, tendo transposto, ha muito, o equador da vida, e o clima d'Africa, na larga faixa inter-tropical, é implacavel para com os que o afrontam, não lhe podendo já oferecer a resistencia duma vigorosa e sadia mocidade. Talvez eu tenha adquirido, á força de babujado pelos mais peçonhentos bichos da politica, uma especie de mytridatismo que me imunise contra os venenos da fauna patologica d'Africa. Para mais, a minha vida a ninguem é precisa, sem filhos legitimos, sem filhos naturaes, nem sequer colaborador anonimo na ossificação de qualquer Macario, na frase singularmente expressiva e pitoresca de Camilo.

A Natureza compraz-se, muitas vezes, em ser má, como as pessoas, e uma das suas maldades consiste precisamente em poupar os inuteis e sacrificar os prestimosos.

Sim; é possivel que eu regresse da longa viagem que vou fazer; mas sabe Deus se encontrarei tudo o que deixo, os amigos a quem muito estimo, as creanças a quem muito quero, os parentes mais proximos que são, por assim dizer, na linguagem dos Evangelhos, o sangue do meu sangue, a carne da minha carne.

Soltam-se os cabos que prendem o navio, e é como se no imenso caes apinhado esvoaçasse um bando de pombas nevadas. Sente-se a crispação nervosa de tantas mãos que agitam lenços — bôa viagem! bôa viagem! — e até parece que o rumor vago, o susurro indefinido que chega a bordo, como a ancia de alguem que não pode ir e mal se resigna a ficar, até parece que esse vago rumor, esse indefinido sussurro é o rythmo perturbado de corações opressos, batendo com força desusada...

Perdem-se-me os olhos boiando por sobre um mar de cabeças, e num esforço doloroso de intensificação, — é ela, com certeza! — ainda lobrigo a Joia a acenar-me com um dos lencinhos bordados que lhe dei no dia dos seus anos, e que ela me pagou á razão de cinco réis cada um, não fosse ter quebranto a nossa amizade...

Explende o sol, engastado no puro azul do céo, muito alto, duma transparencia de cristal: a esteira do navio é um *chemin* de rendas finas, trabalhadas por divindades maritimas, as Tagidas minhas do poeta, e as gaivotas, esvoaçando em torno do navio, acompanhando-o, quer me parecer que trazem nas azas todos aqueles lenços que acenavam do caes — bôa viagem! bôa viagem!

*

Marcha o navio lentamente, com uma lentidão que faria o desespero de quem tivesse pressa. Pois ainda me parece que ele marcha com demasiada velocidade, porque sinto os olhos presos á terra, e tenho a impressão de que m'os arrancam á medida que dela me afasto.

Nunca a cidade me pareceu tão bela, desdobrada por serras e vales, um ou outro edificio destacando na mediocridade do seu casario, aqui e além compridas chaminés de tijolo denunciando labor febril, pouco extenso e pouco vigoroso; a fachada de S. Vicente e o zimborio da Estrela afirmando que a nova corrente de ideias e de sentimentos, dominando já os espiritos, ainda não encontrou na arquitectura da cidade a sua expressão adequada.

Vejo passar os carros electricos em direções opostas, e como um colegial em ferias, entretido na contemplação da vida, que se desenrola á sua vista, acompanho cada um deles ao seu destino, os que se dirigem ao Arco do Cego e os que marcham para o Dafundo. Quasi sinto inveja das pessoas que eles transportam, inteiramente esquecido de que ainda ha poucas horas me aborrecia tomal-os para fazer algum longo percurso, sempre cheios, cidadãos galegos e cidadãs peixeiras tomando os numa paragem para os deixarem na imediata; garotos descalços oferecendo notas de escudo em pagamento de bilhetes de meio tostão.

Não chega até ao barco o susurro da cidade; mas parece-me que destingo todas as dissonancias que compõem a estranha orquestração que é o resfolgar dum consideravel aglomerado citadino.

São horas de ir chegando ao Terreiro do Paço a preguiça estipendiada; mas não é como repartição publica que eu considero, neste momento, a linda praça pombalina, tão pouco Secretaria de Estado aos meus olhos mareados, que me parece ir vogando no Grande Canal de Veneza, em frente da Praça de S. Marcos.

Pára o navio com um desarranjo no helice, e eu cuido que ele terá de entrar na doca para as indispensaveis reparações.

Se assim fosse !

Desejaria ficar... sendo inevitavel partir ; mas se fosse obrigado a não partir, sofreria do mal de ficar. A saudade nem sempre é filha da ausencia, e o que eu sinto, ainda no Tejo, em frente de Lisboa, é a saudade em estado nascente, o vago sofrer dum mal que virá a produzir se, hoje representação intelectual, amanhã fenomeno de sensibilidade.

Novamente o navio se põe em marcha, e eu faço a *navette* entre os dois bordos, querendo vêr tudo á direita e á esquerda, embora a Cidade me interesse mais que a Outra-banda.

Passam comboios na linha de Cascais; acompanho os que sobem e os que descem, perguntando a mim proprio, numa linguagem sem palavras, quando voltarei a andar neles, e se no meu regresso o Estoril ainda não será a grande estação de inverno que está destinada a ser, linda como as mais lindas da Europa.

Nada menos de tres horas gastámos a descer o Tejo; mas agora o navio tem uma bôa marcha, doze milhas á hora. Cravo os olhos, como as pontas dum compasso, dum lado no Cabo Espichel, doutro lado no Cabo da Roca, e absorvo-me até á identificação em tudo o que fica compreendido neste largo sector visual... Cerro os olhos para ver melhor, isto é, para mais completamente me absorver nas coisas, e é como se a fumar opio caísse numa embriaguez scismadora.

Quando sáio do meu extasi, que durou minutos, mal diviso, pela direita, os longes da Serra da Arrabida, e pela esquerda os cabeços fragosos de Sintra... Estamos a quarenta milhas da terra.

— Aquilo que se vê além, por cima dumas nuvens baixas, formando barra, vem a ser?...

— Vem a ser... outras nuvens.

Positivamente a terra desapareceu inteiramente, e quanto eu posso fazer, alongando a vista pelos mares, seguindo a esteira do navio, debruçado á pôpa, é evocal-a num supremo esforço, dando fórma ao que é inconsistente, materialisando uma visão subjectiva como se fosse uma realidade palpavel...

Ha um pouco de mareta, e o navio, leve por falta de carga, tem um balanço amplo, que todavia me permite deambular com desembaraço, sem receio de trambulhar. Rareiam as gaivotas; mas já pensei que algumas das que acompanham o barco são Tagides na transfiguração de aves, e quiz-me parecer, ha pouco, que uma delas, cortando a prôa em vôo rasteiro, crucitou baixinho, para que apenas eu a ouvisse — bôa viagem! bôa viagem!

Ha poentes lindos no mar, como ha lindos poentes em terra; mas eu nem vejo o sol, a escorregar por detraz de nuvens em massa, dando tons de rosa desmaiada a farrapitos distantes, muito altos... A noite desce, e dentro em pouco um listrão perpendicular á marcha do navio, como se fosse luz branca projectada de muito longe, obriga-me a reparar na lua, a velha musa dos poetas chilros, nem sempre desprovidos de imaginação literaria.

> Bela eu lhe disse, em teu calmo gesto
> Todo o silencio da tua alma eu leio;
> Bardo, disse ela, c'um sorriso honesto,
> A lua é calma e tem vulcões no seio.

Sinto a fadiga dum longo dia de comoções, quebrado o corpo, os olhos moidos, um grande peso a carregar-me no peito, a tal ponto que o coração, para realisar o seu trabalho cyclico, precisa empenhar um esforço que altera o seu rytmo ordinario. Vagamente penso que o Oceano é um animal que respira em grandes haustos, as suas tempestades nada mais sendo do que acidentes paroxisticos que ás vezes domina uma caricia da lua, como tantas vezes acalma as nossas coleras um beijo de mulher.

*

Não ha que fazer toilette para este primeiro jantar a bordo. Os passageiros que enjoam nas primeiras horas, no primeiro dia de viagem, não teem disposição para cuidar da farpela; o que eles querem é que os deixem estar á vontade, conservando-se o mais possivel fóra do camarote, banhando se no ar fresco, das tripas fazendo coração para se aguentarem na sala de jantar até ao segundo prato.

Os outros, os felizes que passam a bordo dum navio como a bordo de sua casa, êsses reservam-se para no dia seguinte arrumarem o seu camarote, e só então é que saca das malas a farpela de circumstancia, a casaca, o smoking, ou a farda, consoante se trata de civis ou militares.

De modo que não tenho que me toiletisar para esta primeira refeição, e desde já assento em que tambem não precisarei fazel-o para as outras, considerando que os meus companheiros de viagem são pessoas de sã democracia, donas de casa a quem o tempo não sobeja para se remirarem ao espelho umas poucas de vezes no dia, homens de trabalho que muito apreciam as suas comodidades, e não é comodo vestir se um homem tres ou quatro vezes por dia — como se fosse uma cocotte afreguezada.

E' a minha hora de jantar, em terra, e como estou no proposito de não alterar os meus habitos, em Africa, conservando-os tão integralmente quanto me seja possivel, constato com prazer que durante a viagem, pelo menos no que diz respeito ás grandes refeições, será como se estivesse em Lisboa, instalado na rua Anchieta, muito perto da casa onde esteve, por largo tempo, instalada a *Lucta*, e onde eu passei o melhor tempo da minha vida de jornalista amador.

*

Recolho ao beliche já noite alta, nas melhores disposições para dormir; mas eu a meter-me na cama e o somno a fugir pela vigia. A trepidação do navio, embora seja monotona, não adormenta, e o marulhar das aguas, como um rebentar de praia, gera um estado intermedio entre o somno e a vigilia.

Disseram-me que lá por Africa eu heide ver lindas noites de luar prateado, acariciar os olhos nas maciezas dum céo aveludado, muito alto e muito puro. Talvez; mas eu conheço, das minhas velhas insomnias de notambulo, todas estas estrelas que estou vendo, e embora lhes não saiba os nomes — são tantas! — a todas me prende uma estranha simpatia gerada na familiriadade de muitos anos, ellas a deslumbraremme lá de cima e eu, incorrigivel sabeista, a namoral-as cá de baixo, fantasiando romances de possibilismo scientifico. Dizia-me o compadre João Catarino, no seu filosofar de maioral d'ovelhas: — *Dos pés para baixo e da cabeça para cima todos sabem a mesma coisa, sr. compadre.* Assim ele traduzia o seu vago conjecturar sobre os mysterios da morte e os ulteriores destinos da alma quando liberta do seu involucro material, a subir, a dispersar-se nas esferas infinitas.

Sinto-me cair numa especie de somno hipnotico, como se me comprimissem os globos oculáres, e assim, entre dormido e acordado, refaço a minha vida, intensa e dolorosa, das vinte e quatro horas anteriores, considerando cada coisa em si, e determinando, em relação a todas elas, vistas em conjuncto, o alcance e a significação que teem. Sinto-me forte da confiança das pessoas que me estimam, e quer-me parecer que levo comigo, para Africa, a esperança de muita gente que me não conhece, e que talvez nunca obtivesse a meu respeito senão más informações. — Não me considero um compendio de virtudes; mas o facto de me atribuirem defeitos que não tenho, fazme acreditar que não conhecem os defeitos reais que possuo.

Se os conhecessem!

Certo é que uma vilissima corja se fez encargo de me tornar odioso, e de algum modo realisou o seu intuito, o que, sem deixar de ser para mim justificado motivo de orgulho, subalternizou a minha ação politica e trouxe-me até ha muito pouco tempo sob a ameaça de eliminação violenta, constantemente apontado á raiva de facinoras que são uma lepra da Nação e uma vergonha da Republica.

Pois bem. A despeito de tudo, sinto que neste momento — que duração terá?... — o Paiz confia em mim, e esta confiança dá-me a nitida compreensão das responsabilidades que tomei sobre os meus hombros no dia em que aceitei o logar de Alto Comissario de Moçambique.

Se a vontade, como a fé, segundo a Biblia, fosse capaz de fazer milagres, bem seguro estaria eu, desde já, de corresponder, administrando Moçambique, á confiança dos que me propuzeram e elegeram para tal cargo, e ás esperanças dos que receberam, e muitos foram eles, a minha nomeação com alegria.

Eu sei lá o que vou encontrar em Moçambique!

Alguma pratica tenho da vida, e sei muito bem distinguir entre o que num cumprimento ha de simples amabilidade, e o que ha de inspiração de justiça. Nunca faltou a lisonja no caminho dos que sobem mas eu conheço o lisongeiro pela baba viscosa que lhe impregna as zumbaias dulcorosas, e só por excepção os tenho visto aproximarem-se de mim, nesta ultima fase da minha vida.

Não sonho com triunfos; mas parece-me que se erguem, da esteira do navio que me conduz, cabeças aureoladas de espuma a gritarem-me adeuses já repassados de saudade, e julgo divisar por entre elas semblantes escarninhos, figuras caricaturaes que umas para outras segredam, olhando-se de soslaio, que os altos interesses que me são confiados se não garantem e acautelam com primores de literatura, quanto mais com insonsas literatices.

Não quero ver no relogio a que distancia vem a madrugada; mas sinto que a noite vai perto do fim, e quer-me parecer que marcaria no extremo horisonte, com rigor geometrico, o ponto em que o sol, emergindo das aguas, ha de aparecer, luminoso e frio.

Ha, em todo o navio, o silencio das horas em que se dorme, e o balanço que lhe imprimem as vagas, numa ondulação que é ampla sem comtudo ser violenta, dá-lhe os ares dum grande berço com profusão de rendas em volta.

Muitos dos passageiros que ênjôam dispensam-se de recolher ao beliche, estendidos em cadeiras de bordo, prevenidos contra o fresco da manhã com mantas de viagem.

A espaços regulares uma sineta grita — àlerta! — e vagamente eu penso no que seria a vida, no mar, em plena guerra, quando os submarinos andavam á caça dos barcos de carga e passageiros, para os afundarem. Mal escurecia, ainda indecisas, sem consistencia, as sombras da noite, todas as luzes se apagavam, isto é, todas as luzes que poderiam denunciar a presença do navio aos terriveis apaches que andavam a rondar o mar, como se fosse um bairro escuso. Cada passageiro recolhia ao camarote munido dum cinto de salvação; mas o submarino feria sem avisar, e por via de regra o afundamento era obra de alguns momentos.

Para que serviria o cinto no deserto infinito das aguas, revoltas ou socegadas, abrindo-se para servirem de sepultura, e logo cerrando-se para servirem de lousa tumular? Serviria, na maior parte das vezes, para tornar duradoira a agonia, o desgraçado boiando á mercê das aguas, lançando os olhos em todas as direções á procura dum socorro que não vinha, o corpo a desfalecer, o espirito a escurentar-se, e nalguns o sentimento religioso dando o lenitivo duma resignação, que é a morte antecipada, noutros o desespero duma raiva impotente, fazendo sentir em minutos torturas que poderiam encher dias infinitos de sofrimento.

Que pena tenho de só ter assistido á guerra, de longe, como tantos dos que trazem no peito documentos dos perigos . . que não correram, e das façanhas... que não praticaram!

E' possivel que o espectaculo me impressionasse desagradavelmente, a despeito da sua grandeza épica; mas não assistindo a elle, muito de perto, ouvindo o troar dos canhões, sentindo o zunir das balas, vendo a agonia dos combatentes, feridos de morte, facilmente o represento pela inteligencia, ficando indiferente a sensibilidade.

Certo é que mesmo não tomando parte na guerra estive arriscado a ser uma das suas victimas, linchado por infimos bandidos contra mim assolados por insignes mariolas. Planeou-se a minha morte e a minha deshonra, e se passou a tempestade sem que eu fosse morto ou ficasse deshonrado, foi tão sómente porque aos meus inimigos faltou a coragem para um crime gratuito, e a baixesa dos seus propositos resvalou na couraça que providencialmente protege os que na estrada da vida marcham de cabeça levantada, respeitados por aqueles mesmos que não podem estimal-os.

Estou achando muito curiosa a trepidação do navio, como que realisando uma especie de cyclo cardiaco, grandemente intervaladas a sístole e a diástole. Tambem o mar pulsa como um coração hipertrofiado, e dizem os sabios que morreriamos todos se elle um dia caisse em sincope, deixando de pulsar.

Será verdade?

Vou meter-me na cama, muito devagarinho, fechando primeiro a vigia, não vá outra vez sair por ela o somno mal perceba que estou dentro dos lençoes...

... Se ainda alguem se lembrará de mim na terra que deixei há uma eternidade, dezasete horas contadas no relogio?...

A multidão de bordo organisa-se facilmente, a não ser nas viagens curtas, sempre com a terra á vista, sempre cheirando a terra. Sob este ponto de vista, um navio é um hotel, mas um hotel que a gente não deixa quando quer, passando para outro, um hotel de que a gente não pode sair, a não ser por breves horas, nos portos de escala.

Entre as pessoas que viajam por mar, tratando-se de viagens de longo curso, estabelecem-se assim, desde a primeira hora, relações que começando por ser de mera cortezia, acabam por ser, dentro em pouco, de intimidade. Num hotel os hospedes só estão emquanto comem e quando dormem, e a comer fazem o programa do seu dia e da sua noite, programa que é de puro divertimento, em relação ao maior numero, sendo para alguns de afadigoso trabalho. Engulido o bocado, vai cada qual para seu lado, e na rua, quando se encontram, é como se não se conhecessem, muitas vezes desviando os olhos para não se cumprimentarem. — Pois se ha hospedarias para pernoitar, alguns havendo que só alugam quartos a hospedes com pequena demora!

A bordo, não. Ha entre os passageiros de cada classe, desde a primeira á ultima, um contacto permanente e inevitavel, por grande que o navio seja. Ninguem pode isolar-se no seu beliche, por falta de comodidades; ha um convez em que todos passeiam; ha uma sala em que todos jogam ou conversam; ha um piano em que todos mexem, e que para todos musiqueia desafinado.

Sendo assim, parece que a multidão de bordo deveria conservar-se inorganisada, uma multidão gregaria formada no ponto de partida e pouco alterando a sua composição disparatada ao longo de toda a viagem.

Pois tal não sucede, e coisa digna de reparo é a diferenciação que n'ella começa a fazer-se mal deixa de se ver terra, que é precisamente o momento em que os passageiros de cada classe reconhecem que fazem parte d'um todo, que a sociedade fortuita que constituem, se não fôr uma sociedade anonima para matar o tempo, será uma sociedade de aborrecimento... por quotas.

Porque será que certos passageiros escolhem o bombordo para os seus passeios, emquanto outros é só a estibordo que gostam de passear!

Mero acaso?

E' realmente comoda a palavra acaso, porque livra de explicações embaraçosas.

Os passeantes da Rua do Ouro é o lado ocidental que preferem, e sucede a mesma coisa na Avenida da Liberdade. Gasta-se muito mais tempo a descer o Chiado, do lado esquerdo, que a subil-o do lado oposto, e comtudo é voz corrente, desde que ha sabedoria das Nações, que todos os santos ajudam a descer. O que sucede em Lisboa, sucede em toda a parte, nas grandes cidades e nas pequenas vilas, pelo menos nas pequenas villas e nas grandes cidades que eu conheço. Se para todos os factos ha uma rasão suficiente, este não deve fazer excepção á regra, e essa rasão talvez se encontre na psychologia das multidões... tendo em conta a destribuição dos cafés e lojas de modas, que atraem os peraltas e as secias.

Certo é que a multidão de bordo começa a organisar-se, elegendo os passageiros logares diferentes para os seus passeios e para os seus repousos, estendidos em cadeiras-camas aquelles que as tem, e muito poucos deixando de ter á sua disposição uma cadeira de verga, comoda para n'ella amozendar o corpo lasso. Uma petisada irriquieta, buliciosa, enche o navio de rumor alegre, refractarios ao enjôo como velhos marinheiros.

Porque será que não enjoam as creanças?

O caso deve vir explicado nos livros de medicina, visto tratar-se d'uma doença, embora passageira; mas eu ignoro por completo o que a este respeito teem dito os sabios, e pouco me importa continuar vivendo n'esta ignorancia. A verdade é que os petizes não enjoam, e eu sinto que as pessoas enjoadas, quando elles passam, traquinando, lhes deitam olhares invejosos. Realmente é uma coisa terrivel o enjôo, tão incomoda que muitos dos que uma vez enjoaram solemnemente juram que nunca mais embarcariam se as viagens que teem a fazer as pudessem fazer por terra.

Já por duas vezes enjoei, e constituindo-me em observador da minha propria doença, esforcei-me por tirar a limpo o que os medicos chamam a pathogenia do mal. Convencia-me agora de que o enjôo é um mal do estomago, revelando-se pela nausea e pelo vomito; mas logo se me afigurava que o mal era da cabeça, vindo d'ali o estimulo para o estomago entrar em convulsões paroxisticas, obrigado a vomitos incoerciveis, como nas gravidas. Dizem-me que ha um remedio inglez, d'effeitos seguros, contra o enjôo. Não o conheço, nem sequer lhe sei o nome; mas contou-me um cavalheiro de toda a respeitabilidade que indo uma vez de Lisboa para Madrid, com escala por Valencia d'Alcantara, tomou o remedio na Estação da Avenida, e chegou ás Delicias sem ter enjoado!

O mais novo dos passageiros de primeira classe tem dezesete mezes; o mais velho talvez seja eu, lançado ha muito na curva descendente da vida, a caminho do repouso eterno, só receoso de não chegar lá sem passar, inutil para tudo, mirrado como um fructo seco, pela decrepitude, a qual para não ser agredida precisa ser humilde, e para inspirar respeito precisa ser desgraçada.

A explendida sepultura que é o mar!

Não sou dos que reputam a vida o supremo bem, um tão precioso bem que á sua conservação tudo se deve sacrificar. E' necessario que em determinadas condições a gente possa desembaraçar-se da vida, por ser ella um mal incomportavel, sem remedio. Condemnar o suicidio com o argumento theologico de que não sendo o homem o auctor da sua propria existencia, se não pode desembaraçar d'ella por sua livre vontade, é demonstrar implicitamente que a causa não é defensavel, condemnada pelo inexoravel poder da logica. Será licito cortar uma perna gangrenada, visto não ser o homem o auctor das suas proprias pernas, e ter vindo ao mundo com duas, ás vezes servindo-se d'ellas como se fossem quatro?

Umas vezes heroismo, se assim quizerem, outras vezes loucura ou covardia, como os factos abundantemente provam, o suicidio é uma forma do direito á felicidade, e este direito a ninguem pode ser negado, podendo apenas ser discutido o bom ou mau uso que d'elle se faça. Reivindico-o para mim, e tremo só de pensar que um dia, incapaz de qualquer esforço util, á mercê de tudo e de todos, não possa libertar-me pela morte!

Se as circunstancias se conjugarem por forma que em vez de esperar que a morte venha ter comigo, eu resolva ir ter com ella, esforçar-me-hei porque a minha sepultura seja o vasto oceano, desfechado do castelo de proa, amortalhado na bandeira da Republica, sob um luar de prata. Horrorisa-me o caixão de mogno, o ridiculo duma tradicional mascarada, todos vestidos de preto, os cavalos de lucto pesado como se lhes tivesse morrido um parente proximo, e depois, já dentro do cemiterio, os turnos segundo as cathegorias, organisados com muito cuidado, não vá melindrar-se alguem por não pegar nas borlas.

...E' a hora de todos dormirem a bordo, excepto os que teem por dever do cargo vigiar emquanto os outros dormem... Não há nuvens no céu, muito estrelado; o mar, até onde os olhos alcançam é uma superficie continua de seda verde, polvilhada de luar; o navio tem um balanço rythmico, quasi imperceptivel, e as aguas que elle corta, abrindo passagem, produzem o sussurro monotono d'um canavial á beira d'um rio, ondulando ao sopro da brisa fresca que passa.

Que bom, uma sepultura funda de milhares de metros, respirando a cada onda, na frase de Corbier, se porventura ha ondas nas insondaveis profundezas do oceano! O pavor da campa rasa no abandonado silencio d'um cemiterio! — A menos que tu, querida amiga, fosses levar-me rosas do teu quintal, lindas rosas que n'outro tempo me offerecias, perfumadas dos teus beijos, orvalhadas agora das tuas lagrimas!...

Principia a clarear a manhã. Ainda vejo estrelas, muito poucas, uma aqui, outra acolá, e entretido a notar as que se vão apagando, uma agora, outra logo, esqueço-me de espreitar o nascimento do sol, espectaculo que em terra nunca deixou de me impressionar, reconhecendo aliaz que o ocaso, por ser mais rico de côr, é mais cheio de poesia. Faço-me todo olhos, para os cravar na linha do horizonte, das bandas do levante, e não tarda que um disco luminoso feito do ouro mais puro, com toda a refulgencia que tem este metal nobre quando acaba de ser amodelado, aflore as aguas e suba rapidamente, particula sagrada, sempre a mesma, que todos os dias, no romper d'alva, Pan, o grande sacerdote, eleva por sobre as aguas e por sobre os montes, celebrando missa.

Escusam de me dizer que o Sol está parado, centro d'um systema planetario, e que a Terra gira sempre em movimentos de rotação e traslação, de que resultam as noites e os dias, a diferenciação das estações, as variedades climaticas. Bem sei que isto vem nos livros e se ensina nas escolas! Mas se eu nunca me apercebi dos movimentos da Terra, e acabo de ver o Sol emergir da profundeza das aguas, como ainda hontem o vi, do lado oposto, n'uma orgia de côres, mergulhar com a mesma serêna magestade!

Já os madrugadores andam a passear no convez, em pijama e sandalias, gente feliz que emquanto está na cama dorme; emquanto está á meza come, e no intervalo trata da sua vida, isto é, dos seus interesses, a dentro d'um circulo muito limitado, para além do qual nada ha que valha a pena ter em consideração.

Ao cabo de quarenta horas de viagem por mar ainda se não faz sentir a necessidade de ver terra; mas a verdade é que se me alegram os olhos quando me aparece Porto Santo, a uma distancia tão pequena que me parece ver gente nas ruas da pequenina villa que é a capital d'aquella ilha pequena.

Mais comprida do que larga, d'um comprimento que eu não sei calcular, mas que talvez não exceda duas duzias de kilometros, a Ilha de Porto Santo nada offerece de interessante aos olhos de quem olha para ella de bordo — nem montes que se ergam altivos, nem ravinas que se escavem fundas, nem manchas de vegetação arborea a que se possa chamar um bosque, nem aguas correntes ou paradas que fórmem pequenos ribeiros ou minusculas lagôas. A praia, d'uma grande extensão — tudo é relativo — deveria convidar os funchalenses a irem ali banhar-se, tanto mais que elles não teem, na sua Ilha, uma praia assim, ampla e segura. Bem se pode dizer que a Madeira está cercada d'uma verdadeira muralha de basalto, rochas formidaveis que o mar bate com extrema violencia, espadanando a alturas quasi inverosimeis.

Mais uma hora de navegação, e lançaremos ferro na bahia do Funchal onde entrei, a primeira vez, ha muitos annos, conservando tão fresca, tão viva a lembrança d'essa visita, como se fosse de ha poucas semanas.

Figure-se uma concha enorme, cheia de colinas verdejantes, o limbo da concha vindo até ao mar e o seu vertice sempre coifado de nuvens, a não ser ás horas em que o sol esplende, enchendo-a d'uma luz tão pura que dir-se-hia tyndalisada. A cidade, vista de bordo, pequena e irregular, nada tem que nos prenda os olhos, e nada mais agradavel que deixal-os correr pelas encostas verdejantes sem fixar detalhes, porque só o conjuncto é admiravel, d'uma belleza panoramica que não suscita confrontos.

Está na bahia uma esquadra, cinco navios da marinha de guerra ingleza. Seria preferivel que estivessem cinco navios da marinha mercante, largando ou tomando carga, n'um caso e n'outro animando a vida economica dêste lindo bocado de terra portugueza, que é, na linguagem repolhuda d'outros tempos, uma das mais bellas e valiosas perolas do Oceano.

Passageiros debruçados na amurada, do lado de terra, atiram á agua, muito transparente, algumas pequenas moedas que trazem, este um vintem, aquelle um pataco, e logo um rapazola mergulha, agil como um golphinho, apanhando-a com a mão e entalando-a nos dedos do pé, o tronco nú e uma calça bastante theorica cobrindo-o da cintura para baixo. Este virtuosismo natatorio vem de longe; é uma das velhas tradições da Madeira.

Improvisa-se, a bordo, um mercado de productos da industria madeirense, as suas rendas, os seus bordados, as mezas de trabalho, em verga, as suas cadeiras-leitos, de madeira e pano, ou simplesmente de verga, singularmente comodas para as quebreiras de bordo. Todos compram bilhetes postaes ilustrados, não achando exagerado que por elles peçam dois tostões. Deixamos Lisboa ha perto de 48 horas, e todos sentem prazer em comunicar aos parentes mais proximos e aos amigos mais intimos que esta *étape* da sua longa jornada a fizeram sem novidade, e ali estão maravilhados perante um *décor* d'opera lyrica, que dir-se-hia o trabalho d'um scenografo para quem não tivesse segredos a Arte de combinar as linhas e as côres.

Cumpridos os deveres protocolares impostos ao Alto Comissario, tomam posse de mim os correligionarios que aqui tenho, a maior parte dos quaes não conhecia pessoalmente, dedicados correligionarios que acham pouco tudo quanto podem fazer para me afirmarem que tambem na Madeira germinou e se desenvolveu a delicada semente que andei a lançar á terra, em largos anos de propaganda, republicano, desde que poude raciocinar em materia politica, propagandista desde que me senti habil para falar ao publico e escrever nas gazetas.

Quando por aqui passei, das outras vezes, ainda não havia o caminho de ferro que leva ao Terreiro da Lucta, passando pela Senhora do Monte, nem o Terreiro da Lucta existia como logar recomendado aos touristes. A ascensão da montanha fazia-se até á Senhora do Monte em carros de verga, assim uma especie de trenós escorregando pela calçada, sob o impulso de dois homens, que a miudo lubrificavam as pedras com cêbo, e humedeciam as guelas com aguardente.

A um lado e outro da linha, numa rampa suave, ha quintalorios murados de pedra solta, e quási todos elles são taboleiros de cana, a famosa cana de assucar que é ao mesmo tempo a Providencia e a desgraça da Ilha. Demora esta ascensão tres quartos d'hora, e vale a pena fazel-a de costas viradas para a bahia, para que o deslumbramento, chegando á esplanada, seja completo.

Estamos a mil metros, pouco mais ou menos, acima do nivel do mar, e alguns dos meus companheiros queixam-se de frio, abafando-se cada qual como pode. Sou pouco sensivel ás variações de temperatura, e quer-me parecer que a Natureza me dotou melhor para viver nos polos que no equador. Nunca me entorpeceu o frio, mesmo quando excessivo, e os grandes calores amolentam-me, relacham-me todas as fibras, incapaz de fazer outra coisa que não seja suar.

Certo é que não sinto frio, a ver farrapos de nevoeiro que vão descendo dos pontos mais altos da sérra, bocados de tarlatana, que os pinheiros da encosta aproveitarão, com elles toucando a cabeleira verde, para o repouso da noite.

Fallem a um pintor da Natureza sobre o que os sabios teem escripto a respeito de côres, chamando a umas fundamentaes, chamando a outras suplementares, e verão como elle sorri, desdenhoso, tendo cheia a retina de mil cambiantes que os sabios não conhecem. Por menos artista que seja um homem culto tendo delicadezas de sensibilidade visual, mais d'uma vez hade ter notado que é pobre a linguagem da fisica para exprimir todas as variedades de côr que opulentam um pôr de sol ou embelezam uma campina florida.

Sim, ha cores fundamentaes; mas com ellas a Natureza faz combinações infinitas, como nós fazemos com os numeros. Já tenho pensado que não há tal côres fundamentaes, mas apenas uma côr fundamental, de que todas as outras derivem por gradações ou degrações sucessivas.

Seja como fôr, e relegando para os sabios e os artistas a resolução d'este problema, a verdade é que eu sinto o deslumbramento d'um panorama sem rival, o encanto d'uma tela que os mais delicados, os mais impressionantes e amoraveis paisagistas de todos os tempos houvessem feito em colaboração para servir de toalha, cobrindo os montes, nas festas esponsalicias do Som e da Luz. Que eu bem os oiço, os murmurios que das aguas quietas da bahia sobem pelas encostas verdejantes da serra, e são a voz do Mar comunicando á Terra segredos d'uma existencia misteriosa, umas vezes espumando na epilepsia da raiva, outras vezes desmaiando em paroxismos d'amor.

Prometi ao comandante do navio estar a bordo á hora fixada para largar, e tenho o maior empenho em honrar a minha promessa. Adiante de nós vai o *India*, e o *Africa* pretende tomar lhe o passo, chegando primeiro do que elle a S. Thomé. Já tinha resolvido embarcar no *Africa* quando me disseram que o *India*, dos Transportes Maritimos, partiria quazi ao mesmo tempo, e não faltou quem me advertisse de que talvez eu devesse preferir o *India*, por ser um navio do Estado. O que eu não queria era fazer a viagem n'um barco estrangeiro, e só me resignaria a isso não o podendo evitar de qualquer maneira. Para mais tinham-me dito, lisongeando a minha vaidade: — a Companhia reserva-lhe o camarote em que viajou o Principe.

Que demonio!

Um homem não é de ferro, por muito rijas que tenha as convicções republicanas, e ser tratado como um Principe foi sempre uma aspiração democrática, desde que o mundo é mundo.

Servem-nos um magnifico lanche no restaurante do Terreiro, e a comer e a tagarelar eu reconheço que tambem na Madeira, como em toda a parte, a União republicana era uma familia constituida sobre a base solida de ideias justas e sentimentos altruistas, uma especie de *tavola redonda* tendo por lema o desinteresse, e tendo como supremo objectivo o bem da Patria e o prestigio da Republica. Poucos unionistas deixaram de ingressar no Partido Republicano Liberal, e são hoje tão sinceramente liberaes como eram hontem sinceros unionistas. A unidade do partido Liberal está feita; mas se a ambição ou a stulticia de um homem ou de um grupo de homens viesse a quebrál-a, quer-me parecer que a União republicana se reconstituiria sem faltas sensiveis, dispostos os antigos unionistas a continuarem uma longa vida de sacrificios politicos, sem ambições desvairadas de poder, não estorvando a acção dos bons governos e pondo embaraços á ação dos governos maus.

Foi um crime não deixar que a União republicana governasse quando estava indicado que ella exercesse o governo; impedir que ella, por um systematico afastamento do poder, se constituisse n'um forte partido, o grande partido conservador de que precisava a republica. Nunca os autores de semelhante crime se penitenciarão suficientemente, porque d'elle, por varias formas, derivaram todos ou quasi todos os males que infelicitam o paiz, e desprestigiam a Republica.

Posso dize-lo agora, sem receio de que malsinem as minhas intenções, porque vou buscar á Africa a minha reforma politica. Poucos dos meus amigos, velhos e dedicados correligionarios, acreditam que assim seja, antes esperam, confiados por demais na minha capacidade administrativa que eu volte d'Africa com mais força para escalar o poder, talvez guindando-me á presidencia do governo um tacito acordo das gentes politiqueiras. E' possivel que eu esteja em erro; mas quer-me parecer que no partido Liberal ha apenas um homem convencido de que eu não serei mais um politico militante, soldado ou chefe d'um partido. Este homem é o dr. Granjo, antigo evolucionista que sempre quiz a fusão, transmontano forte de corpo e d'alma, cheio de ambições e de talento, calmo e resoluto. Já marcou, brilhantemente, o seu logar na politica, como o teria marcado nas letras, se tem enveredado por esse caminho. Assistirei com simpatia aos seus triumphos, e bem sabe elle que procuraria tornar-lh'os faceis, se não fosse completa, absoluta, no meu regresso d'Africa, a minha abstenção politica.

São horas de ir para bordo, e já chegarei um bocadinho tarde, bastante mais tarde do que desejava, demorando escusadamente a partida do navio.

Baixou sensivelmente a temperatura. Os meus companheiros agasalham-se, emquanto eu, apartando-me um pouco, reso ás escondidas as minhas orações pantheistas, como resava n'outro tempo as minhas orações cristãs.

A plena evidencia que o sol dava ás coisas, ao chegar aqui, não diminuia a belleza do espectaculo que se desenrolava na minha frente; mas agora as indecisões crepusculares dão á paisagem tons de suave melancolia, que a fazem parecer ainda mais bella, talvez por ser mais sugestiva.

Já se pode fazer a viagem de Lisboa á Madeira em pouco mais de trinta horas, e não se bate um record. Quer dizer, pode-se almoçar em Lisboa n'um dia, e no dia seguinte jantar no Funchal. Mesmo ás pessoas que enjoam vale a pena fazer esta jornada, tão certo é que o enjôo é, essencialmente, uma doença do mar, que se cura n'um abrir e fechar d'olhos... pondo sinapismos de terra na sola dos sapatos. Bem sei que ha os casos extremos, desgraçados que enjoam desde que chegam a bordo, e só deixam de estar enjoados tres dias depois de se apanharem em terra. Mas não se deve argumentar com excepções, e a regra é o enjôo começar quando já a terra se perde de vista, e acabar logo que ella reaparece.

Pois bem; vale a pena sofrer o enjôo durante trinta, quarenta horas, que mais não seja para subir ao Terreiro da Lucta, onde estou a gozar um dos mais bellos espectaculos que se pode offerecer á observação d'um touriste capaz de sentir a natureza no que ella tem de mais requintadamente bello.

Tudo é levesa, elegancia e bom gosto n'este restaurante, em cujo jardim de inverno seria delicioso passar horas esquecidas, n'uma conversa sem palavras. Na cidade ha magnificos hoteis, e em toda a Ilha abundam os logares pitorescos, dignos de serem visitados.

Porque não hão de os *touristes* portuguezes, os que todos os anos vão ao estrangeiro, dispendendo consideraveis somas para verem sempre as mesmas coisas, porque não hão de dispôr-se a vir, que mais não seja uma vez na vida, á Madeira, fazendo aqui uma cura de repouso, os que levam o ano a trabalhar?

Se ainda vier á Madeira, e certamente virei, não deixando os ossos em Africa, ha-de ser com a demora de alguns dias, trez ou quatro semanas. Desejo conhecer todas as bellezas da Ilha, estudar *in loco* o seu problema economico, que já prendeu a minha atenção de homem publico, fazendo-me alguns cabellos brancos. Pretendi eu que este minusculo arquipelago deixasse de estar enfeudado a uma fabrica de assucar e aguardente, fazendo-se do seu uberrimo solo uma exploração que não fosse para uns a riqueza e para outros a miseria. Criei as indispensaveis condições para se estabelecer na Ilha um regimen economico que nada tivesse de artificioso, por assentar em bases naturaes, e não foi por minha culpa que os resultados não corresponderam aos propositos. A *questão Hinton*, habilmente esplorada pelos republicanos. dentro e fóra do Parlamento, fôra um golpe tremendo na Monarquia, tão grande que por um triz a não fez baquear.

Aquella famosa sessão do Parlamento, em que um deputado republicano, homem de leis, professor de direito, começando por dizer que possuia e tinha ali, na sua pasta, devidamente authenticadas, cartas que a Hinton escrevera um secretario particular do Rei, e que eram a prova irrecusavel da corrupção do Paço, acabou por reconhecer que o signatario das cartas não era a pessoa que elle acusava! E não houve um rugido de furia, que mais não fosse uma gargalhada de troça que confundisse o homem audacioso e leviano que assim afrontava uma assembleia monarquica, gritando a deshonra de regimen e reclamando a mudança de Instituições! Viu-se bem que a Realeza já não tinha quem a defendesse, nem mesmo quando essa defeza era comoda e facil.

Veio a Republica, estando pendente a questão Hinton, e quiz a minha pouca sorte que tivesse eu de a resolver, visto ser assumpto que corria pela minha pasta. Verificou-se que a tinha resolvido no interesse da Madeira, preparando-lhe uma vida economica que a libertasse do vicio e da mizeria.

O demonio é que a noite vem descendo pelas encostas, esbatendo as formas e diluindo as côres, e as passageiros do *Africa* talvez não levem a bem que os demore ali, na bahia, embora isso lhes proporcione a comodidade de estarem á meza, jantando, com o navio parado.

Não me dispensa o sr. F. F. Ferraz de entrar no seu armazem de vinhos, um vasto deposito onde tudo está disposto artisticamente, por forma que os vinhos nos alegram a vista antes de nos deliciarem o paladar. O sr. Ferraz é proprietario de vinhas e negociante de vinhos, um dos mais antigos e dos mais justamente conceituados negociantes da Madeira. Soube adquirir uma larga clientela, o que é dificil, e tem sabido conserval-a, o que prova a sua tenacidade no empenho de manter o typo de vinhos que creou, adaptado ao paladar dos seus clientes, que sem duvida perderia, não tornando mais a havel-os, no dia em que os seus vinhos fossem hoje uma coisa e amanhã outra, ora melhores ora peores, como succede nas Adegas onde os processos oenologicos são os do tempo de Noé.

Fraco bebedor como sou, resisto a provar de todos os vinhos que o sr. Ferraz me offerece, — este é uma especialidade! — no receio de que os meus companheiros de bordo, tendo notado que eu não enjôo no mar, vissem que eu recolhia de terra... aos vomitos.

Do Funchal a S. Thomé

A's oito horas o navio larga da bahia do Funchal e faz-se com rumo a S. Thomé. Esta segunda étape da minha jornada mede duas mil e tantas milhas, o que tanto faz dizer que devemos chegar a S. Thomé no dia 9, pouco antes ou pouco depois do meio dia, se o barco marchar como até agora.

Ao cabo de tres dias, nas viagens por mar, já todos os passageiros se conhecem, já todos se cumprimentam, já todos conversam. Estabelece-se entre elles uma intimidade que ajuda a passar o tempo, porque torna menos longas as horas, menos aborrecidos os dias, com um horisonte que é sempre o mesmo, apezar das distancias percorridas, regrada a vida de bordo como n'um quartel ou n'um collegio. Formam se grupos, a maior parte com base em simpatias instintivas, mas estes grupos, tendo de mover-se n'um espaço restricto, umas vezes tocam-se, como as espheras tangentes, outras vezes interceptam-se como as espheras secantes, e raramente se confundem, como as espheras que se sobrepõem.

A creançada, rebelde ao enjôo, salta de manhã á noite, como nas ruas d'um jardim ou no taboleiro d'uma praça. Alguma mais traquina esforça-se por trepar á amurada, curiosa, para vêr o redemoinho das aguas que o navio corta, e logo o passageiro mais proximo acode, solicito e carinhoso, não vá ella precipitar-se.

Porque será que as creanças, regra geral, não enjôam ?

N'ellas a vontade não é uma força inhibitoria que se imponha ás fraquezas do estomago ou do cerebro, podendo talvez dizer-se que tal força não existe nas creanças, considerada nas suas substanciaes caracteristicas psycologicas. Certo é que as creanças não enjôam, e ainda bem, porque enchem o navio d'um bulicio ruidoso, d'uma alegria communicativa que atenua os inevitaveis aborrecimentos de bordo. As madamas cosem ou lêem ; os cavalheiros fumam, conversam ou jogam. Ha os que namoram, casados e solteiros, sabido como é que D. João, transfigurado de mil formas, toma logar em todos os navios de passageiros, e sempre ilustra com um escandalo, ás vezes de consequencias tragicas, cada uma das suas viagens. A bordo dos navios portuguezes ha sempre um piano e cães, o que dá lugar a confusões macabras, por quanto ás vezes é um cão que ladra e cuida a gente que é o piano que toca, outras vezes é o piano que toca, e cuida a gente que é um cão ladrando.

Vamos entrar na zona quente, e assim sucede que nos intervallos de poucos dias passamos do inverno de Lisboa para a primavera da Madeira, e da primavera da Madeira para o verão dos tropicos. Aparecem as toiletes brancas, e os mais praxistas queixam-se d'uma temperatura que ainda se não faz sentir, embora se adivinhe proxima.

Improvisam-se festas, para as quaes se elabora um programa pomposo, e abre-se uma subscripção para custear as inevitaveis despezas. A bordo vão 62 poveiros, que ficarão em Mossamedes, e logo ocorre o pensamento generoso de que seja para eles o melhor da festa, isto é, a maior parte das quantias subscriptas, para cima d'um conto. Não esquece a caixa de socorros a naufragos, para a qual se tira uma percentagem avultada da subscripção. O resto é empregado na compra de premios, bagatelas que guardarão os que as obtiverem, como recordação d'uma viagem feliz, se Neptuno, até ao fim, se comportar como até aqui.

Ha numeros do programa que serão executados só por homens; numeros que serão executados só por senhoras; numeros que serão executados por senhoras e homens, o que se chama provas mixtas—o numero de agulhas e linhas, por exemplo. Por detraz de mim, quando se executa este numero, diz uma creadita guapa, que vem sendo requestada pelos amadores do género: — *A minha senhora é que ganha*. E como alguem lhe peça a rasão do que afirma, ella então, solerte, magana, explica: — *Está muito acostumada....*

Na celebração das festas a primeira e a segunda classe fraternisam, e os poveiros, muito reconhecidos, offerecem uma serenata, que vem a ser um numero extraordinario do programa. Cantam ao som da guitarra e da viola a Paixão de Christo; entram pela desgarrada, acabando por dansar o Vira. Não me comoveu a Paixão do Christo, e muito propositadamente me esquivei a presencear a dansa, certo de que ella não podia agradar a quem já viu dansar o vira ás meninas de Lisboa. N'estas alturas já o calor aperta deveras, um calor que faz suar as estopinhas. As noites são como os dias, nem menos quentes nem menos humidas. Rendo-me á evidencia dos factos, e honradamente confesso que os tropicos são uma realidade cosmografica, demarcando no globo a zona dos maiores calores.

Quer me parecer que o Alemtejo não fica dentro da zona tropical, nem sequer fica nas suas imediações, e lá o thermometro, nos dias mais quentes do verão, marca um grau que em Africa não é atingido com frequencia. Mas geralmente o calor, no Alemtejo, é seco, e aqui a gente tem a desagradavel impressão de estar n'um banho de gordura liquifeita.

As noites, dentro do camarote, sem a ventoinha a trabalhar, são intoleraveis, e o barulho da ventoinha não me deixa dormir. Estou muito habituado ás noites brancas; mas estas parecem-me interminaveis, e as manhãs são a continuação das noites, quentes e humidas.

Bem podiam os tropicos ficar mais perto do Equador, admitindo que estes circulos são precisos, o que ainda não vi provado com boas rasões. A harmonia do Universo é um dos mais velhos e auctorisados argumentos em favor da existencia de Deus; mas eu nunca acreditei na boa fé dos que adusem este argumento, tão disparatado o acho. Uma inteligencia ordenadora das coisas universaes teria disposto tudo por maneira que nós fossemos do equador aos polos sem experimentar desiquilibrios taes de temperatura que umas vezes tiritamos como n'um banho gelado, outras vezes torramos como n'um forno aceso.

Calhou o Universo ser como é, obra d'acaso, sem obedecer a um plano a sua formação e arranjo, sem ter uma finalidade, existindo hoje mas podendo não existir amanhã, toda a materia transformada em energia, e outra vez o Nada enchendo o espaço infinito como antes da creação, segundo o Genesis. Sendo assim, eu comprehendo esta enorme desordem a que se chama a harmonia do Universo, e a ella me submeto, sem queixumes e sem protestos. Mas não me digam que isto é a obra d'um Ente Supremo, infinitamente sabio, infinitamente bom, infinitamente poderoso, porque então eu protesto como se fosse membro graduado do Registo Cívil, filiado na Sociedade do Livre Pensamento, cumprindo á risca o preceito estatutario... que proibe pensar.

Alegra-me a vista o massiço de Tenerife, envolto em brumas, mais alto e menos elegante que o Pico, nos Açores; mas as sombras da noite, que vem descendo espessam o nevoeiro, por forma que já não se avista o farol de Tenerife quando toca para o jantar.

A gente habitua-se a tudo, mesmo a andar embarcado. Se o navio tocasse em Cabo Verde, se tocasse na Guiné, isso representaria mais alguns dias de viagem; mas eu regressaria á Metropole — se regressar — tendo visto, embora superficialmente, tudo quanto temos em Africa. — São bocados da terra portugueza, são retalhos da nossa alma!

De Freetown, na Serra Leõa, comunicam-nos pela telegrafia sem fios que se resolvera a crise ministerial, formando governo o sr. Bernardino Machado. Talvez de Monrovia, na Liberia, completem esta informação, demasiadamente incompleta para as pessoas que se interessam, a valer, pelas coisas publicas.

A coisa certa, desde já, tristemente certa, é estar novamente no poder o sr. Bernardino Machado, ainda ha pouco Presidente da Republica e agora chefe do governo. S. Ex.ª, muito inteligente e culto, bastante menos culto que inteligente, é, sem tirar nem pôr, o Constant Guignard de Richepin, homem com tão pouca sorte, que morrendo odiado ou aborrecido por todos, ao cabo d'uma longa vida, que fôra uma longa serie de desastres, o canteiro que deveria gravar na pedra que taparia a sua cova, ditadas por um amigo obscuro, estas palavras singelas, mas piedosas: — *Ci gît Cons-*

tant Guignard, qui fût homme de bien, o canteiro trocou o b por um r, na ultima palavra, e assim a *guigne* do pobre diabo acompanhou-o na outra vida.

Curta duração terá o governo do sr. Bernardino Machado; mas durará, ainda assim, o tempo suficiente para tornar maior a confusão da vida publica em Portugal, para intensificar ruins paixões que, na Republica, animam uns contra os outros os homens e os partidos. Os idiaes politicos de s, ex.ª cabiam á vontade dentro da Carta Constitucional; mas a Monarquia tratou-o com desfavor, depois de lhe têr concedido algumas honras, e o despeito atirou-o para a Republica. Nunca ouvi discursar o sr. Bernardino Machado, em materia politica, que não tivesse a impressão de estar ouvindo um cartista, magoado porque tendo os Governos desnaturado ou pervertido a orthodoxia de Bentham, o padre-mestre do constitucionalismo na Europa, o tinham obrigado a seguir por um caminho que elle desejaria não ter seguido. Seria injustiça não reconhecer que o sr. Bernardino Machado contribuiu muito para o bom exito da causa republicana; simplesmente a Republica que se fez com a ajuda de s. ex.ª não é a Republica que tinham visionado de longe, nos seus anceios patrioticos, os republicanos de sempre, republicanos d'alma e coração, e para que ella se conserve tal como a fizeram, sem ganhar virtudes, sem perder defeitos, o sr. Bernardino Machado tem contribuido mais do que ninguem.

Pois resolveu-se a crise ministerial, já aberta quando partimos de Lisboa, e resolveu se estando novamente o sr. Bernardino Machado a dirigir a confusão da nossa vida publica, em que ninguem se entende.

O mar continua manso, a temperatura continua alta, e a actividade das glandulas sudoriperas é de cada vez maior. Ha umas poucas de noites que não vejo estrellas, e sinto que me deprime, tanto ou mais do que o calor, a vista d'um céo de papel mata-borrão, opaco e cinzento. Tinham-me encarecido a belleza das noites tropicaes, e já muito para traz de nós fica o Cancer, sem que os meus olhos se enfeiticem n'uma d'essas lindas noites do Portugal europeu, que as não ha mais lindas em toda a redondeza do globo.

Hontem, ao cair da tarde. entrou a chuviscar, e dentro em pouco ouviam-se trovões surdos, do lado da terra. Acordou tarde a Serra Leôa para esta orquestração da praxe; mas ainda bem que acordou, porque seria uma lamentavel lacuna nos meus apontamentos a falta d'uma trovoada, tendo passado pela zona classica dos trovões. Cae a chuva a potes, como se diz na minha terra, quando chove muito, e os relampagos são como o reverbero de grande olophotes, iluminando grandes extensões do mar.

Diz-me o comandante que não ha memoria de ter caido um raio em cima d'um navio, e como eu sei que todos os maritimos são mais ou menos supersticiosos, sendo a superstição, em muitos d'elles, a essencia da sua religiosidade. dispenso-me de lhe observar que sem a efficacia das pontas de platina talvez a Providencia se interessasse menos pela sorte dos nautas.

Saio do camarote pela volta das tres horas, incapaz de conciliar o somno, e fico-me, por largo tempo, a admirar o espectaculo, para mim inedito, d'uma noite de trovões, com faiscas sem numero, na região inter-tropical. Perto do navio caem flechas luminosas, zig-zagueantes como enormes bichas de raiar. Parece-me que tres grandes trovoadas se ajuntaram para formar esta orquestração verdadeiramente cyclopica, atravessando a qual o *África* me dá a impressão d'um navio fantasma, a bordo do qual vá Fatalidade para ignorados destinos.

Recolho á cama, deslumbrado e somnolento; mas só consigo dormir quando o som cavo dos trovões me chega aos ouvidos como um rumor confuso que se affasta de cada vez mais froixo, de cada vez mais distante, até se confundir com o marulhar das vagas alterosas, monotono como se fosse Neptuno a resar um psalmo.

Bem se diz que o mar é uma estrada larga, tão imensamente larga, que aos dias sucedem-se os dias sem que se aviste um barco, e muitos são os que andam em viagens de longo curso, com demora varia nos portos... Mar imenso, mar deserto, vastidão sem limites que o homem cruza em todas as direcções, zombando das suas furias.

Porque será que tanto nos alegra a vista d'um barco que passa ao largo, cruzando com o nosso, muito longe da terra, no mar alto, seguindo-o com os olhos até que desapareça?

Os que andam no mar correm todos os mesmos riscos, e sempre o perigo comum gerou a solidariedade, que no fundo é simpatia. Dá vontade de gritar para o navio que passa, á distancia de muitas milhas — bôa viagem! bôa viagem! —, e se elle demanda o porto que nós deixamos, chegando lá antes que cheguem as nossas noticias, então a gente instinctivamente, debruça-se na amurada, como que procurando impregnal-o d'alguma coisa que seja uma porção de nós mesmos, um bocado da nossa alma, que se nos escape pelos olhos, como um efluvío subtil.

Ha quanto tempo não vejo o sol! Ha quantas noites não vejo estrelas!

Aflige-me esta atmosphera de papel cinzento, sujo como um trapo de cosinha, a cobrir um mar

'aguas sem transparencia que me dão, por vezes,
impressão de serem oleos pesados, d'uma coesão
ue tende para a solidez. Vou observar, no castelo
a prôa, como é que o navio as corta, e pasmo de
ue haja espuma branca, muito branca, nas ondas
ugazes que elle forma á sua passagem. E sempre
ma temperatura insuportavel de estufa, o thermo-
netro não indo além dos 33 graus, mas o suor ba-
hando-nos o corpo e ensopando-nos a roupa, um
uor tão viscoso que me parece ser a propria agua
o mar. Ha que interromper o programa das festas,
orque n'elle ha numeros violentos, exigindo o em-
rego de muita força, e todos sentem os musculos
roixos, os nervos sem vibração, uma preguiça que é
uasi um anesthesico geral, como o ether e o cloro-
ormio.

Estamos ainda longe do Equador, o zero, como
he chama o mais pitoresco viajante do Africa, e ahi,
egundo resam as escripturas, é que o calor é de
achar. Pois todos anceiam por chegar ao Equador,
a vaga esperança de que tambem cá por Africa an-
de tudo virado do avesso, como na Europa, e o
equador seja a região menos quente de toda a vasta
zona inter-tropical.

Por mim, este calor sem humidade não me incomodaria grandemente, caçador alemtejano que aínda tem na pelle mordeduras do sol de julho, aquelle terrivel sol do mez das ceifas que inspirou ao Fialho a mais linda pagina dos seus livros, se a considerarmos sob o exclusivo ponto de vista literario.

Dizia-me ha pouco o dr. Jayme Ribeiro, alemtejano como eu, colonial que já conta aproximadamente vinte annos d'Africa : — Estive em Beja, por ocasião da feira d'Agosto ; afianço-lhe que em Moçambique nunca me incomodou tanto o calor.

Imagine-se este desconsolo — em tres minutos aquecer um banho frio com o calor do corpo, e sai do banho a escorrer... suor!

Se os desgraçados que vão para o Inferno são cosidos na caldeira do Pedro Botelho, a uma temperatura que não poderia ser medida pelos nossos vulgares pyrometros, e em comparação da qual é fria, quasi gelada, a radiação das fornalhas vulcanicas, eu vou fazer toda a diligencia por ganhar o céo. Não faço ideia de que seja a sensibilidade d'um espirito, a sua capacidade de gosar e sofrer; mas vale mais prevenir do que remediar, e eu ainda tenho tempo, se não morrer de repente, de preparar a salvação da minha alma, entregando-me a obras piedosas, que resgatem alguns pecados que por ventura haja cometido, sacrificando ingenuamente a gosos ephemeros uma perene felicidade... Nosso Senhor me perdoe; mas como é que a infinita sabedoria lhe não fez ver que pondo ao alcance da carne fraca o pecado agradavel, era em favor do Diabo que trabalhava?

— Já se vê terra!

E' como se offerecessem agua ao que morre de sêde no deserto.

Alongo a vista na direcção que me apontam, e consigo perceber lá muito longe, entre brumas, o relevo de montes, que me dizem ser S. Tomé.

A bordo há muitos passageiros que fazem esta viagem pela segunda, terceira ou quarta vez, e esses vão explicando aos outros o que se vê da Ilha, encarecendo as suas belezas.

— Aquela mancha verde, além, na encosta?...

— E' cana.

Toca para o almoço, e eu desejo estar livre quando o navio ancorar. De modo que sou dos pri-

eiros a sentar me á mesa, e nunca me pareceu que
creados fossem tão vagarosos em servir-me, como
ora.

Chego ao convez, tendo comido á pressa, e des-
mbra-me o espectaculo que se oferece aos meus
hos, cançados de só verem mar.

Como é pequena, a Ilha cabe á vontade dentro
m angulo visual de pequena abertura, que eu não
i calcular em graus. Logo se nota a insignificancia
cidade, mas facilmente a gente a esquece pas-
ando a vista pelas colinas, a tufarem de verdura,
ntes que se mostram em dois planos bem distin-
s, mas proximos, dispostos por maneira a darem-
s uma impressão de scenografia em que os rigo-
s da perspectiva foram escrupulosamente observa-
s. Há um trecho da Ilha, á esquerda de quem a
a da bahia, que é positivamente Sintra vista da
uz Alta, ao caír duma tarde de neblina sem con-
tencia, olhando em direcção á Peninha, de saudo-
s recordações.

Que há tubarões na bahia, e como as aguas são
n.a perfeita transparencia, é facil vê-los a grandes
fundidades. Uns ingleses que veem a bordo pre-
ram-se para deitar o anzol a um desses bichos, e
desejaria assistir a essa pesca. Mas s. ex.ª o Go-
rnador da Provincia vem fazer-me os seus cum-
mentos, e mostra desejos de que eu vá a terra,
ra actos oficiais.

Não ha uma ponte, um caes a que os navios atra-
em, ancorados ao largo por medida de precaução.
Salto do escaler e logo vejo, entre os que me es-
ram por dever do cargo, pessoas que me estimam
que ali estariam para me receberem ainda que eu
fosse Alto Comissario.

E' a primeira terra africana que piso, e faço-o
n intima comoção.

O governador faz as apresentações do estilo ; pas
so em revista a força destacada para a guarda d'hor
ra, e toca para o Palacio do Governo, onde os agr
cultores da Ilha devem entregar-me uma represer
tação.

O sol aquece devéras, e a primeira coisa que e
noto, com surpreza, é que ninguem usa guarda-sol
Em Lisboa, nos dias quentes, em pleno verão, nã
ha cavalheiro, gordo ou magrisela, que não abra
seu guarda-sol quando tem de atravessar uma ru
larga de poucos metros.

Muitos pretos, naturalmente, muitas pretas, u
numero consideravel de mulatos, e toda a gente de
barretando-se á passagem do governador, havend
nos seus cumprimentos inequivocas demonstraçõe
de respeito.

Não vejo pessoas nuas, a não serem creanças,
raros trajos descubro na multidão, que forma ala
que confirmem a reputação que na Europa têm
negros de serem gulosos de côres berrantes, associ
das de uma fórma disparatada. Abundam os *calc*
nhas, pretos vestidos á europeia, e facilmente inf
ro, de quanto oiço, que esta alcunha desdenhos
corresponde a um sentimento de infima simpat
pelo indigena que ascende, por sinaes exteriores,
civilisação branca.

Não ha na cidade um unico edificio em que valh
a pena demorar os olhos, todos pequenos, incaracte
risticos, sem a minima preocupação de arquitetu
que traía gosto ou denuncie o conhecimento des
verdade banal — a nossa casa, não sendo a nos
tradição, a nossa historia, tem de ser a express
das nossas relações com o meio, sob o ponto
vista climatico, a nossa defeza ou a nossa adapt
ção.

Um automovel, guiado por um *chauffeur* branc transporta-nos á roça Agua-Izé, uma das mais importantes, senão a mais importante fazenda da Ilha. O carro desloca uma corrente d'ar fresco, que nos faz esquecer a proximidade do Equador, a poucas milhas, e humidade na atmosfera, se a ha, não dou por ela, o que me dispõe admiravelmente bem para o passeio. A estrada, do tipo africano, sem macadam, é uma pista em que o automovel corre sem estremeções, ensombrada como as ruas dum grande Parque em que as arvores formassem arcadas de verdura.

Passam negros de todos os tamanhos e feitios, alguns de tanga, muitos enfarpelados numa sarapilheira, que é ao mesmo tempo casaco e saiote, e todos eles de cabeça descoberta, a não serem os janotas, que esses usam chapeu e não dispensam a bengalinha. Se não fosse a côr, muitas das mulheres que vão passando, a um lado e outro da estrada, vestidas com abundancia de saias, levando trouxas debaixo do braço ou á cabeça, eu teria a ilusão de estar no continente, andando no campo em dia festivo de arraial.

Ainda não vi uma preta bonita; mas tenho visto admiraveis esculturas d'Apolos negros, altos, fortes, desempenados, explendidos animaes creados á lei da Natureza, musculos d'aço fazendo tensa uma pele de bronze, a cabeça erguida num aprumo que seria orgulho, se não fosse antes a desconfiança ancestral duma fera domesticada, a farejar nos ventos perigos que a ameacem.

O automovel, que é um requinte da nossa civilisação, estes negros já se habituaram a vê-lo, de modo que ele passa sem grandemente despertar a sua curiosidade. As raparigas e os rapazes saudam-nos, galhofando, e as cachopas mais gentis — tudo neste mundo é relativo — se percebem que as galanteamos, mostram satisfação e recato, sorrindo e desviando os olhos.

Ha nesta gente fisionomias estupidas e fisionomias inteligentes, olhares parados em que se revela a animalidade primitiva, sem clarões de espirito, e olhares duma espiritualidade que impressiona, porque reflectem uma mentalidade que ainda não é culta, mas pode ser cultivada com exito.

Mas que demonio!

A nossa gente do campo, mesmo sem nos afastarmos muito das cidades, oferece este mesmo espectaculo, e quantas vezes eu perguntei a mim proprio, atentando nos lapuzes que me escutavam, orador de improvisados comicios, quantos daqueles antropoides conteriam a virtualidade duma pessoa.

Na corremaça em que vamos, querendo ver muito em pouco tempo, nem sequer posso inquirir do nome e qualidades das arvores que mais ferem a minha atenção, dos fructos enormes que algumas delas apresentam aos meus olhos pasmados, grandes como aboboras pequenas ou melões de bom tamanho.

— Aquele fructo, além ?...

— E' a fructa pão.

Esbarra-me a vista em macissos de vegetação arborea, olhando a um lado e outro, de tal modo que certos trechos do caminho me fazem a impressão de ir percorrendo as Avenidas umbrosas dum Parque, e outros me fazem crer que vou atravessando uma selva, um denso bosque em que me perderia se me afastasse, a pé, do largo carreiro que o atravessa, aquele em que vamos, correndo o automovel sem o menor solavanco.

Que extraordinaria exuberancia de vida! Que portentosa força de vegetação!

Agora sim, acredito na anedota que se conta do inglez, que tendo aqui tanchado a bengala até um palmo de altura, dahi por umas horas, quando a quiz arrancar, já não poude, porque tinha creado raizes.

Se para tanto me chegasse o tempo visitaria demoradamente, que mais não fosse, duas roças, uma grande e outra pequena, e assim ficaria a saber como se faz agricultura em S. Tomé, quer dizer como se explora aqui a propriedade. Mas não tarda que seja noite, e as roças da Boa Entrada e Rio do Ouro, nde desejo ir, ficam a muitos quilometros de Agua-zé.

Se ao menos esta, Agua-Izé, eu a pudesse vêr om vagar!

O conde de Sousa e Faro mostra-me tudo quanto ode mostrar-me na estreiteza do tempo de que isponho, e, do que vejo, infiro eu que nesta roça a xploração se faz com muita inteligencia, tirando-se o trabalho de todos e de cada um o maximo renimento. Sabendo-se que a propriedade, em anos de olheita abundante, já tem produzido qualquer coisa omo trezentas mil toneladas de cacau, far-se-ha leia do que sejam as suas instalações, as suas mauinas, os seus fornos, os seus armazens de depoto, os seus varios secadores em fórma de grandes irados.

Visito o hospital e a farmacia, e tendo achado tudo xcelente, dispenso-me de vêr as novas enfermarias erto de que elas nada deixam a desejar.

Tenho o prazer de encontrar aqui, na roça Aguaé, uma patricia, a senhora condessa de Sousa e aro, que se lamenta de não ter eu chegado mais do, logo pela manhã, para me oferecer um almo... de açorda alemtejana!

A hospitalidade fidalga que nos dão, por algumas ras, os condes de Sousa e Faro, por completo nos faz esquecer de que estamos em Africa, habituado como anda o nosso espirito a considerar a Africa como uma terra de negros e febres palustres, uma terra de animaes ferozes de guarda a uma civilisação atrazada de seculos.

Uma ninhada de pretinhos, formando creche, brinca num terraço, ao abrigo do sol, e desata numa chilreada alegre, sem espanto, quando nos vê passar — Bons dias! Bons dias!, e como alguem, da comitiva distribua por eles dinheiro em papel, os garotos, aos saltos e aos guinchos, estendendo as mãositas de chocolate, pedem com insistencia — *um vintem para cada ninguem.* — O preto, á força de lhe dizerem que não é ninguem, imagina que ser ninguem é ser exactamente o que ele é.

Quando chegamos á Boa Entrada, tendo sofrido a *panne* de alguns minutos, o sol ia a descair para o mar, avermelhando farrapos de nuvem que manchavam o ar cinzento.

A temperatura é agradavel, e não se faz sentir, incomodando, a humidade.

Como em Agua-Izé, faço uma visita rapida ás instalações, e entro numa casita — são todas iguaes — onde os pretos moram, os pretos que trabalham, está bem de vêr. E' um alojamento suficiente, quadrangular, com uma janela estreita na parede fronteira á porta, o que permite uma constante renovação do ar. O mobiliario é uma tarimba e dois bancos toscos. O trem de cozinha é o nada de que precisa um *ménage* preto, marido e mulher, a maior parte das vezes só o homem, para confecionar a sua alimentação.

O administrador da roça enche-nos de atenções delicadas e oferece-nos uma taça de *champagne*, lamentando que não tivessemos ali chegado mais cedo, pois desejava que vissemos toda a roça.

A casa da escola, melhor que as boas escolas publicas que temos no continente, é agora um instrumento sem utilidade, porque a repatriação dos indigenas, a curtos intervalos, impede que haja uma população escolar.

Desce a noite pelas encostas dos montes, cobertos de vegetação exuberante até aos ultimos cocurutos, e ainda temos que ir a *Rio d'Ouro*. A distancia não é grande, mas ha que percorrel-a em vagonete, puxado a mulas, num decauville sem maquina.

Tenho a impressão de caminhar atravez de uma floresta sem murmurios, no silencio augusto duma noite opaca... Aquela anedota do homem que se deitava no chão para ouvir crescer a herva, seria historia verdadeira em S. Thomé, que eu bem sinto os galgões da seiva na rêde vascular destes gigantes frondosos; bem vejo o arfar destes peitos rudes abrigando pulmões cujos alvéolos são cavernas, e nos silencios da conversa, as inevitaveis pausas sincopais que rompem o fio de todo o falaciar palreiro, o que eu oiço é o bater rithmico, o tic-tac isocronico do coração de Pan a dormir na floresta, embriagado de perfumes exoticos.

Pois se no meu regresso de Agua-Izé, perto da cidade, eu notei que um *óakas*, á margem da estrada, lado direito, crescera um palmo!

O Rio d'Ouro é uma torrente que vem lá de cima, não sei donde, quebrando-se nas fragas, tumultuoso e devastador no tempo das cheias, reduzido agora a um minusculo fio de agua cantante, que atravessamos numa pinguela feita de pernadas e troncos. Sobe-se uma pequena rampa e está-se nas instalações da roça, uma das melhores propriedades de S. Thomé. Somos recebidos por uma multidão de pretinhos chilreantes, alegres e desenvoltos como passaros em liberdade — *bom dia doutô! bom dia doutô!*

E' noite; mas os pretinhos recebem o branco, a qualquer hora, como se fosse dia, naturalmente por ser em pleno dia que lhes ensinaram aquela formula de saudação. Dá-se o caso do actual governador interino de S. Thomé ser medico, um medico de rara distinção, e o afecto que por ele mostram os negritos, agarrando-se-lhes ás pernas e ás mãos — bom dia doutô! bom dia doutô! — mostra que ele trata os seus clientes indigenas com enternecido afecto.

E' curioso!... Ouvindo este bando de gente negra, cada um empurrando o que lhe está na frente, para lhe ocupar o logar, eu penso ter caido num arraial de ciganos, tanta semelhança ha nos seus gestos, nos seus gritos, nas suas exclamações, no seu vozear em torrente quando o seu falatorio ininteligivel toma geitos de altercação.

Dizem-me que é muito lindo o Parque em que estou; mas o luar é escasso, e tudo quanto eu consigo ver nada mais é do que vultos e sombras, nenhum recorte de forma, nenhuma tonalidade de côr sobresaindo na massa negra que nos venda os olhos. Uma taça de champagne, uma chavena de chá, fructas e bolos, os nossos agradecimentos, e toca para bordo, que os passageiros do *Africa*, prevenidos de que o navio largará ás seis horas, devem já murmurar da nossa ausencia.

Quasi ninguem pelas ruas da cidade. Um ou outro estabelecimento aberto, no caes as pessoas que se dignaram vir ali desejar-nos boa viagem, e na larga bahia sem abrigo, erma e silenciosa, nem sequer aparecem tubarões dando-nos um ar da sua graça.

Põe-se o navio em marcha, fazendo um grande desvio para tomar rumo definitivo, e encostado á amurada eu vejo a terra de cada vez mais distante, mais confusa, sem linhas de contorno, massa pardacenta que se vai fazendo negra até que desaparece de todo...

O que teem que expôr os agricultores de S. Thomé ao Alto Comissario de Moçambique?

Teem que expor-lhe o seguinte: — Se Angola e Moçambique recusarem a S. Thomé a mão d'obra de que a Ilha carece, toda a riqueza ali creada se perderá, e o melhor atestado, da nossa capacidade colonisadora, passará a ser a melhor prova da nossa incompetencia.

S. Thomé é uma ilha de escassa população, e os seus indigenas, pouco dispostos a trabalhar para si, a não ser nos limites muito restrictos das suas necessidades de vida vegetativa, não querem trabalhar para os outros. O preto de S. Thomé não paga impostos, não está sujeito ao trabalho compelido, e para se alimentar durante todo o ano não precisa de trabalhar muitos dias.

Com pretos de Angola e Moçambique é que se fez S. Thomé, e ainda hoje ela não pode dispensar a contribuição, em trabalho, que lhe pagam estas provincias. Mesmo que os seus indigenas trabalhassem, S. Thomé careceria de mão d'obra vinda de fóra, de Angola, Moçambique ou Cabo Verde, sendo preferidos os trabalhadores de Moçambique, por serem mais disciplinados e mais deligentes. Mas então, obrigados os indigenas de S. Thomé a trabalhar fosse qual fosse a maneira de tornar effectiva essa obrigação, comprehender-se-hia o recurso á mão d'obra estranha á ilha para suprir uma falta por nenhum outro modo suprivel. Sucede ainda que tanto Angola como Moçambique estão a desenvolver-se pelo trabalho agricola, e dentro em pouco tempo cáda uma d'estas provincias não terá toda a mão d'obra que lhe será precisa. Sei perfeitamente que

S. Thomé é terra portugueza, mas terra portugueza é Moçambique, terra portugueza é Angola, e afigura-se de elementar justiça que cada colonia utilise em seu proveito os seus proprios recursos.

Em Moçambique os indigenas pagam imposto de palhota, e para o pagarem carecem de trabalhar nas suas machambas, produzindo generos que vendem, ou na propriedade alheia, recebendo salario.

Mal irá a S. Thomé se continuar na dependencia de Angola e Moçambique para o fornecimento de trabalhadores, sendo todavia certo que estas Provincias lh'os fornecerão emquanto os tiverem em excesso, isto é, emquanto o seu trabalho organisado não der ocupação a todos, e civilisar, quer-me parecer, é crear necessidades, tanto materiaes como moraes, necessidades para satisfazer as quaes os individuos carecem de trabalhar, de produzir, habilitando se a dar á comunidade, sob a forma de impostos, o equivalente ao que d'ella recebem em beneficios de varia ordem.

Não conheço a vida economica da Ilha de S. Thomé; ignoro por completo a condição social dos seus indigenas, quasi todos da cathegoria dos fôrros. Estas considerações, d'ordem geral, exprimem os propositos que me animam de proteger S. Thomé, na medida em que o possa fazer como Governador de Moçambique, e ao mesmo tempo denunciam as minhas apreensões com respeito ao futuro d'uma colonia que já interessa muito a economia da Nação.

Acreditará o leitor que não há em S. Thomé um laboratorio de pathologia vegetal, e que ainda ninguem se lembrou de o crear, apetrechando-o convenientemente e entregando-o á direcção d'um tecnico de reputação bem estabelecida?

Ha uma pathologia e uma therapeutica dos vegetaes, como ha uma pathologia e uma therapeutica dos animaes, compreendendo n'esta denominação, genercia o homem. Ha mesmo quem pretenda que os mineraes, o terceiro reino da creação, segundo a linguagem de velhos tempos, são passiveis de doença, visto serem dotados, os da mais alta cathegoria, os cristaes, de faculdades que caracterisam a vida como são o crescimento e a reprodução.

Certo é que n'este momento um terrivel bicharoco, de nome rubrocinta, devasta os coqueiros de S. Thomé, ameaçando de ruina os seus ricos fazendeiros. Já uns poucos de entomologistas aqui vieram estudar esta praga, e quer-me parecer que o dinheiro gasto com esses hospedes de poucos dias, portuguezes uns, estrangeiros outros, chegaria para montar convenientemente o laboratorio que aqui falta, e a que já me referi.

Outro seria o procedimento de americanos que aqui se houvessem estabelecido, fazendo em poucos anos fortunas que seriam grandes mesmo na America.

As propriedades são bem tratadas?

Não pode haver duas opiniões a este respeito; mas cada roceiro trata bem da sua propriedade, para que dê um rendimento de cada vez maior, e com o que não é a sua propriedade importa se tanto como se importa o leitor com o que se passa na China.

Uma boa parte da imensa riqueza que da Ilha sacam os roceiros deveria aqui ficar, servindo para abrir estradas, para construir linhas ferreas, para dotar a cidade de edificios publicos e particulares que atestassem o labor fecundo que n'ella se faz, grandiosos e belos. Seria muito que dos milhares de contos que sahem da ilha sob a forma de cacao, alguns regressassem á ilha sob a forma de escudos, gastos em fazer obras que sendo de todos não são de ninguem, mas que afirmassem o alto grao de civilisação d'uma comunidade á qual não é justo negar participação... no bem comum? Importa dizer, a bem de justiça, que avultadas somas, provenientes dos impostos, que o Estado recebia em S. Thomé, serviam para cobrir os *deficits* de Angola, como os saldos de Macau, provenientes do jogo e do opio, servia para cobrir os *deficits* de Timor. Como quer que seja, a vesdade é que S. Thomé não tem estradas, não tem edificios, não tem um caes acostavel, e a sua riqueza tem servido para enriquecer meia duzia de pessoas que da Ilha tiram o mais que podem e nela gastam o menos possivel.

Todas estas considerações me ocorreram, ouvindo os agricultores de S. Thomé, melhor dizendo, os representantes dos agricultores de S. Thomé, os donos das afamadas roças que são, que se pretende que sejam, o melhor atestado da nossa capacidade colonisadora. — Simplesmente se esquecem, os que assim falam, que numa colonia onde se não fixam colonos e d'onde se tira riqueza, exportando-a para a Metropole, não é propriamente uma colonia — é uma possessão.

De S. Thomé a Loanda

A's onze horas o navio está atravessado no Equador, e pela primeira vez eu não sinto a menor comoção passando dum hemisferio para outro..

No dia seguinte alguns passageiros recordam-se de ter o navio dado um pequeno salto ao passar a Linha, como se fosse um carro que apanhasse uma sob-roda. Já um estadista portuguez esteve metido num bote, viajando no Mar Vermelho, de espingarda a tiracolo, para caçar no Equador. Muitas pessoas teem visto o famoso circulo maximo, equidistante dos polos... sob a forma dum cabelo atravessado na objectiva dum binoculo.

— E' verdade, bem o vejo.

Festejava-se a passagem do Equador, a bordo de certos navios, em tempos não muito recuados, com uma cerimonia ruidosa e burlesca, em que aparecia Neptuno, de grandes barbas de estopa, a increpar a gente ousada que entrava pelo seus dominios como se entrasse por sua casa. Era, guardadas as devidas diferenças, uma especie de canelão á Porta Ferrea, nos tempos em que havia bohemia coimbrã, pois só, aos viajantes novatos Neptuno dirigia as suas falas e só para eles se apontava a agulheta duma bomba, encharcando-os dos pés á cabeça. Alguns, os mais peludos, davam sorte; mas tudo acabava em bem, esvasiando se taças de champagne á saude do rei dos mares.

Parece me infindavel este maldito golpho da Guiné quente e humido como uma chocolateira a ferver, e nem sequer temos a consolação de ver terra, a escalvada costa africana ao longo da qual, em frageis botes e caravelas, os nossos antepassados se aventuravam á busca de novos mundos.

Entretenho-me a considerar nas aguas os variados efeitos de luz, que diversificam a paisagem maritima quando o mar é tranquilo...

Junto do navio, a um lado e outro, são notaveis as aplicações sobre um fundo de seda velha e desbotada, rendas de espuma mais complicadas que as de Bruxelas, mais finas que as de Alençon.

Já perdi a memoria das noites estreladas, e custame a comprehender que andando o sol não sei por onde, longe do caminho que seguimos, pois não o vejo ha uns poucos de dias, a temperatura seja de esbaforir os meus companheiros de viagem, quasi todos eles africanistas de carreira. O equador geografico sei eu que é uma linha; mas o equador thermico estou a vêr que é uma superficie imensa, que tem de se medir por dias em vez de se medir por graus.

Não se lobriga um navio seguindo qualquer rumo; as toninhas, se as ha nestes mares, não se dignam aparecer; as baleias, se as não conhecesse d'outras paragens, crel-as-hia um mito, como as sereias, uma visão de poeta lirico ou de nauta assustadiço, sugestionado pela famosa lenda biblica, segundo a qual o profeta Jonas, filho de Amathi, passou tres dias e tres noites acocorado nas tripas dum baleote. Acocorado, digo eu, porque a Biblia nada explica quanto á posição de Jonas no ventre do seu navio-cetaceo. Como as baleias ainda hoje são enormes, e as grandes formas, tanto no mar como na terra, ao que parece, tendem para a extinção, bem pode ser que Jonas se conservasse de pé, no aprumo dum homem forte, esperançado na misericordia divina, a olhar para um lado e outro, na direcção dos buracos naturaes do seu fantastico submarino, á espera de se vêr fóra dali, nos engulhos dum vomito ou nos espasmos duma dôr de barriga.

Foi ha tanto tempo!

Um aprendiz de clerigo, meu amigo, ajustára um sermão por cinco mil réis, numa festa de aldeia. Matutou sobre o tema a versar, e fixou-se nisto: — *Da presença de Cristo na hostia.* Eu achei bem, e dando como provado esse misterio, perguntei ao meu ingenuo amigo: — *E qual é a posição de Cristo na hostia?* Disse-me que a este respeito ainda nada tinha encontrado nos livros, mas que achava o caso interessante, e dele falaria ao padre Mata, professor no seminario de Beja, muito versado nas sagradas theologias.

Constrange-me esta desolação, que parece eternisar-se; esta quietude das aguas, formando um lago interminavel, sem fluidez e sem transparencia; estes dias sem luminosidades de sol, estas noites sem claridades de luar...

— Acolá, nesta direcção, vê?... E' uma ilhota de capim boiando na corrente do Zaire.

Aguço os meus olhos de miope, e consigo vêr a ilhota que me apontam, muito verde, de fórma quadrangular, medindo os seus vinte a trinta metros o lado maior.

Vem o Zaire de muito longe, recebendo a valiosa contribuição doutros rios mais pequenos, e tão grande é o volume das suas aguas na foz, tão impetuosa a sua corrente, que numa extensão de setenta milhas ele corta o oceano, guardando a sua independencia selvagem. Destacam as suas aguas barrentas no azul, sem transparencia, das aguas oceanicas, e numa extensão enorme, que eu não sei avaliar, parece que uma extrema as separa, como nas herdades do Alemtejo, o relêvo sendo dado pela côr.

Eram bem audaciosos os navegadores que por aqui passaram, ha seculos, a primeira vez, gente portuguêsa, e eu calculo, por mim, da surpreza que eles tiveram quando viram as aguas barrentas do Zaire resistindo a confundirem se com as aguas do mar. Curiosos e sem medo, ahi vão eles, rio acima, não sabendo até onde poderiam chegar, mas resolvidos a chegar tão longe quanto lh'o permitisse a navegabilidade daquela via fluvial. Lá em cima, nos primeiros rapidos do Zaire, está gravada em pedra a façanha dos nossos ilustres navegadores, para memoria eterna.

Tendo-se colhido, num balde, um pouco de agua do Zaire, eu constato que ela é ligeiramente menos salgada que a do mar.

Este episodio da viagem, aliaz esperado, enche-me de animo para vencer, sem aborrecimento de maior, a distancia que ainda nos separa de Loanda, tanto mais que o Comandante me diz que no dia seguinte navegaremos á vista de terra.

E' possivel que a temperatura não baixasse; mas com certeza a humidade é agora menor, e o calor seco incomoda-me pouco, mesmo que o mercurio atinja na coluna termometrica alturas desmarcadas.

Do lado de terra não pode vir-nos uma aragem fresca; mas a verdade é que, entretido a notar o desenho da costa, lá muito longe, eu tenho a impressão de que já deixei os tropicos, e se ainda sinto humida a pele, não atribuo isso ao suor, mas a borrifos de agua salgada, atravessando-me a roupa, sem a molharem.

— A que horas estaremos em Loanda, comandante?

— Devemos almoçar já fundeados.

Os homens do mar, por via de regra, são um nadinha supersticiosos; nos seus calculos entra sempre a possibilidade duma intervenção fortuita, que os transtorne por completo. Perguntar-lhes a que horas o navio entrará em certo porto; a que horas passará por determinado logar, é atribuir ás suas previsões uma certeza que elas não podem ter, negando o que de casual, o que de incerto ha sempre na incerta vida do mar.

Deito-me a pensar em Loanda, no seu presidio, nos seus degredados, e adormeço com o corpo moido, como se dentro do colchão, em logar de palha ou lã, estivessem as pedras negras de que é feito o continente africano, segundo as lendas que encheram de pavor a minha imaginação de creança.

A costa de Africa!

Sonho com João Brandão, e rememoro, no sonho, todas as façanhas que dele ouvi contar, algumas das quaes lhe davam ares dum personagem simpatico, determinando-se por motivos de justiça contrarios ás estipulações legaes, e outras o incalculavam como um verdadeiro monstro, assassino e ladrão, tendo o mesmo desprezo pela vida que pela fazenda alheia.

Ainda não andava á escola, e já cantarolava esta quadra:

Está preso João Brandão
Não foi por roubar dinheiro;
Foi por matar um afilhado
Lá em cima dum pinheiro.

Quando saio do camarote, pela manhã, o navio contorna a boia que indica a entrada da bahia, uma ampla, vasta bahia onde se encontram, neste momento, dois ou trez navios de carga, um dos quaes é estrangeiro.

Como tinha dito o Comandante, almoçamos fundeados.

Tambem aqui, como em S. Thomé, não ha um caes ou ponte de atracação. O navio fica muito ao largo, quasi tão longe da restinga como da terra firme. Chegam barquitos de remos, para a descarga, e as almadias, governadas por dois pretos, convenientemente ensarapilhados, nus da cintura para cima, offerecem-se aos passageiros que queiram ir para terra. Vem a ser uma almadia, como o leitor muito bem sabe, o tronco escavado d'uma arvore, comprido e estreito. Facilmente se viram estas embarcações; mas os pretos, optimos nadadores, tambem facilmente as repõem em posição de navegar, e com as pás, servindo de remos, imprimem-lhes rapidos movimentos.

Os poveiros, obtida a indispensavel licença, atiram-se ao mar, sem receio dos tubarões, muito convencidos de que elles se assustam com o barulho que se faz a bordo, nos barcos que ancoram por algumas horas, o tempo indispensavel para deixar e trazer carga. A' cautela não se affastam muito do navio, e quando o chefe da companha toca um apito, dando o signal de recolher, todos dão o seu banho por acabado.

S. ex.ª o Governador interino, que nenhuma communicação oficial recebera ácerca da minha passagem por aqui, tem a gentileza de vir cumprimentar-me a bordo, e leva-me para terra no escaler da Alfandega. O elemento oficial aguarda-me no caes, onde tem logar as apresentações do estilo. Admiro o garbo, o aprumo militar da tropa indigena que faz a guarda d'honra, perfeitos moços, escorreitos e desempenados, vaidosos da farda que vestem, e o ar de quem diz á gente que são tropa linda para ver nas paradas, e temivel para defrontar na guerra.

Mas porque se apresentam descalços?

Eu sei o tormento que é para os pés habituados á liberdade o casulo d'uma bota que nem sequer é feita por medida; sei que muitos dos nossos soldados, na Metropole, só conseguem ir até ao fim d'uma jornada comprida, debaixo de forma, se os deixarem levar as botas na mão! Deve ser muito para atender a economia que se faz com o calçado d'esta tropa; mas a despeza não seria uma coisa por ahi além, se ellas se calçassem só quando fazem guarda d'honra, rigorosamente uniformisadas.

A fortaleza de S. Miguel, onde se albergam os degredados, ocupa um dos mais lindos pontos da cidade, centro de largos horisontes, sobranceiro ao mar. N'este momento os presidiarios são em numero superior a mil, homens e mulheres, custando á Provincia muito mais do que valem, consumidores improductivos, de problematica regeneração. Diz-me o comandante da fortaleza que elles são os *funcionarios* do Estado que gosam de mais regalias na Provincia, o que talvez explique, d'algum modo, o facto de ser tão concorrida na Metropole, a carreira do crime, nas especies a que corresponde pena de degredo. As mulheres ocupam duas casernas de paredes grossas como muralhas tartaricas, abobadadas, as portas a cadeado, para evitar contactos perigosos. Muitos dos condenados andam na cidade, trabalhando pelo oficio, os que o teem, e alguns são empregados de escriptorio, afiançados nos termos da lei. Os mais habeis para angariarem a vida metem-se em negocios, e acabam por enriquecer. Conta-se d'um governador da Provincia que sempre perguntava ao cavalheiro desconhecido que recebia no seu gabinete para tratar de qualquer assumpto de interesse particular: — *V. Ex.ª é, ou foi degredado?*... Se a resposta era positiva, s. ex.ª não lhe estendia a mão, ouvindo-lhe o arrasoado sem lhe dizer — sente-se.

A Metropole terá o direito de fazer das colonias, de qualquer das suas colonias, vasadoiro do que ha de peor, de menos socialmente util na sua população?

Bem sei que o meio entra por muito na geração do crime, e pode modificar profundamente a structura moral dos criminosos, d'aquelles em que haja um apreciavel coeficiente de corrigibilidade. Mas será necessario, para que isto se consiga, afastar os delinquentes para tão longe, reunindo-os n'uma especie de phalansterio que bem pode ser um curso de aperfeiçoamento para uso dos criminosos que se deixam arrastar á barra dos tribunaes?

Visito, a correr, o hospital, que me deixa a melhor impressão, e vou lá abaixo, ás instalações da telegrafia sem fios, ver o que pode o esforço d'um homem inteligente, quando se apaixona pela sua obra. Ali perto estão instalados os americanos, pesquisadores de petroleo, gente que não prescinde de conforto e comodidades, seja qual for o ponto do globo em que se instale para trabalhar, e que por isso mesmo dá sempre ás suas instalações um ar de coisa definitiva. Ao certo ainda ninguem sabe que resultados positivos teem dado as suas pesquisas; mas visto que elles as continuam, gastando de cada vez mais, presumivel é que tenham encontrado o que procuram, minas de petroleo que valha a pena explorar, sendo para a provincia d'Angola uma inapreciavel riqueza.

A cidade dá-me a impressão d'um singular destrambelhamento de casas, ainda susceptivel de correção, se lhe acudirem a tempo. Dois ou tres edificios grandes, sem grandiosidade, modestas habitações de pessoas remediadas, sem fortuna, e o bairro indigena, no melhor ponto da cidade, áparte a fortaleza, feita de casinhotos de varia especie, sordido como um abarracamento de ciganos. Vista um pouco d'alto, em aeroplano, a cidade, no seu conjuncto, tanto parecerá um grande povoado que acaba, como um grande centro urbano que começa.

Fez-se uma ponte, ligando o continente á Ilha de Loanda, destinada a dar passagem a um comboio que leve os vagons carregados até onde estão os barcos que hão-de receber carga, e traga a carga que elles deixarem, destinada á cidade ou ao interior. Verificou-se, depois de feita a ponte, que ella não pode com um comboio, não obstante os respectivos estudos, ao que me informam, terem sido feitos e os respectivos trabalhos dirigidos por um mestre latoeiro de muito talento.

Tem Angola a reputação de ser a mais rica das colonias portuguezas, muito mais rica que Moçambique, mais rica e de maior superficie, estando calculuda a sua area n'um milhão e duzentos mil kilometros quadrados. Já n'ella se faz a exploração dos diametros, e não tardará que se faça a do petroleo. Da-se ainda a circunstancia, eminentemente favoravel. de não ter Angola sofrido, como Moçambique, a influencia estrangeira, terra genuinamente portugueza, vivendo do esforço da gente portugueza, e em mãos portuguezas ficando o melhor da sua riqueza produzida. A pacificação e dominação do territorio está feita, sendo pouco provavel que o gentio, depois da ultima lição que apanhou, ainda venha a mostrar veleidades de se furtar á nossa auctoridade, reclamando os direitos de dono da casa.

Para mais Angola fica, em relação a Moçambique muito perto da Europa, o que representa uma incalculavel vantagem para a sua vida de relações.

E toca para bordo, não vá o *Africa* retardar partida por minha causa.

A's quatro horas o navio põe-se em marcha, e e relanceio a vista pela cidade, n'uma despedida em qu não ha saudades.

Só agora reparo n'uma expansão do mar, formando uma bahia imensa, na qual vem desaguar Dande, se não erra o meu informador. A bem dize não se trata d'uma bahia, no rigoroso significado d palavra, mas d'um braço de mar que avança pel terra na extensão de muitos kilometros. A restinga d'uma largura insignificante, só aqui e além dand amostras de vegetação arborea, feita de casuarinas tem para cima de trinta milhas de comprimento, e navio tem de marchar paralelamente a ella, para depois tomar um rumo definitivo.

Por cima da restinga vou seguindo o desenvolvimento da costa, esbatida em areal ou acidentada em morros de pequena elevação, com manchas verdes de capim. Ha uma linha de montes, nas terras interiores, muito distante, e até lá, se não me enganam os olhos, o capim e o mato é tudo quanto cobre este solo ardido, d'uma esterilidade sahariana.

Reparo no céo, muito alto, muito azul, d'uma transparencia cristalina, e vou encostar me á amurada, do outro lado, adivinhando um lindo pôr do sol no quasi religioso silencio do mar deserto, o navio marchando sem estremeções, parecendo que não corta as aguas, deslisando suavemente, a doze milhas á hora, pela sua mole e continua superficie.

Que deslumbramento!

Não é preciso que a gente saia de Portugal para ver os mais lindos poentes do mundo. Trago, ha muitos anos, os olhos cheios d'essas telas maravilhosas que o sol pinta á hora em que nos deixa, e isso me tem permitido realisar confrontos de que sempre tem saido triumphante a terra portugueza. Mas o espectaculo que estou presenceando, n'um calmo entardecer de Março, entre Loanda e Mossamedes, com o thermometro a marcar trinta graus, sem terra á vista, é das coisas mais lindas que me tem sido dado observar, um quadro em que o genio da pintura fizesse maravilhas de colorido... O sol vai baixando, lentamente, com soberana magestade como se fosse Apolo descendo uma escadaria. No céo lilaz, purissimo como se fosse o olhar d'uma virgem loira, a sonhar amores, as nuvens tomam as mais variadas colorações, predominando o vermelho nas suas gradações inumeras.

Pode lá ser que haja purpura de cardeal que valha aquelle bocado de tela, a que se me prenderam os olhos, um pouco acima das aguas, á esquerda do que ainda resta do sol a afundar-se nas ondas!

Suponho ter visto o que ha de melhor nos Museus da Europa, na Italia e na Hollanda, e horas esquecidas passei, em Veneza, quasi hypnotisado em arrobamentos d'Arte, na religiosa adoração, como um fanatico, dos grandes mestres da côr. Pois bem; todas as bellezas picturaes dos Museus, somadas ou fundidas, não valeriam a tela maravilhosa que tenho na minha frente, nem como effeitos de luz, nem como arranjo de linhas.

Sim, como arranjo de linhas.

N'este phantastico *décor* d'opera, d'uma opulencia oriental, já me tem querido parecer que foi rebatido o plano vertical do céo, por forma a continuar o plano horisontal das aguas. As nuvens tomam as formas mais caprichosas, revestem os aspectos mais variados. Estou a ver, positivamente a ver uma pequena floresta em chamas, e mais para lá montes de neve cortados de ravinas, que são abismos escancarados. Tão longe quanto a vista alcança, lobrigo uma flotilha de quatro barcos, o maior dos quaes tem duas chaminés, de que se evola uma fumarada branca.

Alucinação da vista?

Sem duvida; mas não será a nossa vida inteira um delirio alucinatório, descontadas as realidades que nos fazem sofrer?

Saio do meu extasi, por um esforço de vontade, e constato que o mar, n'uma grande extensão, é uma chapa de cobre areado, por cima da qual o barco avança sem estremeções. Nuvens em massa tingem-se dos ultimos raios vermelhos do sol, já abaixo do horisonte, e essa côr reflecte-se nas aguas, dando lhe tons metalicos.

Perdurarão na minha memoria as impressões d'esta tarde quente, isolado na multidão de bordo, nem sequer me apercebendo da algazarra que fazem as creanças, correndo, saltando, adoraveis passageiros que andariam embarcados até á idade do enjôo — aos quantos anos? — sem terem saudades da terra.

Sôa o tam-tam, chamando para o jantar.

Mais me apetece ir sentar-me no castello de prôa do que ir sentar-me á meza, reservando o meu escasso apetite para o chásinho das nove horas. De tudo o que sae do frigorifico vindo de Lisboa, a unica coisa que os passageiros ainda toleram... é o gelo.

Só no Cabo o navio meterá generos frescos, e o Cabo, ainda fica a uma semana de viagem, se o *Africa* conservar o andamento em que vem.

Acabou-se, vou para a meza.

Goza a bahia do Lobito da reputação, de ser uma das melhores bahias d'Africa, muito ampla, muito segura, muito bonita. Tem a forma ligeiramente ovoide, de boca estreita, abrigada de todos os ventos. Os navios atracam á ponte, e a gente tem a satisfação de saltar em terra sem a massada dos botes.

A projectada cidade do Lobito, por ora reduzida a meia duzia de edificações, umas em tijolo, outras em cimento, acomoda-se bem na lingua d'areia que fecha a bahia, por oeste, podendo estender-se, quando for grande, por terrenos que são agora pantanos, bastando saneal-os convenientemente. Edificações grandes, no Lobito, só ha os armazens da Companhia d'Ambaca, feitos na presumpção d'um trafego que encha de navios esta admiravel bahia. Modesta é a casa destinada á residencia do Governador, quando aqui vier passar algumas semanas; modestissima é a instalação do Banco Ultramarino. Tambem modesta, mas cheia de conforto, é a casa do sr. Mariano Machado, alma e coração do Caminho de Ferro de Lobito. Faço uma visita rapida ao Hospital, e toca para Benguela, n'uma zorra automovel, precedendo um comboio de excursionistas.

Fica a pequena distancia do porto um bairro indigena, de casitas brancas, semelhantes ás que vi em S. Thomé, na roça da Boa Hora. Vou adquirindo o convencimento de que os pretos são capazes de viver em casas á moda europeia, desde que ellas garantam o conforto das suas palhotas e os não obriguem a mais trabalho ou maior despeza. Lobenguela, na margem do rio do mesmo nome, pode vir a ser uma povoação importante se proseguir, com exito, a cultura do algodão. Dizem me que viveu aqui nas proximidades, o famoso João Brandão muito bom para os indigenas, entregue a uma vida de trabalho como qualquer honrado colono.

E' feito de extensissimas linhas rectas o caminho de ferro de Benguela, e como a zorra marcha com grande velocidade, tem se uma impressão de frescura, como se já não fosse verão n'esta região africana. A um lado e outro da linha os terrenos estão incultos, e não sei eu até que ponto elles são susceptiveis de aproveitamento.

Aguardamos em Benguela, na estação, que chegue o comboio, e apenas elle chega continuamos de zorra até á cremalheira. A mesma planura inculta, o mesmo capim, o mesmo inutil matagal, e passado algum tempo entramos n'uma região de montanhas rochosas, escalvadas, de ravinas fundas, aqui e além permitindo a expansão de modestos vales, onde inutilmente procuro signaes de cultivo. Um aqueducto precede a cremalheira, e porque foi Eduardo Costa quem mandou fazer e dirigiu as respectivas obras, ali está uma lapide prestando a devida homenagem ao colonial ilustre, que a morte levou prematuramente.

Avançamos uns dois kilometros para além da cremalheira, nada vendo que denote labor agricola, sequer ao menos uma pastoricía que denuncie a presença de gente branca.

No regresso visito Benguela que é bem, nos seus aspectos, uma terra portugueza. Dizem me que este districto é dos mais ricos de Angola, e as suas possibilidades de desenvolvimento economico das maiores da provincia. Clamorosos protestos se fizeram ouvir em Benguella, quando foi da concessão William, aterrados os seus comerciantes e agricultores com a visinhança d'um porto que mataria o seu, inferior em condições naturaes, e ainda mais inferior pelas importantissimas obras que se iriam fazer no Lobito. O susto passou, os protestos emudeceram, e tudo faz crer que ambos os portos, a despeito da sua proximidade, terão o trafego de que carecem, quando as terras, no districto e para além do districto, na curta região que o caminho de ferro é destinado a servir, até Katanga, forem exploradas a valer.

Estamos no Lobito á hora marcada para o navio largar, o que muito alegra o comandante, homem de pontualidade ingleza. Os excursionistas mostram-se satisfeitos com o passeio, e o sr. Mariano Machado não cabe em si de contente, só lamentando não ter o *Africa* maior demora para ter feito avançar o comboio até mais adiante, até ao planalto, se fosse possivel. A todos e a cada um elle encarece o futuro proximo do porto e caminho de ferro, mesmo que os mineraes de Katanga procurem outra saida. Bem desejava partilhar do seu optimismo; mas não conheço esta região; ignoro o que valem, sob o ponto de vista agricola, as suas terras planalticas, e nem sequer faço ideia do que seja a população indigena que por aqu demora, escassa ou suficiente para fornecer aos cultivadores europeus os braços de que ellas hão de carecer, mesmo servindo-se de mecanismos.

Quanto aos mineraes de Katanga, sabe Deus se elles já terão resolvido sair pela Beira, quando este caminho de ferro lá chegar, ou se terão procurado no Congo Belga, evitando a outra costa, uma saida para o mar, a poucos dias da Europa. Fallam-me de muitos milhões de toneladas, ferro e cobre, que podem sair de Katanga; mas feita a respectiva metalurgia *in loco* estes milhões reduzem-se de muito, diminuindo o respectivo rendimento do caminho de ferro, a despeito das indispensaveis diferenças tarifarias segundo a mercadoria é pobre ou rica.

Vagamente me disseram em Lisboa que o caminho de ferro do Lobito tem hoje um inimigo terrivel — o general Smuts, um boer em que parece ter incarnado o espirito aventuroso de Cecil Rhodes. Pretendia este ir do Cabo ao Cairo só atravessando territorio inglez; o sr. Smuts pretende levar as fronteiras provisorias da União até ao Zambeze, para as colocar definitivamente um bocadinho mais acima, porventura á vista do Mediterraneo. Se a Rhodesia entrar para a União, e isso constitue o objectivo imediato da sua politica anexionista, cair-lhe-hia nas mãos o caminho de ferro que de Umtali vai á Beira, e por esse caminho de ferro faria elle passar os minerios de Katanga, a menos que antes d'isso se completasse o caminho de ferro de Lobito, indo até ao seu *terminus* natural.

Certo é que não me contagiam os enthusiasmos do sr. Mariano Machado; mas porque acredito no futuro d'Angola, a mais rica das Provincias ultramarinas, deixo o Lobito na esperança de um dia ver a sua ampla bahia cheia de navios de carga, abarrotando os seus depositos, e uma florente cidade enchendo esta modesta restinga, prolongando se pela terra firme, maior do que Loanda.

Sinto o espirito sereno, bem disposto, e o corpo imensamente fatigado, o que me faz ter esperanças de que esta noite dormirei, tanto mais que a temperatura baixou um pouco e a atmosphera é mais seca. Se o navio conservar o andamento em que tem vindo, antes do meio dia, amanhã, estaremos em Mossamedes, ultima étape ao longo desta lendaria costa, até chegarmos onde o *Adamastor*, com presapias de gigante irado, declarou aos nautas portuguezes:

Aqui toda a africana costa acabo
n'este meu nunca visto promontorio.

Este jornadear ao longo de Angola, com terra á vista, tem a monotonia das coisas uniformes, que duram por muito tempo. Não ha maneira de prender os olhos, com interesse, áquelles morros d'areia, que se planificam, aqui e além, alongando-se pela terra, com manchas verdes, discretas, pondo signaes de vida n'aquella aridez escaldante.

A Africa! As Pedras Negras!

Pois quer me parecer que terei hoje uma noite... preta, a compensar-me das muitas noites brancas que tenho tido.

Irei a terra? Não irei a terra?

A cidade, vista de bordo, nada apresenta que desperte a curiosidade, pequeno aglomerado de casas em que não se distinguem as ruas, a tamanha distancia fica ancorado o navio. O bairro dos pescadores, aqui proximo, tem as aparencias duma pequenina aldeia feita ao derredor duma fabrica, e o projectado Palacio do Governo, isolado de todo o moradio, mais parece um edificio ao abandono do que um edificio em construção. Todos os anos ali se gastam alguns contos, reparando em cada ano os estragos do ano anterior.

Uma estreita faixa de terreno, á beira mar, na direcção do norte, é cultivada em hortas; fóra dahi, por mais que alonguemos a vista, passeando-a em todas as direcções, só encontramos areia, um areal seco, aquecido ao rubro branco, gerador de oftalmias. Na extensão de muitas dezenas de quilometros, saindo de Mossamedes, em qualquer direcção, nada mais se pisa do que areia, de tal modo que as feras, a morrerem de sêde, se aventuram por aqueles areaes sem fim á busca duma cacimba que lhes refresque as entranhas ardidas, como se as tocassem labaredas.

Teve o Governador do districto a amabilidade de vir cumprimentar me a bordo, convidando me a ir vêr a cidade, melhor do que inculcam as aparencias.

Cidade a fazer se, moldadas as suas construções pelo tipo da casa portugueza, nada se perde em a vêr só de bordo; mas não se arrepende quem dedicar alguns minutos, poucos bastam, a deambular nas suas ruas amplas. Tudo modesto, tudo pequeno, tudo insignificante, o que de fórma alguma estranha quem ali chega, como eu, tendo passado por S. Tomé e tendo desembarcado em Loanda.

Os ferro-viarios de Mossamedes resolveram festejar a chegada dos poveiros, constando a festa duma excursão ás hortas, em comboio, e um jantar na cidade, servido por senhoras.

Vou na excursão, em companhia do governador, vagamente receoso dum incidente que me obrigue a chegar tarde a bordo. A excursão é interessante, pela novidade, com o deserto á direita, culturas horticolas á esquerda, uma aqui outra acolá, e de quando em quando um rio que não tem agua, que nem sequer tem leito, e que o comboio atravessa sem ponte, rio que vem de muito longe, fazendo-se torrente impetuosa e devastadora quando as chuvas são abundantes, o que acontece em periodos largos.

Todas as carruagens vão embandeiradas, muita gente vae nos estribos, e uma banda tóca quando o comboio pára, erguendo-se os vivas do estilo.

A horta ou quinta do visconde de Giraú é o termo da excursão. Emquanto os poveiros e os ferroviarios lancham, vou eu e os meus companheiros vêr a famosa horta do sr. visconde, junto da qual há uma abandonada fabrica de moagem. A horta tem pomar e campo de semeadura; valeria talvez muito como horta, se fosse convenientemente tratada. Como sucede na maior parte, na quasi totalidade dos pomares do continente, este pomar africano, é uma especie de museu de patologia, defeituosas as arvores, mal formados os fructos. A pomicultura não dispensa um trabalho de educação, que é, por assim dizer, a pedagogia dos vegetaes, em termos que as arvores sejam fortes, sadias, escorreitas, e os fructos não tenham o enfezamento, a desgraciosidade das creanças anormaes, escrofulosas, feias ou raquiticas.

Uma preta, a senhora Victoria, oferece-nos peras e maçãs, e precisamente nesta ocasião um pobre maluco, tambem excursionista, quer á viva força que eu lhe oiça o discurso que ele ha de declamar no banquete dos poveiros. Tem a mania de que é redemtor, e afirma que só pela sua intervenção na politica administrativa do Paiz se poderá aguentar a Republica. Por momentos tive a ilusão de que estava em Lisboa, onde abundam os Messias como este, menos sinceros, por certo, e sabe Deus se mais inuteis.

Encontro oliveiras neste passeio em caminho de ferro, arvores de grande porte, abundantes duma folhagem pouco verde, assim a modos um verde acinzentado, que é uma *nuance* desta côr fundamental, que encontro em Africa pela primeira vez. Dizem-me que são optimas as azeitonas de Mossamedes, mas a este respeito só posso curar por informações.

Não me chega o tempo para visitar o bairro dos pescadores, e tenho pena, á uma porque desejava observar como ali se trabalha, informar-me directamente ácerca do que vale, aqui, a industria da pesca que desejo crear em Mocambique, cujo mar, ao que me consta, é duma notavel riqueza piscatoria, e depois porque tinha o maior empenho em corresponder á gentileza dos pescadores, que me cumprimentaram a bordo, tendo para comigo, homem que viam pela primeira vez, palavras de muito afecto e de muito respeito.

São horas de ir para bordo.

O comandante disse me que esperaria por mim, se eu quizesse demorar-me em terra; mas eu pedi-lhe que marcasse a hora de largar, e não quero que por minha causa haja um atrazo de segundos.

Vae o sol descaindo, já quasi a tocar na agua; mas faz calor como ao meio dia, um calor que não incomoda, como no golfo da Guiné, porque não é humido.

Facilmente acredito que o interior d'Angola seja aprazivel, que os seus planaltos seiam atraentes pela amenidade do clima, que as suas florestas sejam magestosas pela exuberancia da sua vegetação, ricas em especies, muitas delas — porque não ? — rescendendo capitosos perfumes. E' possivel, mas a sua costa, que vimos a percorrer ha uns poucos de dias, é desoladora e mesquinha.

Como as demais bahias da Costa d'Africa, que tenho visto, esta, a de Mossamedes, ê aberta ao norte, largamente aberta, e pela sua boca escancarada, na largura de muitas milhas, sopram ás vezes, de tempos a tempos, ventos que incomodam os navios que dentro dela se encontram, infelizmente raros. Estou em crer que a bahia de Lourenço Marques, afamada pela sua extensão, me causará pequena surpreza, habituado como já estou ás amplas, ás extensissimas bahias da costa de Angola.

Não tarda que seja noite.

O mar está calmo, a terra é monotona, e lá muito longe, no remoto horizonte, uma linha dentada de montes como que nos transmite pela vista uma agradavel impressão de frescura.

Devemos estar, calculando pelo tempo a distancia, a par de Santa Helena, bastante afastados de terra.

Ao longo de toda esta infinita costa africana, arenosa, baixa, insignificante, só aqui, n'esta latitude, o espirito se me afasta, um pouco, da historia portuguesa, epica e romanesca como nenhuma outra, para caír na meditação de sucessos que avultam na histotoria geral dos povos, sucessos que marcam na evolução da Humanidade um ciclo de poesia heroica como a de Rolando, o retrato epico da França, no dizer ao mesmo tempo belo e conceituoso de Anselmo de Andrade.

— Fica muito longe Santa Helena, comandante?

— Umas oitocentas a novecentas milhas.

E' muito para lá ir a nado, e o navio tem que seguir na sua derrota, indiferente ás cogitações dum passageiro que durante a noite mal concilia o somno, e durante o dia não dorme.

Sim; a pequena ilha de Santa Helena, em frente da qual vamos singrando, muito quietas as aguas, muito uminosas as estrelas, muito alto e muito azul o céo, a pequena ilha de Santa Helena não é um episodio da nossa vida nacional. Mas seria legitimo dizer, seia honesto afirmar que sem a chumbada que apanhou a Peninsula, a aguia napoleonica teria ido caír em Waterloo, transportada dali para os rochedos de Santa Helena, ao mesmo tempo jaula e tabernaculo?

Bem sei que Napoleão assolou a Europa, fazendo sua espada derramar tanto sangue como a lanceta e Broussais, o imortal sangrador. Mas eu olho para az, seguindo o curso infinito da Historia, e não vejo uem o exceda, olho para diante, abrangendo a disancia que separa, no tempo, Waterloo da Marne, e ão vejo quem o iguale. De resto, como não hei de onsideral-o grande se o vejo por cima de Victor Hugo, uasi ajoelhado a seus pés, na adoração dum crente ue dispensa o seu Deus de ser bom, só pelo facto e ser imenso?

Não está provado que João da Nova descobrisse anta Helena; mas por ali andou, navegando para a

Europa, e não ficam tão afastadas Santa Helena e Assumção, que a presunção de ter encontrado as duas careça de plausibilidade.

E' bem natural que por sugestões do logar eu evoque toda essa pagina da historia que enche a vida de Napoleão desde que ele se revelou, em Toulon, subalterno de artilharia, até que morreu em Santa Helena, ainda novo, prisioneiro da Inglaterra. O homem que dominara a Europa, erguendo e derrubando trônos, que pelejara sob as ardencias do sol africano, na terra dos Pharaós, preso e guardado á vista, como um facinora terrivel, devia ter passado horas atrozes, dias horriveis na estreiteza da sua clausura, aguia que se reconhece feita para os grandes horisontes, para o espaço infinito, e tem de acomodar-se numa gaiola, mal podendo erguer a cabeça, sem poder abrir as azas. Quantas vezes se viu ele novamente imperador, em sonhos, rendendo-lhe vassalagem os mais poderosos reis da terra, e a França erguendo-lhe por toda a parte estatuas e arcos triunfaes — *Avé Caesar!*

A mentira adoravel dos sonhos! A tristeza das brutas realidades!

Coleras maiores que as do mar cachoavam no seu peito, e dos seus olhos macerados de infindaveis noites sem dormir, deviam cair, a miudo, torrentes de lagrimas escaldantes, que vincavam na face emagrecida o sulco das maiores dôres, o estigma de sofrimentos incomportaveis!

Abusando da paciencia do comandante eu conheço, quasi a cada hora, a posição do navio, de modo que vou percorrendo a costa, dela afastado um grande numero de milhas, como se viajasse em comboio, rente ao mar.

— Estamos em frente da Damaralandia.

Mossamedes reavivou-me a memoria de todos os

desgraçados sucessos da nossa lucta com os alemães,
em 1914-1915, quando ainda não eramos beligerantes,
amigos de toda a gente na Europa e a batalharmos
com europeus em Africa. Está ainda por escrever
esta pagina da nosso historia contemporanea, e
vale a pena escreve-la sem demora, para que a respeito
dos factos narrados as suas testemunhas presenciais,
os que de perto os viram ou neles tomaram
parte, desempenhando qualquer função, possam impugnar
a sua exactidão ou confirmar a sua veracidade.

Mezes e mezes nos araes de Mossamedes estiveram
á torreira do sol, inutilisando-se sem remedio, tone-
adas de viveres destinados ao abastecimento da co-
una comandada por Alves Roçadas, um nome glo-
'ioso na historia das nossas guerras coloniais.

Coisa alguma se tinha preparado em Angola para
eceber essa expedição, que fôra organisada, de resto,
i moda de mil diabos. Fizera-se uma especie de subs-
rição pelos diferentes regimentos, os do norte e os
lo sul, e com o seu produto aldrabou-se um corpo
xpedicionario, que saiu de Lisboa levando carta de
rego.

A que se destinava essa expedição?

E' manifesto que ela deveria ser organisada con-
orme o objectivo que tivesse a realisar, e esse objec-
vo deveria ser claramente definido ao homem a quem
ouvesse de ser dado o seu comando.

Tal se não fez, e de não se ter feito resultou que
ofremos em Naulila um desastre de consequencias
rmidaveis, o primeiro na serie de desastres que assi-
alam a nossa participação na guerra.

Vai o navio singrando, muito afastado de terra, ao
ngo da antiga colonia alemã, conquistada pelo ge-
eral Botha, em 1915, á frente dum exercito de qua-
nta mil homens. Esta conquista deviamos nós tel-a

feito, se queriamos entrar, a valer, na guerra, porque a Damara seria o nosso *apport*, de altissimo valor, á Conferencia da paz, o documento irrecusavel de que alguma coisa fizeramos de util para a causa dos Aliados, sendo particularmente util para nós.

De mais terras não precisamos em Africa, e por isso não incorporariamos a Damara em Angola, servindo-nos dela, conquista realisada pelo nosso esforço, para obtermos vantagens doutra ordem.

Mas em Lisboa, no Terreiro do Paço, quando se ultimaram os preparativos da expedição Roçadas ainda se não sabia que forças tinham os alemães na Damara, qual o seu efectivo e composição, como estevam instruidas, armadas e municiadas. Foi necessario perguntar á Legação ingleza se alguma coisa sabia a este respeito, e a Legação ingleza, informada de Londres, respondeu que os alemães dispunham, na Damara, de nove a dez mil homens. Estava feita uma indicação precisa e clara para a organisação da nossa força expedicionaria, pelo menos quanto aos seus efectivos, e não era licito acreditar que os alemães, na Damara, como em toda a parte, não estivessem militarmente bem preparados. Mas os nossos governantes nem sequer ainda tinham definido uma politica da guerra, politica de neutros ou politica de beligerantes, a falaciarem como se fossemos beligerantes, e a procederem como se fossemos neutraes.

Já desfeiteados em Naulila pelos alemães, num episodio que antecedeu de perto o desastre sem remedio da expedição Roçadas, o Governo da Provincia, cumprindo ordens de Lisboa, recomendou á força expedicionaria que se abstivesse de tratar os alemães como inimigos, devendo esta recomendação ser publicada em ordem ás praças em combate. Tal publicação, que seria uma vergonha, não se fez, porque assim foi resolvido em conselho de oficiais.

Quasi tenho pena de que assim sucedesse, porque a Ordem em que fosse publicada uma tal recomendação, feita pelo governo de Lisboa a reboque dos intervencionistas *á outrance*, seria uma pedra mais a colocar nos alicerces do monumento que a Patria reconhecida, mais cedo ou mais tarde, ha de erguer aos nossos grandes homens que estiveram á frente dos seus destinos durante o largo e calamitoso periodo da guerra.

A chacina do Cuangar deve-se a não ter sido o respectivo comandante avisado do que se passara em Naulila, aviso que recebeu o alemão, comandante do posto militar mais proximo. Eram intimas as relações entre os dois comandos, de tal modo que haviam combinado, se viesse a dar-se a ruptura de hostilidades, procederem galhardamente, á maneira antiga, apertando se as mãos antes de se apontarem as armas — *Messieurs les anglais, tirez les premiers.*

Mas eu não penso em escrever, a bordo, a historia da nossa participação na guerra, em Africa, vindo, talvez, a fazel-o, mais tarde, depois de suficientemente documentado com respeito aos sucessos da outra costa, em Moçambique.

Ahi é que os nossos desastres foram tremendos, não porque faltasse aos nossos homens valentia e entusiasmo, mas porque ahi, mais do que em qualquer outra parte, se fez sentir a incapacidade do governo de Lisboa para marcar as directivas duma politica e duma acção militar para cuja execução era necessario escolher entre os elementos de mais valor que possuissemos.

Não pretendo escrever, a bordo, a historia da nossa participação na guerra, em Africa, e se resvalei a essas considerações, foi por me dizer o comandante que vamos costeando, a respeitavel distancia, a Damaralandia, hontem colonia alemã, hoje pertença da

União Sul-Africana, e sempre para nós — quem sabe? — a terra extranha, a terra inimiga...

Baixou sensivelmente a temperatura; o pessoal de bordo, e da mesma forma os passageiros, deixam os fatos brancos, em obediencia ás latitudes e ao calendario africano. Pouco me importam, em geral, as indicações do thermometro; a temperatura é muito alta quando eu tenho muito calor, é muito baixa quando eu tenho muito frio. E' grande a minha tolerancia para as temperaturas extremas; mas o frio tonifica-me e o calor amolenta-me, o que não quer dizer que, tendo de eleger domicilio nos polos ou no equador, eu não preferisse montar casa... em qualquer rincão de Portugal.

Já uma vez, na Suissa, me encontrei, sem frio, no meio de varias gentes agasalhades, percebendo-se que tiritavam por baixo dos agasalhos. O thermometro marcava, n'esse momento, 15 graus abaixo de zero. Estava sem camisola, deixara o sobretudo no hotel, e a farpela que tinha era de meia estação — de meia estação e de meio preço, — 16:000 reis o fato completo.

Foi isto... Foi n'um tempo em que as pessoas que tinham pouco, como eu, viviam bem, e as pessoas que nada tinham, muitos dos ricos d'hoje, viviam pessimamente. Certo é que a temperatura baixou um pouco; os meus companheiros mostram-se satisfeitos, porque já os não incomoda o calor, e eu sinto-me radiante, porque já não me alaga o suor. De todas as defezas naturaes que o homem tem ao seu dispor contra a doença. e muitas são ellas, esta, o suor, é das que menos atestam a inteligencia apregoada de quem formou e ordenou o Universo.

Temos bom tempo; mas a vaga é alterosa, de modo que o navio joga descompassadamente no sentido do maior eixo, e tem a marcha retardada de tres ou quatro milhas em cada hora.

Os desgraçados que já sirandavam como pirolitos, livres do enjôo, voltam a enjoar, alguns ainda mais que no começo da viagem. Por mim, continuo a honrar a tradição dos nossos audaciosos navegadores. Ia jurar que Bartholomeu Dias nunca enjoou, e sinto, pela vez primeira, uma grande satisfação e um desmarcado orgulho pelo facto de Vasco da Gama ser alemtejano, como eu, do districto de Beja, como eu, só não tendo nascido em Aljustrel, como eu, porque não calhou.

Pergunta-se para o mar, a quem fôr passando, vindo do sul, que tempo faz lá para o Cabo.

— Bom tempo e muito mar.

Vagas maiores do que estas, muito maiores, vi eu nos mares dos Açores, de bordo d'uma canhoneira que poderia servir de escaler ao *Africa*. Commandava-a Diogo de Sá, um dos grandes amigos que eu tive, e já perdi, morto em plena mocidade, Parecia-me ás vezes, que a canhoneira afocinhava para não mais se endireitar, outras vezes, como um cavallo que se empina, dava-me a impressão de que iria ficar ás avessas, com os mastros para baixo.

Aqui não sucede coisa parecida; mas galgam umas atraz das outras vagas que formam elevações de grande cota, sendo milagre que ainda não entrasse alguma pelo castello de prôa, varrendo o navio em todo o seu cumprimento.

O céo está limpo, o horisonte é largo. Na esteira do navio as aguas são uma solução concentrada de sulfato de cobre, em que a espuma destaca em manchas brancas. Multiplicam-se sem conta os arcos-iris, perto e longe do navio; mas nem sempre o arco é perfeito, algumas vezes deixando de ser uma longa fita curva para ser um rico leque de seda, que a agua não molha, porque é fabricada com as cores do espectro. Vagalhões enormes, que se formam e rebentam a grandes distancias, teem na crista uma linda mancha verde, que subsiste desfeita a onda, e a espuma é sacudida com tanta violencia, pulverisada no ar, que dá a impressão d'uma fumarada.

A maior distancia que alcança a vista, e ella alcança bastante longe por sobre estas aguas revoltas, debaixo d'um céo limpido e sereno, a rebentação das ondas produz effeitos de neve, como nos paizes eternamente nevados. Com esta differença — a paisagem aqui diversifica a cada instante, ao passo que na Suissa, por exemplo, ella é constante nos seus aspectos, variando de tom, conforme as horas.

— Não vê, além?... São algas.

Ocorrem-me os versos de Luiz Osorio

Sofrem tanto, coitaditas,
As tristes algas do mar!

e a recital-os vou meter-me no camarote, a ver se consigo dormir um pouco, que as insomnias já me vão transtornando os nervos.

A trepidação do navio é enorme, e a telegrafia Marconi, por cima da minha cabeça, faz um barulho infernal. O peor de tudo é que não posso ler, incapaz de concentrar a atenção por mais de cinco minutos, e a cama, por demasiado estreita; não se presta ao philosophar dos preguiçosos, que só deitados ao comprido, rebolando-se á vontade, conseguem pensar.

Sôa o tam-tam, advertindo que são horas do chá, antes de jantar, e isso me tira de embaraços, porque já tenho emprego util, durante alguns minutos, para a minha actividade reprezada.

O que eu comia, o que comiam os meus companheiros nos primeiros dias da viagem!

Eu estranhava a minha glutonoria, mas era obrigado a reconhecer que me alimentava como um pisco em comparação de todos ou quasi todos os demais viajantes que assim vão preparando, sem darem por isso, uma requissima dilatação do estomago. Pois n'estas alturas da viagem já todos se alimentam como se andassem em regimem de dieta, enfastiados de quanto fornece a cosinha de bordo em menús que todos sabem de cor e salteado. De modo que apetece o chá e as bolachas, não sendo para desprezar o pãosinho com manteiga, embora a manteiga não valha o pão, que é excelentemente fabricado.

Sento-me n'um banco, fechando os olhos, e como se andasse por ali Morpheu á espreita dos dorminhocos, dentro em nada pego no somno, chegando-me aos ouvidos, como um vago murmurio de floresta secular, o rugir do mar embravecido. E encontro me a bordo da Açor, deixando a bahia d'Angra para circumnavegar a Terceira, indo pela Serreta, passando á vista da Praia e regressando ao ponto de partida, pesaroso de não ter repetido a façanha do Alabama que a toda a força meteu por um canal entre rochas, muito estreito e muito fundo, na ancia de se apanhar em aguas territoriaes.

Pois iamos navegando n'um mar sem ondas, entregue a canhoneira ao piloto, o Diogo de Sá a ler cartas do Vidal, e eu a ver que iamos excessivamente metidos á terra, chamando para o facto a atenção do comandante.

— Vamos bem. Tu d'isto não pescas nada.

Palavras não eram ditas, bate o barco n'uma rocha.

Acordei.

— Que pena! Traziamos uma viagem tão linda!...

— Isto é partida do Adamastor. — explica o comandante.

Na verdade, vamo-nos aproximando do Cabo, e o Adamastor não dorme, sempre vigilante, furioso ainda do Gama ter quebrantado vedados terminos, surprehendendo segredos escondidos da Natureza e do humido elemento. Eu devia ter presente a ameaça que ele fez, e não estranhar a sua desenvoltura.

> Sabe que quantas naus esta viagem
> Que tu fazes, fizeram, de atrevidas,
> Inimiga terão esta passagem
> Com ventos e tormentas desmedidas.

Não ha tormenta, bem entendido; mas a vaga parece ser de cada vez mais alterosa, e o navio joga descompassadamente, ás vezes dando a impressão de que vae quebrar-se pelo meio, apoiado no dorso duma onda.

Recolho ao camarote para lêr os *Luziadas*, o canto quinto, naturalmente, visto estar nas proximidades do Promontorio, o malaventurado gigante que a malicia duma beldade arisca converteu em bruto penedo.

Pretendia Adamastor destruir a armada de Neptuno, e para isso fez-se capitão do mar, conquistando as ondas do Oceano. Resolveu Thetis, a esposa de Peleo, escusar tamanho dano, e muito confiada nos seus encantos, um dia mostrou-se-lhe nua, com as filhas de Nereo, a brincarem na praia, e foi como se lhe fizesse beber com os olhos os mais subtis filtros d'amor. O caso meteu alcoviteira, a menina Doris, a quem o gigante fez confissão dos seus intimos desejos, confiado no seu auxilio e proteção.

As duas, Thetis e Doris, levaram o Gigante a desistir da guerra em que andava, perturbando a tranquilidade dos mares, e para o conseguirem

> Encheram-me com granðes abonðanças
> O peito ðe ðesejos e ðe esperanças.

O caso foi que uma noite o apaixonado Adamastor foi a um *rendez-vous* com Thetis, preparado, já se vê, pela menina Doris, que lhe prometeu a satisfação de todos aqueles desejos, a realisação de todas aquelas esperanças de que ele trazia cheio o peito.

Mal a viu, sósinha, nua, para ela correu de braços abertos, entrou a beijá-la, numa furia, primeiro os olhos, depois as faces e os cabelos.

Foi um minuto de suprema felicidade, mas apenas um minuto.

> Oh que não sei ðe nôjo como o conte!
> Que crenðo ter nos braços quem amava.
> Abraçaðo me achei c'um ðuro monte
> De aspero mato e ðe espessura brava.
> Estanðo c'um peneðo frente a frente
> Oue eu pelo rosto angelico apertava,
> Não fiquei homem, não, mas muðo e queðo
> E junto ð'hum peneðo outro peneðo.

Em quantas casas portuguezas haverá os *Lusiadas?*

Este adoravel poema é, como já lhe chamaram, a Biblia da nacionalidade, devendo ser resado em cada dia, ao saír da cama para a labuta ordinaria, ao recolher a casa para o repouso da noite, por todos os devotos do patriotismo, por quantos são capazes de altear o espirito ás superiores regiões da idealidade.

Pode lá ser um homem culto não ter na sua estante, para o lêr com frequencia, o poema de Camões?

E' lá possivel que uma linda mulher, mesmo que tenha o coração liberto, não sinta amiudadas vezes a necessidade de recrear o espirito lendo as mais enternecidas, as mais deliciosamente afectuosas passagens dos *Lusiadas*, aquelas em que ha mais palpitações de amor?

Leio, até ao ultimo verso, o episodio do Adamastor, e com o volumesinho na mão, estendido na cama, a vigia aberta, ponho-me a filosofar sobre as vicissitudes da nossa Historia, grande como as maiores nas recuadas épocas em que ainda havia mundos a descobrir, terras a conquistar, pequenos hoje, considerada a nossa exiguidade continental, reduzidos como valor politico a uma subalternidade que confrange!

Talvez o Herculano tivesse razão.

Se o portuguez, convenientemente educado e instruido, tivesse a consciencia do que foi no passado, a nitida comprehensão do que valeu, para o engrandecimento da Humanidade, a sua inteligencia, a sua fé, o seu heroismo, talvez reagisse contra si proprio, num esforço de vontade desperta, e acelerasse o passo para acompanhar os outros na marcha em que vão as Nações de robusta vitalidade á conquista do Futuro. Queria o solitario de Vale de Lobos, poeta, e dos maiores, pelo sentimento, que dos estudos historicos se fizesse um sacerdocio; que se fosse tirar dos arquivos e bibliotecas a grande alma da Patria, áli sepultada ha seculos, repartindo-a por todos, aos bocados, em termos de poder formar-se um sentimento colectivo, a consciencia dum comum destino.

Ninguem escutou o seu brado, ninguem ouviu o seu conselho, e os resultados dessa lamentavel surdez ahi estão patentes na miseria em que nos afundamos, desacreditados e empobrecidos, sem prestigio para nos fazermos estimar, sem força para nos fazermos temer, sem autoridade para nos fazermos ouvir

Dominámos os mares, quando havia perigo em os devassar; ao longo desta arida costa africana fomos marcando a nossa passagem, e, vencido o Tormentorio, passamos ainda além da Taprobana.

Nenhum povo tem uma historia maritima como a nossa; nenhum se aventurou, primeiro que nós, por mares nunca dantes navegados, afrontando os elementos, e já isso seria muito, mas afrontando ao mesmo tempo as lendas, e isso era muito mais.

> ... O' gente ousada mais que quantas
> No mundo cometeram grandes cousas.

Não tardará que o *Africa* passe do Atlantico para o Indico, e se desde Lisboa até aqui, com escala pela Madeira, nas aguas ha o rasto das nossas caravellas, dobrado o Cabo esse rasto subsiste, e como que no marulhar das ondas, em todos estes mares, se percebe a toada dolente dos cantares amorosos, por noites quentes dum luar sem mancha, e interrrompendo-os ou sucedendo-se-lhes o côro dos gemidos e implorações dos que sentem a morte debaixo dos pés, reconfortando a alma soluçante na evocação da Patria idolatrada.

Sempre fui bom portuguez; mas sinto-me hoje mais portuguez do que nunca, ha vinte e tantos dias a sulcar os mares, e na sua vastidão, como documentos duma gloria imorredoira, encontrando bocados de terra portugueza que sorriem aos meus olhos curiosos, no explendor duma celebração apotheotica.

Não; os ultimos anos da Idade Media, um dos mais fecundos periodos de elaboração espiritual na historia da Humanidade, foram ilustrados com a epopeia das nossas luctas de formação nacional, e a mais apreciavel contribuição para as festas da Renascença, fomos nós que a demos.

Se o *Africa* tem ido a Cabo Verde, ao Principe e á Guiné, a minha satisfação, a estas horas, seria completa. Só nós, os portuguezes, podemos vir de qualquer ponto da Europa, com destino a Lourenço Marque, quebrando os aborrecimentos do mar, repetidas vezes, para fruirmos durante algumas horas o prazer de estarmos em nossa casa, pisando terra portugueza, vendo gente portugueza, falando a nossa admiravel lingua, tão rica e duma tal plasticidade, que não tem desculpa o abuso que fazem do estrangeirismo muitos dos nossos homens de letras.

Muito nos falta já do vasto imperio que fundamos; mas o que nos resta ainda é imenso, duma grandeza que contrasta com a nossa exiguidade na Europa. Valeu muito, valeu mais que todos os outros o povo que fez os descobrimentos e as conquistas, e repugna á minha inteligencia, tanto como ao meu sentimento, que tal seja a sua degeneração que já hoje não valha nada.

Espreito pela vigia, em direcção á terra, sugestionado pela leitura, a ver se por feliz acaso

> Me aparece de longe o gesto lindo
> Da branca Thetis, unica, despida.

Qual Thetis nem qual demonio!

A fiel esposa de Peleo, tão real e verdadeira como a esposa de Ulysses, deve ter mergulhado para sempre nas ondas, presa de remorsos, logo que viu transformado em rocha bruta o gigante que por ela se apaixonára, ainda afogueadas as faces dos beijos que ele lhe dera, apertando-a contra o peito.

Uma nimfa, nestas alturas, com perto dum mez de viagem...

Meto-me na cama e apago a luz, a ver se durmo.

Vamos lá que podia ser peor — chegamos ao Cabo atrazados de vinte e quatro horas. Acordo com o navio arrumado ao caes, e sinto no tombadilho o andar apressado dos que entram e saem.

Recebo os cumprimentos de S. A. R. o duque de Connaught. Governador da União Sul Africana, do Ministerio, presidido pelo general Smuts, das auctoridades civis e militares do Cabo. São atenções, deferencias e honras prestadas a um funcionario da Republica, naturalmente agradaveis ao homem, mas ainda mais agradaveis para o republicano e patriota que me preso de ser.

E' muito cedo, dez horas; mas o vinho do Porto é excelente em qualquer ocasião, antes da comida como aperitivo, depois da comida como estomaquico.

Manda o protocolo que imediatamente retribua os cumprimentos de S. A. R., e isso faço, acompanhando-me o nosso consul no Cabo, sr. Manoel d'Arriaga, que é a pessoa mais obsequiadora que o sol cobre.

As docas impressionam-me mediocremente, e porque as tinha figurado grandes como as maiores que conheço, sinto-me verdadeiramente desapontado. Nem pela sua capacidade, nem pela sua *outillage*, nem pelo seu movimento, por coisa alguma elas suscitam admiração, sequer ao menos curiosidade. Se não fossem quatro navios portuguezes que aqui estão, n'este momento, entre elles o *India*, enbandeirados em arco, dariam a impressão de abandono. Entrou ha pouco um vapor da Castle, que seguirá, com o *Africa*, para os portos da costa oriental, não indo além de Durban.

N'este momento o Cabo está sofrendo uma consideravel diminuição no trafego do seu porto, não porque se desviasse d'elle a corrente de comercio que o alimentava, indo enriquecer outros portos, mas porque a navegação comercial, no mundo inteiro, sofreu uma depressão terrivel, encontrando-se amarrados navios em numero de centenas, representando milhões de carga. Em toda a parte ha falta de dinheiro; os fretes baixaram a limites inesperados, e apezar d'isso a carga falta para a maior parte dos navios que a procuram.

Seja como for, as docas do Cabo, onde eu esperava encontrar um ruido ensurdecedor, como em Marselha, por exemplo, não me fazem acudir á memoria o *fervet opus* virgiliano, tamanho é o silencio que sobre ellas pesa, um silencio feito de abandono.

A cidade é interessante, de ruas muito largas, irreprehensivelmente aceiadas, cheias de gente, uma população branca, pela maior parte branca e loira, com salpicos de negro. Não se pode dizer que seja monumental, mas tem edificios, como o Parlamento, que ficariam bem n'uma das grandes cidades da Europa. As lojas teem uma *étalage* artistica, elegante, de luxo, as principaes, de tal modo que a vel-as não é de Lisboa que a gente se lembra, mas de Paris, sendo comtudo certo que já hoje as montras lisboetas não offendem a sensibilidade esthetica de quem por ellas passa.

Corre o automovel, guiado por um negro, optimo chauffeur, por uma estrada que é uma pista, e dentro em pouco estou em casa do sr. Manoel Arriaga, que me recebe fidalgamente, mal acreditando que eu deixasse Lisboa para vir governar Moçambique. Coisa alguma do que pode tornar confortavel um lar falta em sua casa, e os seus filhos, umas creanças adoraveis, enchem-n'a de ruido alegre, tratando com as pessoas que vêem pela primeira vez como se lidassem com ellas quotidianamente.

— O' mamã, o sr. Lisboa tambem é comissario?...

— Sim, minha filha; mas este sr. é Alto Comissa-
io, e o sr. Lisboa não é.

— Mas olha que o sr. Lisboa não é mais baixo...

Terriveis, as creanças. O sr. Lisboa, comissario de
ordo, deve regular pela minha altura, mais centi-
etro menos centimetro, e a pequena não percebe
ue a uma tão pequena differença de tamanho cor-
esponda tamanha differença no tratamento.

Em poucos minutos vou deixar um cartão ao ge-
eral Smuts, que habita fora da cidade, ali perto, na
asa em que viveu Cecil Rhodes, que a legou ao
stado para ser a moradia do presidente do Minis-
rio — a casa com todo o seu recheio. Tendo es-
ipto esta disposição testamentaria, o audacioso
hodes deve ter sentido a intima satisfação de ser,
ela eternidade dos tempos, chefe do Governo na
frica do Sul, mudando de nome conforme os aci-
entes da politica, mas sempre habitando a mesma
sa, respirando a mesma athmosphera, rodeado dos
esmos livros e mapas.

E vá de fazer o giro das montanhas, n'uma ex-
nsão de muitos kilometros, adoravel excursão que
le a pena fazer depressa, não vá diminuir, prolon-
ndo-se, a exaltação emotiva dos primeiros momen-
s. A vegetação exuberante dos vales trepa, n'uma
lopada de verdura, pelas encostas abruptas, não
egando aos cimos, ordinariamente enevoados. Ar-
res de grande porte marginam a estrada por on-
vamos, aqui e acolá formando aboboda, e uma
ande mancha d'areia branca, muito fina, areia de
car tinta, é como que o prolongamento, na meia
costa d'um monte que temos pela frente, da praia
uito proxima. Passam automoveis cheios, homens
mangas de camisa, madamas de cabeleira ao
nto, burguezes dinheirosos que talvez façam este
o todos os domingos, fugindo á monotomia d'uma

cidade em colapso, os devotos de Bacho distribuidos pelos *bars*, os devotos de Christo distribuidos pelas Igrejas.

Diversifica agora a paisagem, mas o quadro não deixa de ser bello, por ser diferente. Fica-nos d'um lado o mar, d'um azul purissimo, e de outro lado as serras graniticas, de flancos asperos, sem vegetação. Vamos a descer, n'um declive rapido, e dentro em pouco estamos á beira do oceano, procurando debalde, na sua vastidão sem limites, uma vela, uma chaminé, a *silhouete* imprecisa d'um navio que passe ao largo, e que se figure a caminho de Lisboa, impregnando-o dos meus olhares saudosos...

Pequeninas, mas graciosas, estas praias, nenhuma das quaes vale o Estoril, não digo como elle hade ser amanhã, mas como elle é já hoje, como elle foi sempre, uma praia encantadora. Deixa de me interessar a terra, para que nem olho, e caio n'uma especie de somnolencia hypnotica, que dura instantes, mal acreditando que estas aguas tão quietas, reflectindo um ceo tão limpido, d'um azul tão puro, sejam as mesmas a que se referia Camões, quando escreveu:

> Agora sobre as nuvens os subiam
> As ondas de Neputuno furibundo;
> Agora a ver parece que desciam
> A's intimas entranhas do profundo.

Certo é que por aqui passaram, ha seculos, cortando estas aguas, afrontando perigos, desvendando mysterios, pulverisando lendas, os nautas portuguezes que abriram o caminho da India, maiores que os heroes de Homero, tão grandes que para cantar os seus feitos, sem precedentes, foi necessario que o genio epico d'uma raça tomasse corpo e forma no maior poeta de todos os tempos.

Recolho a bordo já tarde, fatigado mas bem dis- osto, e porque a mythologia entrara por muito no eu cogitar de todo o dia, invoquei Morpheo, tam- em divindade mythica, para que me assistisse no re- ouso da noite, fazendo-me dormir como um justo.

Como a sessão da Camara abre ás duas horas, abado o almoço faço as minhas despedidas ao eneral Smuts, penhorado com todas as delicadezas atenções que para comigo teve, e vou respirar, um ouco, os ares parlamentares da União.

A sala, de forma rectangular, sem ornamentação qualquer natureza, é modesta até á banalidade. m frente da porta d'entrada, ao fundo, toma logar *speaker*, que não é ladeado, como entre nós, pe- s secretarios, os quaes, em numero de tres, de cos- s para a Presidencia, trabalham n'uma grande meza rregada de livros, naturalmente a legislação a con- ltar com mais frequencia. O meio da salla é livre, ra o serviço; os ministros ficam á direita do Pre- dente e os deputados ocupam carteiras com dois, es e quatro logares. Os espectadores assistem d'u- a galeria que corta, a pequena altura, as quatro redes da sala.

Não ha chamada.

A' hora de principiar a sessão, com rigorosa pon- alidade, o Presidente entra, empunhando um bas- o, rematado em corôa imperial, seguindo os os se- etarios, todos quatro de cabeleira de estopa. Os putados, assim que entra o Presidente, levantam- para ouvirem a leitura, que elle faz, d'uma ora- o rematada pelo *Amem*. A oração é escutada em ligioso silencio. Quando o speaker e os secreta- os se sentaram, eu disse de mim para mim — se sse lá na minha terra, aquela estopa já andava no

Esta democracia pratica, á maneira ingleza, tem o culto das tradições; se lhe disserem que ha o quer que seja de pueril, indo até ao ridiculo, em muitas das suas austeras cerimonias, ficará de boca aberta sem compreender.

Por mim, com franqueza o digo, não acho ridicula esta especie de lithurgia profana, e se o meu espirito não sente, desde ha recuados tempos, necessidade de resar, nunca me incomodou que os outros resem, devotos sinceros ou refinados hypocritas pode lá saber-se!...

A tolerancia é ao mesmo tempo ideia e sentimento — é ideia nos espiritos cultos, é sentimento nas almas delicadas.

Se tivesse filhos não os educaria religiosamente, mas tambem os não educaria no odio ou no desprezo pela religião. Esforçar-me-hia por dar á sua inteligencia a maior soma de noções positivas, racionaes ou scientificas, e por dar ao seu caracter a mais larga base moral. Mais tarde, educados e instruidos, libertos de todo o sectarismo, theologico ou materialista, seria religioso o que tivesse necessidade de religião, seria atheu, materialista ou indiferente, o que não tivesse necessidade de procurar fóra das realidades sensiveis a causa dos phenomenos observados.

Nunca fui intolerante, e não é provavel que mude, já entrado na idade em que, por via de regra, os avançados se tornam conservadores, e os conservadores, muitas vezes sem darem por isso, se tornam reacionarios.

Trago na minha mala um Christo, um pobre Nazareno, que não é, certamente, obra de Donatello ou de Miguel Angelo, sequer ao menos obra de qualquer dos seus mais ignorados discipulos. E' um Cristo em ferro, pregado n'uma cruz partida.

Porque o trago?

Este Christo já minha mãe o tinha em solteira, e como lhe quizesse muito, quando casou meteu-o no enxoval, como uma especie de *porte-bonheur*. Habituei-me a vêl-o desde muito creança, pregado na sua cruzinha de castanho, suspenso d'um prego d'arame por uma fita preta, ao lado da cama em que meus pais dormiam. De quando em quando a fita era mudada, que mais não fosse por desbotar, e sempre a substituia uma outra fita benta, da mesma côr e largura.

Este Christo viu nascer todos os filhos que minha mãe teve, nada menos de doze; foi testemunha das suas alegrias mais intimas, casada aos dezenove anos, e das suas dores mais cruciantes — sete filhos mortos antes de lhe aparecer o primeiro cabelo branco. Estou convencido de que nem uma só vez minha mãe apagou a luz, ao meter-se na cama, sem o envolver n'um olhar caricioso, ao mesmo tempo grato e implorativo. As primeiras orações — lembro-me como se fosse hontem — aprendia-as sentado no colo de minha mãe, as mãos postas, fechada a porta do quarto para não sermos interrompidos, o Christo em frente de nós, sobre uma arca de pinho coberta com uma toalha branca, encostado á parede. O meu exame de consciencia, na vespera da confissão, era perante este Christo que eu o fazia, e parecia-me, ás vezes, que elle me ajudava a memoria, quando eu recordava faltas e pecados — aquelles formidaveis pecados de que haja de arrepender-se um garoto, ainda cheirando a coeiros.

Cortei as relações com este Christo por ocasião da morte de minha mãe, porque elle assistira, impassivel, á sua agonia de muitas horas; vira-a beijar os filhos, n'uma despedida para sempre, a voz sumida, os olhos sem brilho, um suor gelado a banhar-lhe a fronte, e não teve a generosidade d'um milagre, a piedade d'um gesto que lhe conservasse a vida, para mais tratando se d'uma vida que era um poema d'amor, de caridade e sofrimento.

Figure-se esta monstruosidade — um medico que pode salvar um doente e deixa que elle morra, não lhe ministrando, porque não quer, o remedio salvador ! Justificada seria qualquer violencia de que usassem para com elle os parentes, os amigos da sua victima, pois que deixar morrer, em tal caso, o mesmo seria que matar.

Já não tinha crenças religiosas quando a Morte começou a apunhalar-me o coração; mas sinto que as teria perdido, se porventura ainda as tivesse, quando morreu minha mãe.

Quiz o acaso que outro dia, nas vesperas de partir, a revolver papeis velhos, encontrasse este Nazareno tosco, de ferro, pregado no fuste d'uma cruz mutilada, sem braços, e tive a impressão de que elle me sorria, contente de tornar a ver-me. Logo decidi trazel-o, confidente das alegrias e tristezas de minha mãe, esquecido já de que elle assistira, impassivel, á sua demorada agonia, a beijar os filhos numa ternura desfalecida, e para elle virando, numa suplica inutil, os seus lindos olhos já sem brilho, talvez balbuciando *in mente* a sua derradeira oração...

— Aquella oliveirinha do quinchoso, logo á entrada, ainda existe ?...

Fui ao Monte, e d'essa pequena oliveira, que minha mãe plantara, e para a qual tinha cuidados e solicitudes como se ella fosse um dos seus filhos, d'essa arvoresinha, pouco mais nova do que eu, arranquei uma vara, com muito geito, não fosse causar-lhe grandes dôres, destinada a ser os braços que faltam na cruz do meu velho Christo em ferro, mais belo, mais perfeito aos olhos da minha alma, que o famoso Christo do Donatello, o grande mestre esculptor.

Se eu morrer em viagem, se morrer em Africa, peço aos que tratarem do meu enterro que sobre o peito me coloquem este Christo e o bocado de madeira que eu fui buscar ao Monte, nas vesperas de partir, destinado a completar a sua cruz.

...Não riam os espiritos fortes que lerem isto. A minha religiosidade é o culto das minhas grandes afeições, espalhadas por sepulturas, sendo ao mesmo tempo a poesia da minha alma, batida de vendavaes, sempre a confranger-se com as realidades brutas, sempre a ensaiar o vôo para as altas regiões da idealidade mais pura.

Não riam, pelo amor de Deus, nem me façam a injuria de supor que estive a literatar, torturando o cerebro para escrever isto, o coração quedo e mudo...

Retomando o fio interrompido.

Entram, para tomar assento, alguns deputados nacionalistas, que estacam em frente do speaker, e prestam juramento. A assembléa recebe-os com vivas, naturalmente calorosos por banda dos seus correligionarios.

Antes da ordem do dia falam, tomando pouco tempo, varios deputados, alguns dos quaes mandam papeis para a Meza. Mandam, é como quem diz que os vão ele proprios entregar ao speaker, fazendo a mesma coisa os ministros. O speaker passa-os aos secretarios, que lhes dão o devido destino.

O Ministro dos caminhos de Ferro produz um grande discurso, todo obrigado a numeros, e o sr. Henrique, governador do Cabo — do Cabo, Estado, e não do Cabo, cidade — quando algum deputado se exprime em holandez, explica-me o que ele disse.

A União é um Paiz de duas linguas, como a Belgica, sendo permitido usar no Parlamento, á vontade de cada qual, uma ou outra — o inglez ou o holandez.

Por via de regra, os deputados belgas que falam o francez não falam o flamengo. Aqui sucede uma coisa equivalente, mas é facil de prever que um dia, proximo ou remoto, se estabelecerá o predominio duma lingua sobre a outra, o holandez sobre o inglez, ou o inglez sobre o holandez, consoante a hegemonia politica, que todos disputam, pertencer aos velhos colonos ou aos modernos conquistadores.

O general Smuts é um homem de largas vistas; tem a vontade dos fortes, a audacia dos ambiciosos e a confiança em si dos que se crêem fadados para superiores destinos.

Praticou, ainda ha pouco tempo, um acto politico de grande alcance, fundindo dois partidos que teem isto de comum — a autonomia da União sob a suzerania da Inglaterra — emquanto não puder fruir uma completa e absoluta independencia. Desta forma conseguiu vencer nas eleições o partido separatista e assegurar-se no Parlamento uma maioria, que lhe é dedicada, e com a qual inteiramente conta para a efectivação dos seus designios politicos.

Quaes designios?

Formar um grande Imperio africano tão livre, tão independente como qualquer outro dos grandes Imperios e Nações do Mundo. Este alto pensamento, este arrojado proposito, o general Smuts não o oculta ou disfarça, antes o afirma com a maior clareza sempre que tem ocasião de o fazer. Dizia elle, ha poucos dias, num banquete politico:

— A minha ambição, o meu proposito, não se limita a formar um grande partido politico, mas uma grande Nação africana.

Ha que contar com o sr. Smuts, dentro e fóra d'Africa.

A sessão continua, mas além de que não me interessa, presinto que o meu amavel cicerone, o sr. Henrique, se eu o restituisse imediatamente á liberdade, ficaria satisfeitissimo.

— Até Lourenço Marques, não é verdade?

O sr. Henrique diz me que sim, mas espera, antes disso, ver-me outra vez no Cabo, hospede do governo da União, com a demora de algumas semanas.

E toca para bordo, que o Africa deve largar ás cinco horas, segundo o aviso aos passageiros.

Eu não sei ver uma cidade percorrendo-a de automovel, nem sequer percorrendo-a de fiacre, no chouteear de pilecas. Não sei. Para bem ver uma cidade careço de a percorrer a pé, andando ao acaso, sem roteiro e sem destino, parando quando me apraz, umas vezes para evitar fatigar-me, outras vezes para melhor satisfazer a curiosidade, surpreendendo aspectos fugitivos. Os automoveis inventaram-se para o transporte rapido das pessoas a grandes ou pequenas distancias; quando marcham devagar, aborrecem e cançam. O que custa ir de automovel num enterro, o morto sem ter pressa de chegar ao seu destino e a bicha dos carros ondulando pelas ruas infindaveis, interrompida aqui, refeita além, sempre vagarosa, sempre lenta, d'uns vagares e d'uma lentidão que enervam!

Os forasteiros que numa cidade passeiam em carro descoberto, os cavalos em passo grave, como nas marchas funebres, o cocheiro a virar-se para traz, numa solicitude que visa á gorgeta, a dar a explicação de tudo, como um Baedecker falante, taes forasteiros não escapam ao ridiculo duma especie de mostruario ou reclamo, andando ali por conta dalguem, menos para verem do que para serem vistos.

De todas as grandes cidades da Europa que conheço, e quer-me parecer que conheço a maior parte, não ha uma só que eu não tenha percorrido a pé, deambulando ao acaso das pernas, aventurando-me pelos recantos mais escusos, um pouco confiado na policia, um pouco confiado no revolver, mas sobretudo, confiado na Fortuna, que nunca desampara os audazes.

Em Lisboa -- isto diz tudo — nunca eu andei em carro blindado, e nunca deixei de passear, sem necessidade de maior, pelos seus bairros de peor fama, a qualquer hora do dia ou da noite, para observar, para vêr.

E' muito curioso perder-se a gente numa grande cidade, em Paris, por exemplo, faltando-lhe pontos de referencia para se orientar em determinado sentido. O primeiro movimento é de sobresalto e receio, o sobresalto que ordinariamente gera a surpreza, o receio que muito naturalmente deriva de nos encontrarmos sós num local desconhecido, sobretudo se é um local mal frequentado, um daqueles bairros citadinos onde fermenta a crapula, propicia a toda a especie de crimes.

Como quer que seja, eu recolho a bordo, tendo visto toda a cidade; mas não a vi como desejaria vêl-a, passeando-a com todo o meu vagar, pondo-me em contacto com a sua multidão, entrando nas suas lojas, beberricando nos seus cafés, apalpando os seus musculos, sentindo vibrar os seus nervos, prescrutando o seu cerebro, auscultando o seu coração.

Paciencia será para a outra vez.

A's cinco horas precisas o *Africa* desamarra, e tendo realizado com pericia uma delicada manobra, entra no mar largo, adejando-lhe em torno milhares de gaivotas, como em Lisboa quando desciamos o Tejo, ainda a vêr os lenços brancos que acenavam do cais — bôa viagem! bôa viagem!

— Teremos bom mar, comandante?

— Sim, devemos ter bom mar, porque já a *toalha* não cobre a *meza*, e sempre que isto sucede, nem sequer há mareta.

Perguntará o leitor, e a pergunta é bem natural, o que vem a ser a *toalha*, o que vem a ser a *meza*

As docas do Cabo ficam ao abrigo, por leste, de dois grandes morros, a um dos quais se chama a Meza, porque termina em superficie plana. Quando as nuvens se abatem sobre a *Meza*, cobrindo-a como uma toalha lavada, descendo as franjas pela encosta, o mar encarneira e brama, revivendo as furias do Promontorio. Estando a *Meza* nua, embora por cima dela se adensem os nevoeiros, o mar tem a placidez dum lago em que brincam as Nereides, alvas de espuma.

O outro grande morro, dos dois que abrigam as docas, pretendem os maritimos que tem lá em cima, deitado sobre o ventre, um leão que olha o mar, talvez á espreita de vêr surgir. Neptuno, para lhe caír em cima. Por mim, com franqueza o digo, não vejo em cima do morro coisa que sequer me faça pensar num leão; mas a culpa deve ser dos meus olhos, que não deixam chegar ao meu espirito a sugestão alheia.

. . . Pois estava levantada a Meza quando o *Africa* desamarrou, e assim nós vamos a caminho de Lourenço Marques esperançados numa viagem á Lohengrin — como se o *Africa* fosse uma barca de sonho a reboque dum cisne branco.

Navegamos á vista de terra, muito perto da terra; mas é noite fechada quando passamos em frente do Cabo das Agulhas, o porto mais austral do continente africano. Deito para lá os olhos, sondando a escuridão, mas nem sequer a luz d'um farol responde á minha curiosidade em sobresalto.

Se o Cabo Promontorio fecha a costa africana, o Cabo das Agulhas marca o ponto em que se encontram os dois oceanos, o Atlantico e o Indico. E aqui entro eu a pensar que anda errada a geographia, que anda errada a historia, que anda errada a tradição, e que por causa de todos estes erros. tambem a poesia não anda certa. O genuino, o authentico, o verdadeiro Cabo Promontorio deve ser aqui, em frente do navio, ou então o Adamastor andava d'um lado para outro, fazendo os cem passos, guardando a fronteira dos oceanos. A cogitar assim, meio dormido, tenho a impressão de que me chegam de terra vozes que são imprecações, queixas que são gemidos.

Triste ventura e negro fado os chama
N'este terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'um cru naufragio vivos
Para verem trabalhos excessivos.

Linda devia ser a esposa de Peleo, a fiel Thetis, para transtornar a cabeça d'um brutamontes tal como Adamastor, indiferente aos encantos de todas as deusas que povoavam o céo, e que se lhe teriam entregado sem resistencia.

Um dia a vi, co'as filhas de Nereo,
Sahir nua na praia, e logo presa
A vontade senti, de tal maneira
Que ainda não sinto coisa que mais queira.

Naturalmente é o marulhar das aguas; mas parece-me ouvir num choro convulsivo, falas suplices e lamentosas, entrecortadas de suspiros arrancados *ab imo pectore*.

Oh nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada!

Pelo lado da prôa, no horisonte afastado, ha mostras do clarear da manhã, e isto me adverte de que são muito boas horas de ir meter me na cama, porque em começando a baldeação não ha que pensar em dormir.

Em nada se parece com a nossa costa do ocidente africano esta costa da União, pelo que respeita ao Cabo, fragosa, alcantilada, grandes massiços de pedra em vez de grandes morros d'areia. Como a terra é alta, pouco a vista entra pelo interior, só lobrigando, no mais recuado do horisonte, a crista de montanhas, formando cordilheiras.

Passamos a uma hora excessivamente matinal por Port Elisabeth, e diz-me o comandante que passarêmos a uma hora excessivamente vespertina por Durhan.

Paciencia, que nem tudo pode correr á medida dos nossos desejos. Já não é pouco que naveguemos quasi encostados á terra, tão poucos afastados dela que um bom nadador, atirando-se aqui ao charco, estaria lá em menos de nada. E' possivel que n'isto haja um bocadinho de exagero; mas quiz-me parecer que um *farmer*, um lavrador que ha pouco vi, de bordo, em mangas de camisa, á porta de sua casa, mete a vista uma pela outra, e um preto que estava cá em baixo, na praia, a renhir com outro, disse-lhe um palavrão tal que faria corar um policia.

Certo é que esta costa do Natal, baixa e arenosa, como a de Angola, nem parece a continuação da costa do Cabo, alta e granitica. Verdeja o capim, e arvores altas, que me dizem ser casuarinas, cortam a monotonia das vastas planicies nuas. Alegram-me a vista manchas de terra vermelha, pouco longe da costa, e grandes fumaradas de matto a arder, um aqui, outro acolá, trazem-me á lembrança as queimadas do Alemtejo, nos esbrazeados mezes de verão.

Aqui se repete agora um phenomeno igual ao do Zaire, só com diferença nas proporções. A duzentas milhas da foz ainda o Zaire conserva a independencia das suas aguas, barrentas e pouco salgadas, nitidamente separadas das aguas do mar por uma especie de extrema em relevo. Este rio de S. João é um fio d'agua em comparação do Zaire, mas vem de muito longe, a marchas forçadas, e como tope na sua frente o mar, orgulhoso da sua vastidãn, entra por elle sem pedir licença, e na extensão de algumas milhas afirma a sua independencia, não permitindo confusões.

O peor é que passamos em frente de Durban, como dissera o comandante, já pela noite adiantada, e eu gostava muito de colher uma impressão, embora fugidia, vaga, imprecisa, d'esta cidade, olhando-a de bordo, visto ella ser, na Africa do Sul, a cidade rival de Lourenço Marques.

Bem podia o *Africa* ter andado mais depressa, para não passarmos em frente de Durban já noite, ou ter andado mais devagar, para ali passarmos já dia. Resigno-me a ver a iluminação da cidade, profusamente iluminada, nem sequer podendo figurar as suas ruas, as suas Avenidas, os seus edificios monumentaes, tudo amontoado, tudo confuso, tudo indistincto aos meus olhos myopes.

E' um sucesso, a bordo, a vista — deixem passar — de Durban, e como Lourenço Marques fica a poucas horas de viagem, em todos ha a impressão de irmos já navegando em aguas portuguezas, cada qual sentindo a seu modo, naturalmente, o dulcissimo encanto de se reinstalar em sua casa, agasalhado no seio da Patria, que é sempre, a despeito de tudo, a mãe carinhosa que prodigalisa cuidados, a amante devotada que se desfaz em caricias.

— A'manhã já dormimos em terra?...

— Não, senhor. A'manhã ainda dormirá a bordo. Fundearemos á entrada da bahia, e pela manhã levantaremos ferro, por forma que atraquemos á hora que já foi anunciada em radiogramas.

Trinta dias a bordo é tempo suficiente para se aborrecer um santo, mesmo que a viagem se faça sem acidentes, mesmo desembarcando aqui, desembarcando além, vendo coisas novas, nem todas interessantes, naturalmente, mas tambem nem todas aborrecidas. Aconselharam-me no Cabo a tomar o comboio para Lourenço Marques, dizendo-me que a viagem seria mais rapida e mais comoda; mas vindo a Moçambique pela primeira vez, eu entendi que devia desembarcar em Lourenço Marques, tomar contacto com a Provincia antes de visitar a União, um paiz estranho.

Suponho que fiz bem; pelo menos ainda me não arrependi de o ter feito. E como já faltam poucas horas para chegar ao termo da viagem, chega o que ainda me resta de paciencia e resignação para que o aborrecimento não venha a ser desespero.

Reaparecem os fatos brancos dos homens, as toiletes ligeiras das senhoras, e suponho eu que isto se faz mais por indicação da geografia que da fisica. Vamo-nos aproximando do Capriconio, e embora o thermometro se conserve n'uma elevação modesta, os praxistas não se dispensam de assignalar o facto, mudando de farpela.

Já tenho os olhos cansados de ver planices sem fim, cobertas de hervaçum grande como os arbustos, salpicadas de arbustos grandes como se fossem arvores, e como a costa não tem relevo que se note, como não tem recorte que interesse, consumo as horas a cansar as pernas, e quando me sinto fatigado, descanso a conversar com uns, a conversar com outros, refazendo-me das energias perdidas, para continuar o meu trabalho de jaula. Para Lourenço Marques já se disse, pela telegrafia sem fios, que o *Africa* atracará ás nove horas, e o comandante vai regulando a sua marcha por forma que não haja avanço nem atrazo.

Recolho cêdo ao camarote, na esperança de fazer um largo somno até ao nascer do sol, e a essa hora, excessivamente matutina para os meus companheiros de viagem, ir encostar-me á amurada, a vêr se lobrigo Lourenço Marques á distancia maxima que pode atingir a minha vista fraca.

Boas contas deita o preto!

Não ha maneira de pegar no somno, ás voltas na cama, e sem disposição para ler, no alvoroço de quem vai, dentro de poucas horas, encetar vida nova, inteiramente nova e cheia de responsabilidades.

Ha pessoas tão felizes que mal caem na cama adormecem logo, e levam a noite d'um somno. Daria tudo quanto possuo, a fortuna d'um homem pobre, para ser um d'esses felizes dorminhocos.

Certo é que mais uma vez a Espertina — linguagem figurada — se mete comigo na cama, disposta a fazer-me companhia, não vá eu aborrecer-me sósinho.

Acendo a luz, ponho a ventoinha a trabalhar, e tomo, ao acaso, um dos livros que tenho á mão calhando ser este — *Black and White in South East Africa.*

Não consigo ler meia duzia de paginas, não obstante saber que o livro é muito interessante, e que a sua leitura me seria de grande utilidade, visto ter aceitado o encargo de governar uma Provincia onde ha pretos e brancos — poucos brancos e muitos pretos.

Torno a apagar a luz, e entro a cogitar sobre os variados problemas que terei de estudar, para os resolver, problemas que, no seu conjunto, representam toda a administração d'uma vasta colonia, dez vezes maior, em superficie, que a Metropole. Suponho conhecer os preceitos, as regras gerais da administração d'um estado ; mas quer-me parecer que isto é pouco, que isto não chega para governar Moçambique, sobretudo se tinham rasão as pessoas que em Lisboa me diziam que não encontrarei na Provincia os colaboradores que precisaria ter para bem administrar. Não devia ser coisa facil encontrar em Lisboa esses colaboradores, e tenho por certo que se os encontrasse, elles declinariam muito atenciosamente o meu convite, deixando-se ficar na Metropole. De resto, eu não podia lançar por conta alheia, sobre o funcionalismo de Moçambique, o labéo de incompetencia, por muito que considerasse as pessoas que a este respeito me informavam.

Chego a arrepender-me de ter aceitado este encargo, sinceramente iludido sobre a minha capacidade para resolver dificuldades de toda a ordem e de todo o tamanho, as tremendas dificuldades de governo n'uma Provincia em que os indigenas são duzentas vezes mais que os europeus, indigenas que, pela maior parte, ainda não deixaram de ser bichos do mato, de rudimentar cultura, europeus, os da Metropole, que na sua quasi totalidade são empregados publicos,

Se ao menos os cuidados de administração me permitirem regalos de espirito, observando aspectos da Natureza, analysando modalidades da vida social n'um meio tão *sui generis* como é, em Africa, o d'um Paiz em formação !

Estamos ha mais de quatrocentos anos em Moçambique; ali temos enterrado muito dinheiro e sacrificado muitas vidas, sem usufruirmos proveitos equivalentes. Bem sei que só em 1896 acabou o poderio do Gunhunhana, e ainda ha menos d'uma duzia d'anos a pacificação do districto de Moçambique não era completa. Mas a verdade é que milhares de vidas e milhares de contos nos tem custado a soberania d'esta Provincia, que ainda não exploramos como uma possessão, nem povoamos como uma colonia.

Civilisar o preto!

Ha uma vasta literatura sobre a unidade ou equivalencia das raças, afirmando uns que a côr é uma substancial carateristíca de certos agregados ethenicos, afirmando outros que só ás condições especiais do meio cosmico são devidas as differenciações pretendidamente raciaes.

De ha muito me convenci de que não ha uma estreita e invariavel relação, no homem, entre os caracteres fisicos e as qualidades psychicas, tão grande e tão constante que a constatação d'uns autorise a afirmação das outras.

Não me compete resolver este problema; mas como governador d'uma Provincia em Africa, não posso dispensar-me de o considerar, porque elle implica ou condiciona a orientação d'uma politica indigena, tomando a palavra no seu mais alto significado.

O preto é mais do que uma besta e menos do que uma pessoa?

Ha, então, que fazer, em relação a elle, uma zootecnia que seja um pouco mais do que *élevage*, a creação e preparação de animaes de trabalho, tanto mais uteis quanto forem mais fortes e mais aptos.

O preto é um homem como o branco, apenas retardado de muitos seculos no seu desenvolvimento moral?

Ha, então, que o instruir e educar como se fosse branco, desenvolver gradual mas sucessivamente as suas faculdades animicas, só com o elementar cuidado de não exigir que elle faça o que os brancos não puderam fazer, isto, é, saltar d'um estado de sociabilidade rudimentar, quasi zoologica, para um estado de socialisação perfeita.

Se o preto, nas regiões tropicais, não pode ser substituido pelo branco nos seus labores agricolas, tudo aconselha, o humanitarismo e o interesse, a olhar para elle com solicitude, impedindo que se desvalorise pela doença e prematuramente se aniquile pela morte. Sinto-me negrophilo pela razão e pelo sentimento, ficando assim marcada uma orientação ao meu procedimento governativo.

Poderão as missões religiosas auxiliar-me no trabalho, que me imporei, de arrancar o preto de Moçambique, o individuo e a familia, ao estado de selvageria, em que ainda vive, para o elevar, gradualmente, ao estado de adiantamento em que já se encontram os homens que nas sociedades civilisadas ocupam o zero da escala, nem educados nem instruidos?

Se assim fôr, dar lhes hei toda a proteção, de que carecerem, dispensando-me de qualquer interferencia nos seus trabalhos de catequese.

No céo tambem ha logar para os pretos?

Pois então que os encaminhem para lá os que se fazem cargo de salvar as almas, sem quererem saber de que raça ellas são — pretas, brancas, amarellas ou pardas, comtanto que me ajudem a preparar os seus devotos a serem prestimosos e honrados trabalhadores.

Por feliz me darei se ao cabo de cinco anos tiver niciado uma obra administrativa, que outros tenham e continuar até se concluir, nem homem de pensamento como Antonio Ennes, nem homem de acção omo Mousinho de Albuquerque, mas portuguez de ão bom quilate como qualquer d'elles, só inspirado, omo elles, em todas as suas determinações de homem publico, na modestia da minha condição, pelos mais elevados sentimentos patrioticos.

Sinto-me fatigado, talvez de não dormir, talvez de ogitar, e quando me disponho a enfiar as calças para ugir á insomnia, tenho a impressão de que o *Africa* marcha muito devagar, como á entrada ou saida d'um porto, sem balanço, a agua a marulhar como á volta d'um navio parado no mar alto. Ainda não tinha saido do camarote, e já a ancora fôra deitada á agua, fazendo um barulho tal capaz de acordar um santo.

— Passamos aqui a noite, comandante ?

— Sim, senhor.

— E partiremos ?...

— Ahi por volta das seis, sete horas.

Fosse lá pelo que fosse, o certo é que tornei a meter-me na cama e adormeci, acordando já sol fóra. E talvez não tivesse acordado tão cedo, se não fosse um maldito elephante que avançou para mim, devastador como um tufão, e ligeiro como um comboio.

Os pretos tinham ido bater mato, e o director da caçada, muito conhecedor da materia, empenhado em que eu matasse fosse o que fosse, tinha-me colocado ali, assegurando me que pelo menos um cabrito montez viria pôr-se ao alcance da minha espingarda. A' força de esperar inutilmente, distrai-me a partir uma grande massala, das muitas que tinha á mão. N'isto oiço um tiro ali perto, muito perto, e como afincasse a vista na direção d'onde o tiro partira, lobrigo um elephante enorme, enfurecido como se tivesse o diabo e não uma bala no corpo, a correr para mim, a fazer com a tromba as mais estranhas e ameaçadoras manobras.

Se não acordo, tinha me esborrachado.

Estamos fundeados á entrada da bahia, e levantaremos ferro, lá para as oito horas.

— E' a bahia, isto ?...

Parece-me que estou no mar alto, dando uma falsa impressão de terra massas de nuvens que desceram, lá muito longe, tocando as aguas. Reforço a vista com um binoculo, e claramente a Xefina me aparece pela direita, adivinhando mais do que vendo, pela esquerda, os relevos matagosos da Inhaca. Todas as bahias que eu vi, na outra costa, cabiam dentro d'esta bahia imensa, devendo acrescentar que não entramos na bahia Alexandre, como não entramos na bahia dos Tigres, nem sequer as vendo de longe, podendo medil-as com os olhos.

Penso de mim para mim que esta bahia, a de Lourenço Marques, seria a melhor bahia do mundo, se fosse um bocadinho menos vasta, e um tudo nada mais funda. Dois navios como o *Africa*, isto é, dois pequenos navios, não podem entrar ao mesmo tempo n'esta bahia, porque não cabem os dois, ao lado um do outro, no estreito canal da Polona. Marcas e faroes indicam o caminho que os navios devem seguir, entrando ou saindo, marchando devagar, muito devagar. Não pode ser abrigada uma bahia d'este tamanho; os ventos de todos os quadrantes sopram aqui mais livremente que na caverna de Eolo, o Deus mytologico da busaranha.

A maior parte dos meus companheiros de viagem fica em Lourenço Marques, comerciantes uns, funcionarios publicos outros, e em todos elles ha a franca, a irrepremivel alegria de quem se apanha em sua casa, no conforto do seu lar, depois d'uma longa ausencia, passadas as ultimas semanas a bordo, enjoados ou aborrecidos. Todos me apontam, na terra de cada vez mais proxima, algum ponto interessante, solicitos em informar-me ácerca do que elles estão fartos de ver e eu vejo pela primeira vez. Só quando tivermos dobrado a Ponta Vermelha nos aparecerá a cidade, que os mais enthusiastas me dizem ser o sonho e o desespero dos nossos vizinhos da União Sul Africana.

A Ilha dos elephantes, chata a rasar a agua, é uma leprosaria á maneira da Idade Media, um deposito de miseraveis que o medico observa de Melville, n'um ponto alto da Inhaca, sobranceiro ao mar, e o enfermeiro, de longe em longe visita, formados na praia, como se fosse um batalhão na parada d'um quartel. Constato que a Xefina é uma ilha que o mar cortou em partes desiguaes, a grande e Pequena Xefina, e inutilmente me esforço por ver o Hotel Polana, ainda em construção, e que um dos meus companheiros de viagem me afirma, com o pleno acordo de todos os outros, que será o maior hotel da Africa do Sul.

— Para cá da Ponta Vermelha, em baixo, rente ao mar, branquejando, vê?... E' o Club Nautico, e um pouco mais para diante, tambem rente ao mar, é o *tea Room*.

E' menos do que mediocre a impressão que me faz a Praia da Polana, não obstante afirmarem os meus companheiros, *una voce*, que é a melhor Praia da Africa do Sul. Como serão as outras, santo Deus! se esta nesga de terra é uma praia afamada, e justifica a reputação de que gosa, quanto aos seus meritos relativos!

Vejo agora, distinctamente, o Hotel, lá em cima, dominando a bahia, e pergunto o que são umas pequenas construções, semelhantes a galinheiros, dispostas em fila, com intervalos regulares, do *tea Room* para cima.

— São uns chalets que o Turismo mandou fazer para alugar aos banhistas.

Fiquei á espera, por instantes, de ouvir dizer a algum dos meus companheiros de viagem, com o acordo de todos os outros, que são os primeiros *chalets* da Africa do Sul.

Apontam-me a bandeira nacional fluctuando no Palacio do governo, acolá, onde o arvoredo é mais denso; mas eu não consigo lobrigal-a, apezar do esforço quasi doloroso que faço para dar o maximo de acuidade á minha vista de myope.

Entramos no porto, finalmente!, e a artilharia sauda o Alto Comissario com uma salva de 21 tiros.

Com a Saude e o Fisco vem a bordo Theodoro de Macedo, um velho amigo que ha-de ajuadar-me ao peso da minha cruz. Elle foi um estudante muito distincto na Escola Polytecnica, dos mais distinctos da sua geração, e grangeou, a reputação de homem de bem, incapaz d'um acto incorrecto, seja de que natureza fôr.

— Está muita gente no caes.

Nenhuma impressão me faz a vista da cidade, afogada em arvoredo, sem edificios monumentaes, sem torres altas, sem cupulas arredondadas, sem chaminés esguias, largas Avenidas, muito bem alinhadas, cortando-a em todas as direções, na extensão de kilometros, mas Avenidas que estão á espera de que ali vão construir casas para deixarem de ser estradas, passando a ser verdadeiras Avenidas.

N'este momento o porto está quasi deserto, o que me surpreende, pois que esperava encontrar, arrimados ao caes, recebendo carvão, alguns dos navios que ainda ha pouco aqui estavam, fazendo bicha.

Atraca o *Africa*, e na multidão que enche o caes, indigenas em separado, ha o inevitavel movimento de curiosidade em ocasiões semelhantes. Uma banda executa a *Portugueza* mal piso o caes, e a tropa apresenta armas, visto me caberem honras de ministro e general, embora vista farda de coronel. Vejo pessoas conhecidas, que me dão effusivamente, as bôas vindas, estimando que eu tenha feito bôa viagem e que por cá fique muito tempo. E' possivel que esteja em erro; mas em Lisboa, no caes apinhado, ao embarcar, eu surpreendi em bocas mudas estas palavras homicidas — talvez por lá fique —; e aqui, na multidão que me espera, uns por dever do cargo, outros por mera curiosidade, eu leio em fisionomias contrariadas estas palavras de ameaça — oxalá não aqueças o logar.

Terminada a cerimonia das apresentações, entro n'um hangar enfeitado, e logo um côro de meninas, entôa o hymno nacional, erguendo-se sobre as ultimas notas calorosos vivas á Patria e á Republica. Um monhé gordo e luzidio, typo indeciso entre cosinheiro de bordo e guarda de serralho, lê uma extensa mensagem, campanuda e rastejante, feita de todos os logares comuns que a rhetorica mais pifia pode inspirar á inteligencia mais bronca. Com muita dificuldade evito pisar este diabo, que já me babujou as calças a lamber me as botas, mesureiro e desengonçado, correctamente vestido de branco, dando me a impressão d'um escaravelho arrastando pela neve a sua bola.

Novamente as meninas entôam a *Portugueza* e uma d'ellas, em nome de todas, entrega-me um grande ramo de flores, preso a largas fitas verdes e encarnadas.

— E' como se levasse comigo, transformados em petalas, todos aquelles labios virginaes.

Os prêtos gritam — bayete!, quando passo a meter me no automovel que hade levar-me á Secretaria do Governo, para a cerimonia da posse. Como em S. Thomé, como em Loanda, como em Mossamedes, toda a gente se descobre á passagem do Auctoridade, brancos e pretos, e este facto é uma das maiores e mais agradaveis surprezas que tenho tido em Africa, habituado ás grosserias de Lisboa, onde o prestigio da auctoridade anda pelas ruas da amargura.

— Aquelle monumento, além, uma estatua, é?...

— E' o Antonio Ennes.

Disfarçadamente tiro o *bonet*, fingindo que me incomoda o calor, e mentalmente, no silencio d'uma evocação religiosa, sem palavras, ajoelho perante o Comissario regio de ha trinta annos, pedindo desculpa de ter aceitado o logar.

Quando entro na sala do Conselho do Governo já ella está á cunha, dando-me a honra da sua comparencia alguns dos meus companheiros de viagem, que seguem para o norte. Leitura do auto, discurso de boas vindas. exposição do programa governativo, e ao cabo os cumprimentos da praxe, todos desejando ao Alto Comissario muita felicidade no desempenho da sua missão.

Mesmo com as colonias, Portugal é um Paiz muito pequeno!

Encontrei amigos e conhecidos em toda a parte onde desembarquei, e aqui, em Lourenço Marques, encontro tantas pessoas do meu conhecimento, algumas das minhas relações, que chega a parecer-me mentira estar a perto de onze mil kilometros de Lisboa.

Instalo-me na Residencia, no Palacio do Governo, como emphaticamente aqui chamam á Casa destinada ao Governador, colocada n'um dos pontos altos da cidade, o mais salubre, ao que me dizem.

— Aquella arvore grande, aqui em frente, é uma mafurreira. Debaixo d'ella, sentado n'um banco, o sr. Antonio Ennes escreveu muitas paginas do seu relatorio sobre a campanha de 1895.

Pouco tardou que eu não estivesse, sem que alguem desse por isso, debaixo da mafurreira, sentado n'um banco, o mesmo em que se sentara Antonio Ennes, armado de papel e caneta, procurando fixar n'um trecho litterario, uma cronica, as multiplas, variadas e fortes impressões d'este inolvidavel dia.

Foi como se espremesse um limão seco, só me acudindo aos bicos da pena charras banalidades, preciosismos literarios que nem já seriam desculpaveis n'um socio da Academia. Conclui então, sem grande esforço, mas com profunda magua, que para escrever com talento debaixo d'uma mafurreira, sentado n'um banco, como o Antonio Ennes, é preciso, absolutamente indispensavel... ter talento, como elle tinha.

Sinto, naturalmente, o alvoroço, de quem se encontra fóra de sua casa, louge, muito longe de parentes e amigos, obrigado a renunciar a velhos habitos, por demais enzraiados, sentindo sobre os hombros um peso com que talvez não possam as suas forças, tão certo é que a boa vontade só dentro de certos limites, por via de regra muito apertados, supre a falta de competencia. Mas ao mesmo tempo experimento o alivio de quem chegou ao *terminus* d'uma estirada viagem, desembarcando aqui, desembarcando além, mas só por breves horas, tempo insuficiente para apagar os enfados d'uma inevitavel clausura, consumindo os dias a passear n'uma jaula, levando as noites a respirar n'um cacifo.

Sinto que está calor; mas dizem-me que aqui, em Lourenço Marques, mesmo na estação quente, a temperatura não costuma ser tão elevada como a de hoje, o que muito folgo d'ouvir, porque desde ja fico sabendo que não passarei a vida esbaforido, lembrando-me com saudade dos calmazios alemtejanos.

Esta residencia não é, positivamente, o Palacio de Versalhes, nem este modesto jardim, votado ao abandono, tem qualquer coisa que faça lembrar o vasto e formoso Parque onde o Rei-Sol passeava a sua majestade, acompanhado de muitas aias, muitos cortezãos, olympico, quasi divino.

Pois estou a lembrar-me de Versalhes, e tenho por certo que se alguem me perguntasse, derepente, o que me tem causado mais admiração em Africa, eu responderia, como o doge, se é verdadeira a tradição: — Ver-me cá.

E cá estou, na verdade, Deus sabe com que demora, sabe Deus com que destino.

Pessoas que bem conhecem a Provincia, algumas das quaes n'ella exerceram funções de governo, davam-me este conselho mizericordiso — leve gente! leve gente! Falavam-me, abonando o seu conselho, dos valiosos colaboradores que tivera Antonio Ennes, dos auxiliares dedicados que tivera Mousinho d'Albuquerque, dois grandes nomes vinculados á historia de Moçambique, tão glorioso um como o outro, os dois marcando na historia da nossa administração ultramarina o ponto mais alto a que se elevou o prestigio da Metropole nos quatro seculos ultimos.

— Leve gente! leve gente!

Desatendi o conselho, e para aqui vim, trazendo um ajudante e um chefe de gabinete, pessoas que viverão na minha intimidade, que serão os meus companheiros de toda a hora, os meus auxiliares e confidentes, por assim dizer agentes de ligação entre o Alto Comissario, que precisa ser cauteloso nas suas relações, e as varias classes que constituem o ambiente social, cada uma d'ellas tendo interesses que elle pode servir ou contrariar no desempenho das suas funções.

Um unico burocrata vem comigo, e d'elle farei, por contracto, o director do ensino em toda a Provincia, cometendo-lhe ao mesmo tempo funções de inspector,

O caso foi que um dia, no Parlamento, entregaram-me um relatorio do inspector do ensino em Moçambique, e da rapida leitura que fiz d'esse documento conclui pela absoluta necessidade de substituir o seu auctor, desmarcadamente incompetente.

Notavel coincidencia — este homem foi o unico funcionario que eu, ainda na Metropole, resolvi substituir, e foi a primeira pessoa que em Lourenço Marques, mal desembarquei, ergueu um viva a s. ex.ª o Alto Comissario!

Fôra convidado, em tempos, para organisar e dirigir os serviços de ensino na Provincia, um homem de superior competencia, o dr. Agostinho de Campos, escriptor de reconhecidos meritos afirmados em livros que andam nas mãos de toda a gente que tem saudaveis curiosidades de espirito. Logo o republicanismo de Lourenço Marques se indignou ao rubro, protestando contra a vinda para a Provincia d'um franquista impenitente, dos que mais calorosa e inteligentemente tinham servido o franquismo. A competencia do homem estava fora de todas as duvidas; mas a Republica fizera-se sem que elle adherisse, e isso era a prova de que subsistiam as suas convicções monarquicas,i nimigo feroz e irreconciliavel do Regimen!

Certo é que o dr. Agostinho de Campos não veio para Moçambique, e a complacencia d'um Governador interino levou-o a entregar a inspecção do ensino a um mestre-escola, talvez habil para desemborrar as creanças nas primeiras letras, mas incapaz de bem desempenhar os serviços que lhe eram cometidos.

Convidei o senador da Republica, sr. Heitor Passos, a vir comigo, incumbido de organisar e dirigir todos os serviços do ensino nas Provincias, ensino de brancos e de pretos, visto elle fazer-se em comum. O sr. Heitor Passos é um homem inteligente e culto. Exerce o magisterio primario ha muitos annos, e foi ultimamente nomeado inspector da mais importante circunscripção escolar do Paiz. E' novo e forte; tem uma vontade energica, que as dificuldades não entibiam, e um temperamento de luctador que mantem em respeito os seus adversarios ou inimigos. Terá de visitar, rapidamente, todas as escolas da Provincia, vasta de oitocentos mil kilometros quadrados de superficie, aproveitando-se de todos os meios de transporte, hoje de carro, amanhã de machila, passando algumas noites ao relento, isto é, dormindo em barraca de campanha, no deserto, á beira dos caminhos. Inteligente e culto, tudo verá e tudo saberá ver, e sciente, por inspecção directa, do que é o ensino na Provincia, dir-me-ha o que elle deve ser, propondo-me as medidas que houver por convenientes. Estou no proposito de aos serviços da instrução dedicar os maiores cuidados, dispendendo com elles liberalmente — com tanta liberalidade quanta m'o permita a situação financeira da Provincia.

Sou dos que entendem que civilisar o preto não deve consistir em obrigal-o a trabalhar por conta do branco, como se elle não fosse um homem, mas tão sómente um animal susceptivel de domesticação, e uma vez domesticado, como o cavallo, como o boi, trabalhando para o dono.

Desatendendo o conselho que me deram — leve gente! leve gente!—eu abri aos funcionarios da Provincia um credito de confiança, afrontando os riscos de não ter na alta burocracia provincial quem efficazmente me ajude. O meu procedimento generoso dá me o direito de esperar que todos se esforçarão por bem cumprir os deveres de seu cargo, e que porão no desempenho d'esse dever muita lealdade e muita dedicação os que estavam naturalmente indicados para serem substituidos.

Qual será o procedimento d'esta gente para comigo?

Não me furto a esta preocupação, já instalado no *Palacio da Ponta Vermelha*, a poucas horas de entrar no exercicio das minhas funções de goveraador, despachando com os chefes de serviço. Amargurada será a minha vida, e de minima utilidade o meu esforço, se os homens que me aconselhavam a não vir só — leve gente! leve gente! — não eram exageradamente pessimistas.

A cogitar assim, quasi esqueci que hoje é sabado de Aleluia, e passa-me despercebido o rapido cair da noite, sem aquellas gradações de luz que na Metropole marcam as horas crepusculares, deliciosamente vagas, indecisas...

Sinto que deixei a bordo do *Africa* as insomnias que me torturaram durante a viagem, e só de vêr a cama muito larga, de lençoes alvissimos, os olhos fecham-se-me como nas quebreiras do pleno verão, todo o corpo froixo como nas molesas d'uma sesta alemtejana.

O demonio é que o mosqueteiro me faz a impressão d'um estojo hermeticamente fechado, dentro do qual eu respiro como os asthmaticos, por sacadas, dilatando muito o peito, a vêr se o encho d'ar. Faço de conta que a rede das varandas e das portas é impenetravel ao mosquito. e resolutamente abro o mosqueteiro, apagando a luz.

Ha quantas noites eu não dormia assim?

Se o sonho é o trabalho das celulas que não dormem, todo o meu cerebro dormiu profundamente, como se me tivessem administrado um narcotico poderoso... Acordo no deslumbramento d'uma luz doirada, entrando-me no quarto, a jorros.

A Camara Municipal teve a gentileza de offerecer hoje, domingo de Paschoa, em minha honra, um chá á creançada das Escolas, no jardim publico da cidade. Esta delicada e generosa lembrança da-me um pouco a ilusão de que tambem para mim este dia é de festa, longe da minha casa, separado pelo abismo das aguas, na extensão de muitos milhares de kilometros, dos parentes que mais estimo e dos amigos a quem mais quero.

O sol escalda, mas não me incomoda, o que a muitas causa surpreza, talvez por me suporem alfacinha, janota da Rua do Ouro — deixem passar — incapaz de afrontar os rigores do tempo, quer nas ardencias do verão, quer nos enregelamentos do inverno.

Não me tenho que não explique, envaidecido das minhas origens transtaganas:

— Tenho apanhado maiores calores no Alemtejo.

Dizem-me que ha trinta annos não havia em Lourenço Marques uma duzia de mulheres brancas, portuguezas e estrangeiras. Hoje é o que os meus olhos estão vendo — um bando de creanças na edade escolar, algumas centenas, enchendo de ruido alegre as mal enssombradas ruas d'este jardim minusculo, e as respectivas mamãs, de lado, a enlevarem-se nos seus amores, gentis borboletas brancas, adejando como as suas irmãs de varias côres.

Muitas d'estas creanças tem signaes evidentes de impaludismo, algumas já entraram na phase da anemia palustre, geralmente rebelde ao tratamento *in loco*. Mas é saudavel o aspecto do maior numero, rosadas e frescas, a sua desenvoltura mostrando bem o vigor de todo o seu organismo, plantas mimosas que para aqui trouxeram, muito tenrrinhas, muito frageis, e se desenvolvem e robustecem como no terreno em que nasceram, o seu *habitat* natural. Poucas, muito poucas d'estas creanças nasceram em Africa; mas as mulheres gravidas já não fogem de Lourenço Marques, regressando á Metropole espressamente para terem os seus filhos. Este facto é novo muito recente, e como não é licito acreditar que tenha augmentado a resistencia physica das pessoas, logico é concluir que tem diminuido o poder morbigeno do meio cosmico.

Quer isto dizer que a gente branca pode á vontade, sem medo, eleger domicilio nas zonas tropicae segura d'uma adaptação que não seja apenas a d individuo, mas a da raça, pela gradual e sucessiv adaptação das familias ?

E' possivel; mas por emquanto é bom ter com verdadeira, porque isso obriga a salutares cautelas a opinião d'um ilustre medico francez, segundo a qua o branco se adapta á Africa tropical perdendo algumas das suas qualidades anatomo-physiologicas, ist é, degenerando.

Servido o chá, com profusão de guloseimas — festa é de creanças — organisam-se bailes infantis, moda portugueza, e eu tendo o indizivel prazer d ouvir cantigas que eram da moda, no tempo em qu eu era menino e moço, tendo-se-me varrido de memoria, que ainda não é das mais fracas.

O canivete que me deste,
Trago-o no peito guardado;
Para cortar o pão leve
No dia do meu noivado.

A população de Lourenço Marques é extraordinariamente hectorogenea, formada de gentes varias — brancos, pretos, amarellos e pardos, servindo-me da classificação official. Todos estes elementos populacionaes da cidade se encontram aqui, no jardim, largamente representados, imprimindo a esta kermesse um cunho de pitoresco a que não andam habituados os meus olhos. — Pretos retintos, muito janotas, ridiculamente janotas; mulatos formando uma serie cromatica de infinitas graduações; o china, vestido á europeia, fragil e amarelento; o monhé, como um avoejão, de cabaia e sandalias, typo semita na desagradavel pureza dos seus traços physionomicos. A raça branca está aqui representada, na maxima parte, por nacionaes e inglezes, salpicada esta grande massa — tudo é relativo — de europeus de varias procedencias.

Todas as cidades cosmopolitas teem um particular encanto para quem chega; mas na Europa este encanto é de cada vez menor, porque a moda tudo uniformisa, os trajes e as maneiras, toda a gente vestindo pelo mesmo figurino, adaptando os mesmos usos e costumes, conduzindo-se da mesma forma. Vão desaparecendo, dentro de cada paiz, os typos regionaes, mesmo n'aquelles paizes, como a Hespanha, em que o regionalismo parecia ter caracteristicas de nacionalidade.

Era tão interessante o Alemtejo da minha mocidade!

Hoje as raparigas do campo vestem como as senhoras da Villa, e estas mandam fazer os seus ves-idos em Lisboa, segundo o figurino do ultimo cor-eio. Nas feiras é que os typos regionaes. dentro de ada Provincia, se notava mais flagrantemente, dis-inguindo-se, com a maior facilidade, na multidão, os ue eram d'aqui ou d'além, o sagôrro e o campaniço, homem das serras e o das planicies, diferentes no modo de vestir, inconfundiveis no modo de fallar.

Dizem os sabios que todo o progresso biologico e tem realisado por differenciacão, partindo do sim-les para o composto, indo do homogeneo para o ectorogeneo.

O progresso social far-se-ha ao invez d'esta re-ra?

Gabriel Tade, atacando o preconceito da igualdade firma que a um maior progresso das sociedades orresponde uma desigualdade maior entre os ho-

mens, desigualdade relativa ao modo de sentir e pe
sar, certo como é que as nossas volições nada ma
são do que phenomenos da nossa sensibilidade e
nossa inteligencia, expressos em actos.

O jardim é um quintalorio ao abandono, tendo
um canto, em apertadas jaulas, leões e macacos. P
motivos de economia, ao que me dizem, foram di
pensados pela Camara os serviços d'um jardine
contractado, que hoje se encontra ao serviço
Companhia de Moçambique, chefe da repartição
agricultura !

Bom jardineiro ? bom agronomo ?

Talvez nem uma coisa nem outra, podendo s
que o homem aplique á exploração agricola proce
sos de jardinagem, como talvez aplicasse na jar
nagem processos de tecnica agricola.

Devia haver, nas proximidades de Lourenço Ma
ques, um largo campo, á moda americana, que fos
um jardim Zoologico, vasto bastante para as fer
andarem n'elle á vontade. Pois tudo quanto aqui h
de jardim zoologico, são dois leões enjaulados, me
tidos n'uma gaiola onde não renhiriam á vontade d
grilos, e quatro macacos tristes, nostalgicos da vi
livre, saltando d'arvore em arvore.

Bem diz o dictado — em casa de ferreiro espe
de pau.

Não resisto a ver imediatamente a cidade, p
alto, em automovel, antes de jantar.

E', tirando a parte baixa, a cidade burocratica
comercial, uma sementeira de casas. Avenidas mu
largas, muito extensas, nada lhes faltando... sen
os predios. Admiro não ver rebanhos pastando n'e
tes vastos talhões, onde o capim é d'uma exubera
cia verdadeiramente tropical. Algumas construçõ

modestas, mas elegantes, com o seu *cottage*, á maneira ingleza, varanda de protecção, á frente, ou cingindo o predio, a cobertura de zinco, ordinariamente vermelho, fazendo-se ainda pouco uso da telha de marselha. A estação do caminho de ferro, dada a mediocridade de tudo o mais, quasi se afigura monumental, e os edificios do Correio e Fazenda, sem grandeza e sem estilo, não passam despercebidos; a insignificancia do casario, á volta, dá lhes uma certa evidencia comprometedora. A Igreja paroquial faria má figura ao pé de qualquer modesto templo das nossas Villas metropolitanas. Abundam os casinhotos de madeira e zinco, habitações desprovidas de todo o conforto sem protecção contra o mosquito, o inimigo de toda a gente em Africa. Estão fechadas todas as lojas, estão abertos todos os *bars*, e a famosa Praça Sete de Março, centro de intrigas e má lingua — são informações que trago de Lisboa — regorgita de cavalheiros e madamas que beberricam e tagarelam. São estreitas, muito estreitas as ruas da Baixa, tres ou quatro, mesmo tendo em consideração que os predios são baixos. não indo alem do primeiro andar.

Os automoveis cruzam-se em todas as direções, fazendo grandes velocidades, e os *rikshaws*, ao trote d'um preto, ás vezes empurrados por outro preto, dá-me a impressão desagradavel d'uma civilisaçãopor demais primitiva, o homem não tendo ainda aprendido a substituir-se por um solipede nos varaes d'um carro.

Ocupa uma area enorme o Hospital Miguel Bombarda, na parte alta da cidade, querendo me parecer, todavia, que a sua construção, ainda incompleta, não obedeceu aos melhores preceitos da sciencia em materia de edificações hospitalares.

O Hotel Polana, que já tinha visto de bordo, a uma distancia que me não permitia notar detalhes, mesmo reforçada a vista com o binoculo, deve ser, quando completo, um edificio monumental, o unico, na cidade, até este momento, a que um semelhante qualificativo pode aplicar-se. Tem uma arquitectura incaracteristica, mas não desprovida de elegancia. Pretende Lourenço Marques ser uma terra de turismo, e para que o seja, além do mais, carece de offerecer aos seus visitantes as comodidades d'um hotel luxuoso e caro. Fica muito bem situado, sobranceiro ao mar, muito perto do campo do *golf*, a poucos minutos da Praia. Dentro de poucos mezes, talvez um anno, será inaugurado, e então saberemos se era por falta d'um hotel de luxo que a gente rica do Transvaal deixava de vir passar o bom tempo, a estação balnear, em Lourenço Marques. Calcula-se que custará para cima de duzentas mil libras, mas só para esta quantia a Provincia dá uma garantia de juros, seis por cento. Vamos, que não é mau emprego de capital.

Não é por querer vêr tudo d'uma assentada; mas estando perto de Polana, muito perto, não resisto á tentação de ver hoje mesmo a famosa praia que faz, segundo me disseram em viagem, o encanto e o desespero dos nossos vizinhos da União.

Desce-se em carro, por uma estrada de curvas rapidas, traçada no declive mais suave d'uma barrreira avermelhada, coberta d'uma arborisação selvatica. A Praia é uma faixa estreita e comprida, parecendo ainda mais estreita do que realmente é, porque o talude, que a limita, é alto bastante. Apeamo-nos junto d'um barracão, a que pomposamente chamam *tea room*, e vamos estender as pernas, marchando na areia seca, em direção aos chalets que avistaramos de bordo. Por causa dos tubarões não se pode tomar banho n'esta praia, como em nenhuma praia d'Africa, sem a proteção d'uma rede d'arame, circunscrevendo uma pis-

ina. Os bons nadadores, os que gostam de se aven-
urar ao largo, brincando com as ondas, não podem
qui entregar-se ao seu virtuosismo natatorio, metidos
o fato de banho como n'uma camisa de forças.

Não baixou a temperatura; mas do mar vem uma
ragem fresca, que tempera as ardencias do sol quasi
pôr-se.

Na vasta bahia silenciosa, as aguas quietas como
'um lago adormecido, nem sequer o voejar d'uma
aivota nos prende os olhos á elegancia das suas cur-
as, dando nos pela sensação do movimento a cons-
encia da vida.

Como só amanhã entro no exercicio das minhas
nções de Alto Comissario, as unicas responsabili-
ades que por emquanto me pesam sobre os hom-
os, são as de ter aceitado a respectiva nomeação.

Porque a aceitei?

Era meu proposito, ha uns poucos d'anos, abando-
r a politica, mas não queria fazel-o sem ter empe-
ado o ultimo esforço para se organisarem, em base
lida, os partidos de governo na Republica.

Estava naturalmente indicado que se fundissem os
rtidos União e Evolucionista, ambos reclamando-se
conservadores, e pelos dois repartindo-se os ele-
ntos republicanos do Paiz que não tinham ingres-
do nem estavam resolvidos a ingressar no partido
mocratico. Todos os unionistas aceitavam a fusão,
uns recalcando fundas antipatias, esquecendo inju-
s e agravos, nenhum havendo que ao bem comum,
prestigio e segurança da Republica não sacrificasse
lo, com a resalva apenas de se manter ilesa a sua
nidade pessoal.

Veio a guerra, e por se me afigurar oportuna a
são, redobrei as minhas deligencias para que a fu-
se realisasse.

Havia o receio de que, fundidos os dois partidos,

eu aspirasse á suprema chefia da nova organisaçã
partidaria ?

Declarei que me offereceria para ir, em serviç
para França, e por lá me demoraria, pelo menos doi
annos, ainda que acabasse mais cedo a guerra. O
meus amigos acatariam o chefe que fosse eleito n
Congresso do novo Partido, e eu nem sequer n'ell
me filiaria no meu regresso de França.

Baldado foi o meu empenho, apezar de no partid
evolucionista haver muita gente, e da melhor, que d
sejava a fusão.

Em 1916 passamos de neutros a beligerantes, o
ganisando-se um ministerio a que se chamou naci
nal, saido d'uma alliança lybrida a que se convenci
nou chamar União Sagrada. Continuou governando
partido democratico, mas agora por delegação, sati
feitos os evolucionistas, alguns dos marechaes, porq
estando, de facto, a ser mandados, tinham os ar
de quem manda.

Em 1919 o chefe do Partido Evolucionista foi elei
com o voto dos democraticos, para a suprema magi
tratura da Nação. Voltei aos meus propositos de f
sionismo, certo agora de que elles não seriam bald
dos, porque assim convinha a quem, até áquelle m
mento, ferozmente a contrariara.

Fez-se a fusão, resultando d'ella o Partido Repub
cano Liberal, em que se integraram, mais tarde, os ce
tristas, que o dr. Egas Moniz chefiava. Ingressei
Partido Liberal, mas recusei fazer parte do seu Dir
ctorio, recusei ser o seu *leader* na camara dos dep
tados. Preparava, assim, a minha definitiva retirada
politica, que não efectivei imediatamente no receio
que alguns ministros cathegorisados fizessem como

Fui um dia, no ano decorrente, convidado pelo che
do Estado a organisar ministerio. Não aceitei o co
vite, justificando a minha recusa.

Mesmo as pessoas que sinceramente me estimavam, atribuindo sempre os meus actos, quaesquer que elles fossem, a honrados propositos, começavam a achar um bocadinho estranha a minha situação.

Não queria mais fazer politica ?

Estava muito bem, comtanto que não tivesse filiação partidaria.

Queria fazer politica ?

Importava, então, que a fizesse a valer, não me escusando a governar quando o Poder me viesse parar ás mãos.

Foi n'estas alturas que o meu amigo Ferreira da Rocha, ao tempo Ministro das Colonias, antigo unionista dos que mais brilhantemente se tinham afirmado no Parlamento, inteligencia largamente compreensiva e particularmente habil para os trabalhos de analyse logica, repugnante aos espiritos sem consistencia e sem disciplina, foi n'estas alturas que o Ferreira da Rocha, tendo batido inutilmente a varias portas, á busca d'um Alto Comissario para Moçambique, veio bater á minha porta.

Se eu aceitasse, a minha situação politica deixava de ser quivoca, e na minha ausencia, por menos que me demorasse em Africa, os unionistas d'hontem, agora liberaes, contrairiam deveres e assumiriam responsabilidades que definitivamente os prendessem ao seu novo Partido, embora eu da politica me affastasse para sempre. Iria buscar á Africa a minha reforma d'homem publico, reforma legitimamente adquirida, bem ganha, porque ir á Africa, a primeira vez, na minha idade, é quasi pela certa comprometer a saude, tendo a sorte de não deixar lá a pelle.

Certo é que aceitei, vencendo hesitações dolorosas, pois não ignorava que Moçambique é uma Provincia de muito dificil governação, de todas as nossas Provincias ultramarinas a mais dificil de governar.

Muito abandonada dos nacionaes, muito cubiçada dos estrangeiros, Moçambique carece, para se desenvolver e para não se desnacionalisar, d'uma administração excepcionalmente vigorosa e superiormente inteligente, capaz de arrojadas iniciativas na multiplicidade dos seus serviços publicos.

O homem que n'esta hora incerta, talvez perigosa, convinha pôr aqui, em Lourenço Marques, como Alto Comissario, era justamente o seu primeiro Comissario regio Antonio Ennes. Não podendo ser esse, porque morreu ha muitos annos, conviria que fosse o comissario regio que se lhe seguisse Mousinho d'Albuquerque.

Andam confundidos na minha admiração, na minha estima e no meu respeito estes dois nomes ilustres, os mais gloriosos, como já disse, da nossa historia colonial de ha quatro seculos a esta parte.

Ennes precedeu Mousinho na governação da Provincia; delineou uma obra administrativa que ainda não teve realisação completa, e que é um modelo de inteligencia e de saber, uma rara afirmação dos predicados que deve ter um estadista á frente d'um Paiz colonial em formação. Pouca gente conhece o relatorio de Antonio Ennes, relativo á campanha de 1895, no districto de Lourenço Marques, ignorando, por isso, os altos serviços que elle prestou á Provincia a conceber e a orientar operações militares.

Mousinho era um militar audacioso, distemido, valente como as armas, descendente em linha recta d'aquelle famoso Lidador que nas planices de Beja, n'uma arremetida heroica contra os mouros, teve morte gloriosa.

Mousinho era apenas isto ?

Não; elle manejava a pena com a mesma galhardia com que manejava a Espada, e os serviços que era capaz de prestar a Moçambique, na Secretaria do Governo valeriam os que lhe prestou nos campos da batalha. Creio bem que a Provincia não seria hoje o que é, se Mousinho não tivesse levantado contra si as furias do Terreiro do Paço, habituado á obidiencia passiva de todos os seus agentes de Administração. Orgulhoso em demasia para receber ordens imperativas, e nem sequer, por orgulho, permitindo que lhe dessem conselhos as creaturas subalternas que os jogos malabares da politica tinham colocado por cima d'elle, na hirarquia democratica, Mousinho tratava o Terreiro do Paço com sobranceria impertinente, o que lhe valeu ser obrigado a deixar o Governo da Provincia. — *Pedi-lhe marinheiros, não lhe pedi conselhos.*

Tinha optimos talentos de administrador o heroe de Chaimite, e muito bem o afirmou no seu relatorio de comissario regio. A prisão do Gungunhana, que lhe deu nome universal, resultou d'uma genial intuição de homem politico, sem deixar de ser feito militar.

Feito heroico?

Sem duvida; mas d'aquelle heroismo de pensamento, que Oliveira Martins contrapõe ao heroismo da acção, um e outro caracterisando o sul e o norte da Európa.

Alto Comissario depois de Antonio Enes, depois de Mousinho d'Albuquerque!

Meto-me na cama a ruminar o caso, e pela manhã acordo tendo, a dormir, adotado uma resolução, que vinha a ser esta — não aceitar.

Podia lá ser, ir governar uma Provincia que tinha sido governada por Antonio Ennes e Mousinho d'Albuquerque!

A remexer em papeis, emquanto não almoço para ir ao Terreiro do Paço declarar que não irei para Moçambique, encontro um retrato, que me faz evocar recuados tempos de vida academica, em Beja, frequentando o lyceu, e que muda a resolução que adoptara, dormindo, e a dormir raciocinando talvez com melhor criterio que desperto.

Ganso d'Almeida, meu condiscipulo, era um rapaz muito inteligente, muito amigo de ler, e tinha uma graça infinita. De quando em quando dava-lhe para fazer versos, quasi sempre satyras e epigramas.

Um dia, a gracejar, tendo-me elle lido uma ode que fizera na vespera, perguntei-lhe:

— Como diabo é que fazes versos depois de leres Victor Hugo?

E vai elle responde, como a justificar-se d'uma acusação grave:

— Peço perdão, mas eu não faço versos depois de ler Victor Hugo; faço-os depois de ler o Pedro Covas.

Vinha a ser o Pedro Covas um poetastro da Vidigueira, colaborador de todos os almanaques de Portugal e Brasil, com estravasamento de rimas por alguns jornaes da provincia. Pedro Covas, a poetar, abusava talvez das liberdades que a Carta garantia a todos os cidadãos, e como isso lhe dava prazer, e não prejudicava ninguem, sangrava a veia poetica até quasi ficar anemico. A especialidade de Pedro Covas era o acrostico, genero de composição poetica, então muito em uso. Ganso d'Almeida entretinha-se, muitas vezes, a parodiar-lhe a versalhada, mandando-lhe a troça pelo correio.

Reflectindo na resposta dada, achei que o meu amigo tinha rasão. Só um verdadeiro, autentico poeta tem o direito de fazer versos depois de ler as *Orientais*; mas pode qualquer ter escrupulos de versejar depois de ler o *Almanaque de Lembranças?*

São horas de ir para o emprego.

No jardim, a caminho da Secretaria, um velho colono, vindo ao meu encontro, dá-me familiarmente os bons dias, e informa que o Enes e o Mousinho, em geral, despachavam na Residencia.

Desfecho-lhe esta, que o deixa aturdido:

— Pois sim, mas o Pedro Covas despachava sempre na Secretaria.

Forte de semelhante evocação, animado da coragem que ao Raposão faltou no momento em que iria cair lhe nas mãos a fortuna da Titi, instalo-me no gabinete de despacho e toco a campainha, chamando o contiuuo.

— Saberá v. ex.ª, que já chegou o sr. director da agrimensura.

— Mande entrar.

Começa a minha administração.

Que Deus lhe ponha a virtude...

Livraria Editora Guimarães &

68, RUA DO MUNDO, 70 — LISBOA

Augusto Gil

O canto da cigarra	4$00
Gente de palmo e meio	4$00

André Brun

Sem pés nem cabeça	4$50
Sem cura possivel	4$50
Cada vez peor	4$50
Praxédes, mulher e filhos	3$50
Folhinha de qualquer ano	4$50
A malta das trincheiras	4$50
Almas d'um outro mundo	3$50
A vida de um rapaz gordo	4$50
A visinha do lado	3$00

Alberto Pimentel

Notas sobre «O Amor de perdição»	3$00
A primeira mulher de Camilo	3$00
O Arco de Vandoma	4$50
Terra prometida	4$50
A côrte de D. Pedro IV	4$50
A porta do Paraiso	6$00
Princeza de Boivão	3$00
O melhor casamento	4$00

Brito Camacho

Ao de leve	4$00
Impressões de viagem	4$00
Nas horas calmas	5$00
Gente rustica	5$00
A caminho d'Africa, 1 vol	4$00

Carlos Ferreira

Ensaio historico sobre a «Dama das Camelias»	4$00

Damião de Goes

Cronica do principe D. João	4$00

Delfim Guimarães

Bernardim Ribeiro (o poeta Crisfal) ....

Theofilo Braga e a lenda de Crisfal ....

A' memoria de Herculano .....

Outonaes ....

Aos soldados sem nome ....

Asas de Portugal ....

Francisco d'Andrada

Cronica de D João III, 4 vol. (1796) ....

Garcia de Resende

Cancioneiro geral, 5 vol. ......

D. João da Camara

A cidade ....

Contos ....

Meia noite ....

Luzia

Os que se divertem ....

Manuel Ribeiro

A Catedral (4.ª edição) ....

O Deserto (3.ª edição) ....

V. Chagas Roquete

Coisas minhas ....

O Senhor roubado ....

D. Perpetua que Deus haja ...

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00038374954